

memórias de parahybuna  
*Zé Borracha*



CADERNOS CULTURAIS -2



Restaurante e Lanchonete

# FAZENDÃO



A Tamoiós passa por aqui

Tel. (12) 3974-0589

Sentido SP - Rodovia dos Tamoiós, km 45 - Paraibuna - SP  
Sentido Litoral - Acesso km 43.8

## DESPACHANTE PARAIBUNA

Licenciamento, transferência  
e renovação de veículos e CNH

Tel: (12) 3974-0664

Fax: (12) 3974-0116

paraibuna.desp@superig.com.br

Rua Major Ubatubano, 130

PARAIBUNA AUTO PEÇAS

# PNEUS & BATERIAS

PNEUS NOVOS, REMOLDADOS  
E RECAPADOS

*Pagamento em até 10 vezes*

## 3974-0611

Pça Prof. Benedito Mário Calazans, 21



MÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS

CELULARES ELETROPORTÁTEIS MÓVEIS -  
VIDEOGAMES CAMA, MESA, BANHO



LOJA 2 - Rua Cel. Camargo, 13 - Calçadão  
PARAIBUNA - SP - TEL. (12) 3974-4100

LOJA 3 - Rua Dr. Altino Arantes, 558 - Caraguatatuba - SP

# BAR DO PEPO

*Dito e Pepo*

SKINA'S LANCHES

SABOR E QUALIDADE

Pizzas, Sucos, Vitaminas e Lanches em Geral

Tel. (12) 3974-0164 / 99719-2317

Rua do Meio, 59 (Calçadão)

# AGROMOURA

PRODUTOS AGROPECUÁRIOS EM GERAL

## TUDO PARA SEU SÍTIO

*A maior variedade de chapas p/ fogão à lenha do Vale*

Tel.: (12) 3974-0533

Av. São José, 137 - Paraibuna - SP

# SANTA CASA SAÚDE

Solicite um orçamento ou visita sem compromisso.  
Consultor exclusivo Santa Casa Saúde, Residente  
em Paraibuna

FAÇA SEU PLANO SEM SAIR DE CASA

e-mail: vendas.adriano@ig.com.br

Adriano Miranda: (12) 3974-0444 / 98818-3164  
99799-1741

PÃO PERFEITO



PÃO QUENTE A TODA HORA

Tel: (12) 3974-0202

Pça. Marcelino A. de Moura, Rodoviária

# NOVA

## IMPRESSÃO INFORMÁTICA

Tel. (12) 3974-3967

Recarga de cartuchos e toners  
Venda e manutenção de impressoras  
Venda e manutenção de computadores, Notebooks

Venda de Xbox, Ps3 e acessórios  
Rua Coronel Nabor Nogueira Santos, 215  
(Em frente a Escola Irmã Zoé)



### Móveis e eletrodomésticos

em geral

Tel. (12) 3974-0234

Largo do Mercado, 192



Visite nosso  
show room

Tudo para sua construção



Tel.: 3974-0190 - 3974-3685

Av. São José, 166 - Centro - Paraibuna-SP

www.depositovaleverde.com.br  
contato@depositovaleverde.com.br

## Gouveia & Lima

Automóveis

Vendas Consignadas

Compra - Venda - Troca - Financia  
OKM e Usado



*Aline*

Fone/Fax: (12) 3974-0965 / Cel: (12) 99771-0975

R. Cel. Nabor Nogueira Santos, 246 - Centro  
CEP 12260-000 Paraibuna - SP



## Açougue do Benão

Servimos bem para  
servir sempre

Completa linha de produtos para churrasco

Bovinos / Suínos / Frango e seus derivados

Tel. (12) 3974-0642/99724-0654

Largo do Mercado, s/n  
Box 37 - Mercado Municipal - Paraibuna-SP

Rede

# Vale Construir

Martelo  
Sempre perto de você.

Telefax

(12) 3974-0523/3974-0633

Rua Major Soares, 251-Centro Paraibuna-SP  
martelo@valeconstruir.com.br

## Martelo Agropecuária Casa & Campo



Rações - Jardinagem  
Utilidades Domésticas  
Implementos Agrícolas  
Medicamentos  
Pet Shop  
Selaria

Tel. (12) 3974-3767

Av Benedito Nogueira Santos, 534  
Paraibuna - SP

Renato

## CELESTE IMÓVEIS

Tel. (12) 3974-0178 / 3974-0268 Fax. (12) 3974-0016

Cel. (12) 99778-5549

renato.pceleste@r7.com

www.paraibunarenatoceleste.blogspot.com.br

Creci 25500

Rua Major Ubatubano, 111 - Centro - Paraibuna - SP

## **PRODUÇÃO E EDIÇÃO**

Instituto Chão Caipira Malvina Borges de Faria

Presidente José Vicente de Faria

Paraibuna-SP - [www.tvchaocaipira.com.br](http://www.tvchaocaipira.com.br)

**Coordenação** - João Rural

**Digitalização** - Patrícia Suzuki Fernandes e Thaís da Rosa,

**Revisão** - Rogério Faria e Patrícia Suzuki

**Diagramação** - João Rural e Yasmim Gomes,

**Impressão** - Editora Gráfica Mogiana

Paraibuna, março de 2014

Textos publicados nos jornais “Folha da Serra” e “O Paraibunense”  
período de 1980 a 2002.

# Causos Verdadeiros

## Zé Borracha

*A minha esposa Cidinha, aos filhos Anderson (em memória), Adriana, Alessandro, Gabriel, Jú, aos netos Tatiane, Talita, Gabriela, Maria Antonia e a bisneta Isabele.*

**Paraibuna, março de 2014**

## **Ao nosso homem borracha**

Antônio dos Santos, o Zé Borracha, nasceu em 8 de julho de 1951 no Bairro do Ribeirão Branco, filho de Vicente Neves dos Santos e Pedrina Soares de Faria. Depois de uma infância roceira, com sete anos foi morar em Paraibuna, na Rua do Dominguinho.

Como a família era católica, Borracha foi para a cruzada ser coroinha na Igreja Matriz. A irmã era costureira e fez um terninho branco para ele e um irmão. Andavam juntos pela rua com destino à missa. E, assim, seu irmão passou a ser conhecido como papagaio e ele periquito.

Estudou até a admissão e depois voltou pra morar no Bairro Escaramuça, onde ficou um ano, ajudando o pai na produção de leite. Em 1970, foi embora para São José dos Campos, onde ficou seis anos trabalhando na Avibrás e General Motors como colocador de ferramentas. Casou-se em 1973 e teve três filhos e dois adotivos. Tem quatro netas e uma bisneta. O primeiro filho, já falecido, virou o Borrachinha. Em 1976, voltou pra Paraibuna e foi trabalhar num bar de seu tio em frente ao cemitério, com uma borracharia ao lado. Em seis meses, comprou este negócio do seu tio, para ficar a vida inteira. Nasceu assim o Zé Borracha.

A contar causos, começou na General Motors, onde conheceu outros contadores. Passou então a decorar causos e recontá-los, principalmente adaptando com a realidade do Ribeirão Branco.

Escreveu no Jornal Folha da Serra; participou de concursos e, em 1983, fez o primeiro show no Caipira Restaurante e Bar, do João Rural. A partir de então fez apresentações em vários locais e festas.

Um grande momento como contador de causos foi no programa Viola Minha Viola, gravado em Paraibuna.

No Revelando São Paulo, apresentou-se várias vezes e, mais recentemente, gravou com Vinicius Valverde para o Papo Vanguarda. O apresentador considera uma das melhores entrevistas que fez para seu programa.

“Istandapi”? Ele não sabe o que é isso! Achava até que era uma doença pegajosa... Quando ouviu a explicação, descobriu que fez isso a vida inteira, mas o jeito caipira sempre sobressai.

Considera que o caso não acaba, a cada dia pode aparecer uma nova história. Muitas vezes uma coisa insignificante pode virar um caso. Um detalhe interessante: em seus causos não há sequer uma besteira, uma baixaria.

“Hoje em dia, causos têm que ter apelação, palavreado pesado, o que não vale a pena.”

Pretende continuar na borracharia onde fez a vida, mas quem encosta por ali sempre leva um caso de graça.

João Rural

# Folha da Serra - Novembro de 1980

No último dia 1º, grande população afluiu ao “Estádio Beira Rio”, em Paraibuna, para assistir à sensacional decisão do 1º Campeonato Beira Rio. Contou com a participação das melhores equipes esportivas do município. São elas: Ranca Toco, Sucatão, Jacá, Eta Diabo, Bicho Bom Amaro, As Panteras, Os Malucos, Demônios da Filadélfia e Ted Lover. As duas finalistas foram Ted Lovers X Bicho Bom num jogo memorável, que jamais será esquecido pela plateia de 30 pessoas.

Equipes: Ted Lover: Silvinho, Nê, Cornélio, João de Barro, Toninho Macaco, Zé Luiz Banespa, Luiz Prancha e Mario Telekéte. Bicho Bom: Juca Galo Cego, Paulo Mimi, Bodão, Táxi Aéreo, Messias Camarão, Luciano, Goela e Pizza TricTric.

O jogo

O jogo começou com duas equipes, uma de cada lado, jogando um futebol nervoso, devido ao clima que envolvia essa decisão, com um público que tomou todo o estádio, fora os passageiros de carros particulares e dos ônibus que passavam na estação rodoviária. No final do jogo, a vitória sorriu para o Bicho Bom por um 3 a 2.

Análise individual

Ted Lover

Silvinho: Não repetiu suas grandes atuações, mas também não foi culpado nos gols que tomou. Nota 6.

Nê: Grande destaque de sua equipe, mas não o suficiente para conter o ataque adversário. Nota 8.

Cornélio: Esteve em tarde de gala, com futebol de primeira. A rigor só teve uma falha durante todo o jogo. Nota 9.

João de Barro: Estava perdido em campo, não ajudava sua defesa e muito menos auxiliava seu ataque; acabou expulso, embora injustamente. Nota 2.

Toninho Macaco: jogador manhoso, matreiro e muito violento, quase estragou o espetáculo. Nota 3.

Zé Luiz Banespa: fez o gol de abertura, mas depois caiu muito de produção, e está fora de forma, mesmo assim lutou muito. Nota 6.

Luiz Prancha: não consegue reencontrar seu verdadeiro futebol. Nota 5.

Mario Eugenio: Esteve mal na partida, não foi nem sombra do grande craque que é, mas fez um golaço. Nota 6.

Bicho bom

Juca Galo Cego: Indiscutivelmente a melhor figura em campo; com arrojo e tranquilidade garantiu o título, está na melhor fase de sua carreira, pena que já esteja praticamente vendido para o futebol mexicano por 50 dólares. Nota 9.5

Paulo Mimi: Prontificou-se e, mesmo sem contrato, jogou, mas não foi dos melhores. Está sonhando com uma transação milionária. Nota 5.

Bodão: Esteve em plano elevado, jogou grande partida; não aparece para a torcida, mas é útil ao time (é dono do Bicho Bom). Aliás, acho que é um dos únicos grandes times do Brasil em que o cartola entra em campo. Nota 7.

Táxi Aéreo: Em grande forma. Está merecendo uma chance na Seleção Brasileira. Nota 8

Messias Camarão: Fez um lindo gol e caiu de produção. Tem futuro. Nota 6.

Luciano: Lutou muito, levou botinadas o jogo inteiro e, no final, fez gol, contribuindo com a vitória. Nota 8.

Goela: Em péssima jornada, mas mesmo assim fez seu gol. Nota 8.

Pizza TricTric : Foi o maior jogador em campo (1,89 metros de altura), mas, de futebol, não representou nada. Tumultuou a partida e ainda se insurgiu contra a arbitragem. Nota 1.

João Draconiano: Entrou no lugar do Táxi Aéreo e não teve tempo de aparecer. En-



trou só para ganhar prêmio integral.

Obs.: Pedimos desculpas aos nossos leitores por esta reportagem ter saído sem fotografias, pois nosso repórter fotográfico estava em missão de guerra no Iraque e imediatamente voou para os Estados Unidos para cobertura das eleições.

## **Folha da Serra- Dezembro 1980**

Num domingo destes, pela manhã, fui assistir ao já tradicional racha no campo do São Rafael. É um futebol diferente, que exige respeito. Para participar dele, o atleta precisa ser velho, barrigudo, careca e, o que é pior, ser ruim de bola. Qualquer dessas características preenche os lances principais.

Vamos, então, descrever alguns lances bastante curiosos.

Pizza Tric-Tric, já conhecido de todos, estava tão atrapalhado e caindo em campo, que surpreendeu. Não era pra menos. A pressa de entrar em campo fê-lo, distraidamente, amarrar um ao outro o cadarço das chuteiras. Não conseguia andar, é claro! Zê Flávio, o Pradera, ao bater um tiro de meta, errou a bola, passando o pé por cima dela: na volta, bateu-a com o calcanhar, fazendo gol contra. Estilo Dr. Sócrates, hein? E ainda ficou bravo, querendo brigar, sob a alegação de que haviam amarrado um barbante na bola, que foi puxada, pensou, quando ia chutá-la. Spicho só não é mais rápido por falta de espaço. Cobrou um escanteio, correu pra área, bateu de cabeça, fez o gol e saiu abraçando ele mesmo.

Zê Cachaço, ao levantar o pé, acertou o nariz de um adversário. Qual surpresa! O nasal foi arrancado e o corre-corre não foi pouco à procura dele, que havia caído no meio do mato. Procura daqui, procura dali e nada. Um pedaço de fumo, bem forte, veio à ideia. Jogando-o numa touceira, um espirro denunciou o esconderijo do dito cujo. Imediatamente, a operação de implante, só que sem técnica alguma. Um buraco ficou virado para e cima e, logo após, quando uma chuva torrencial tomava conta da cidade, a vítima quase morreu afogada.

Baratinha defendeu um pênalti e ficou todo empolgado, mas por pouco tempo...

Ficou bravo quando o juiz deu gol. Logo percebeu a razão do desajuste: em seus braços, apenas o capotão. Nas redes, estava a câmara. Na dúvida...

Nova bola em jogo e o delírio da torcida. De repente, Kojak, ao travar uma bola com Robertinho da Caixa, o fez violentamente e de bicuda, não devia ter sido tanto, enfiou o pé dentro da bola, obrigando a paralização do jogo, já que não havia outra pelota disponível.

Até na hora de vir embora, outro lance curioso: Pizza TricTric, que estava muito irritado e com pressa, ao vestir a roupa, abotoou a camisa à calça, não conseguindo endireitar o corpo. Mais uma vez os companheiros para socorrê-lo.

## **Folha da Serra - Dezembro de 1980**

Não obstante a reforma do estádio municipal e o período de férias dos nossos jogadores, os craques dos “Stilosos” de Paraibuna, ainda que correndo o risco de serem punidos pela CBF, resolveram programar jogos beneficentes neste final de ano. Já está praticamente tudo acertado com o empresário Geraldo Pararaca para o “mundialitro” em Paraibuna.

### **CONVOCAÇÃO DOS CRAQUES**

O técnico Hélio Barbeiro (o que faz a cabeça da moçada) divulgou a lista dos jogadores que iniciarão os treinamentos, com vista ao “mundialitro” a ser realizado possivelmente no começo de 1981 no ESTADIO BEIRA DO AÇUDE (São Rafael) e no SATÍRIO DE OLIVEIRA (Beira Rio), cujo vestiário, em um capão de mamono, já está

pronto. A comissão técnica, da qual fazem parte SEBASTIAN “MOURA-MOURA” (aquele que toma conta da garrafa), Dr. Fernando Melloso (aquele que receita xarope licoroso), Dr. Adenir de Souza (médico veterinário) e LolySacomoney (o homem da mala preta), convocaram os seguintes atletas:

**GOLEIROS:** Bacalhau, Boizão, Baratinha e DerciPomarola. O titular será escolhido através de sorteio pela zooteca.

**DEFESA:** Bodão, Bigode, Biju, Bionicão, Zé Borracha (agora repórter internacional da Folha da Serra, que está sendo chamado de Zé Buckrogers), Mario (Telekète), Zé Taquara, Laurinho do Turco, Zé Pradera, Paulo Prancha, Sevão, Paulo Mimi, Miro-Miranda e Tate Maravilha. A escalação da defesa titular será disputada no grito, como sempre. Meio-campo: Titi, Moreno do Laurinho (ex-Bidito), Pizza Tric-Tric, Robertinho e Ruinzão D-8. Como se vê, não vai ser mole desembolar esse meio campo. Atacantes: João da Pia, Jaime “Cheque Ouro”, Spicho, Kojak, Zé Risadinha, Rubens e Cesinha Kamikaze (este está correndo mais que notícia ruim). Os grandes desfálques serão, sem dúvida, Luiz Febem, que foi negociado com Xingu Cabaça Clube, e Tucuruí (que formara dupla de área com o cacique Juruna), João Draconiano (Johnny Maclauda), em vias de ser negociado com o Iraque. Por outro lado, encontram-se entregues ao departamento médico os seguintes atletas: Ivan Tabora, com problemas de barriga d’água (também, não sai da piscina...); Miro Miranda, com os poros entupidos de Gelol; Zé Borracha, com problemas psico-odontológicos (sem as dentaduras seu futebol não é o mesmo); Laurinho, que está se recuperando de uma grave contusão na perna esquerda e, também, da dupla Pizza Tric-Tric e Cesinha Kamikaze, com problemas de ressaca crônica. Para infelicidade do técnico Hélio Barbeiro (também conhecido como Relê Santana), os doutores F. Melloso e Adenir de Souza garantem que todos esses atletas logo terão condições de jogo.

## **Folha da Serra – Janeiro de 1981**

O futebol apresenta casos incríveis, que sempre gostamos de lembrar. Agora, face às férias dos jogadores e também a cidade estar sem futebol, vamos nos reportar a um quadrangular promovido pelo Bazar do Deia, no bairro do Ribeirão Branco. Nesse torneio, a nota estranha realmente foi que o “quadrangular” tinha apenas três participantes (não falei nada, pois o Deia e o Marcio são meus amigos): o Ribeirão Branco, Natividade da Serra e Comercial F.C.

Mesmo com apenas três equipes, o quadrangular se desenvolveu num clima de festa e muita euforia, com os jogos prestigiados por um público de 70.000 pessoas aproximadamente - não sabemos com exatidão, pois além da inevitável evasão de renda, também estavam enguiçadas as catracas eletrônicas.

Mais curioso ainda, foi a conquista pela equipe da casa; fez o jogo de abertura e perdeu, mas no final foi campeã invicta do “quadrangular”, como dizem os mais fanáticos. Outro fato curioso aconteceu com o técnico do Ribeirão Branco. Pediu pra um crioulinho que jogasse na meia-esquerda. E, para sua surpresa, e de todos em geral, o citado jogador deixou no vestiário a meia do pé direito, entrando em campo com apenas o pé esquerdo vestido, pois havia recebido ordem para jogar de meia esquerda.

O índice técnico foi dos piores, com a violência imperando em campo durante todo o jogo, dando trabalho aos maqueiros e à Dona Maria, curandeira do bairro.

A grande expressão desse quadrangular foram, sem dúvidas, as contratações fantásticas feitas em cima da hora pela equipe da casa, que, num arrojo incrível, contratou de uma só vez os craques: Rui do Zicão, do Stiloso, por uma soma mirabolante; Nei (Brasinha), do Tchaco Petroleiro da Tchecoslováquia, cujo passe

ultrapassou os 15 dólares.

Com jogadores desse nível técnico, mais a experiência e perspicácia do libero Zé Borracha (modéstia a parte), o grande público aplaudiu, em pé, todas as jogadas (também, não tinha onde sentar...).

Depois desse quadrangular (ou triangular?), acho que ficamos conhecidos internacionalmente, pois tanto a Rádio Cupi de Jambeiro, como a Taquarussú do Bairro Alto, deram ampla cobertura desse acontecimento, mesmo sem haver necessidade, pois não choveu durante todo o dia.

## **Folha da Serra Janeiro 1981**

Recordando as grandes equipes que surgiram em Paraibuna, uma, realmente merece destaque. É a “Esmaga Sapo Futebol Clube”, cuja formação oficial era: Bodinho, Caduco, Maluco, Pelado, Defunto, Juvenal, Juca Cego, Paulo Prancha, Ivan Tabora, Pizza Tric-Tric e Luiz Gambá.

A decisão do campeonato de 1961 foi marcada para um campo neutro. Seria disputada em Redenção da Serra para evitar conflitos em nossa praça de esportes, pois toda decisão tinha um clima de guerra.

Um mês antes, o técnico Geraldo Pararaca providenciou tudo, inclusive reservou as passagens para evitar correria de última hora.

No momento do embarque da delegação, houve grande sururu com o chefe da viação Carro de Boi Ltda., que alegou não haver passagem para Redenção da Serra. Depois de uma discussão generalizada, o responsável por toda aquela bagunça se prontificou a provar que realmente não havia mais passagem para a referida cidade. Serenou os ânimos, embarcando os membros da delegação no respectivo carro de boi. Foram, então levados até um certo trecho do caminho apenas, onde, na véspera, uma enchente havia carregado a ponte. Esta era a passagem a que eles se referiam!

Como todos estavam imbuídos do mesmo propósito - disputar, a qualquer custo, aquela decisão - atravessaram a nado e foram participar do grande jogo. Pizza Tric-Tric (sempre ele), que nunca soube chutar direito uma bola, cobrou uma falta com tanto efeito que, quando o goleiro devolveu-a ao jogo, a mesma ainda continuava com o efeito (retardado), tomando um rumo adverso e voltando para o gol. A euforia e comemoração foram enormes, até que o Pizza descobriu como havia conseguido aquilo: havia calçado a chuteira esquerda no pé direito e, ao tentar dar de bicuda, acertou um chute indefensável.

Luiz Gambá, por sua vez, ouviu o técnico pedindo que cobrissem o lateral esquerdo Defunto, o qual estava descendo para o ataque. Ele, inocentemente, correu ao vestiário pegou uma toalha e, num pique sensacional, alcançou o lateral a tempo de cobri-lo, para delírio da torcida.

Ivan Tabora fez um gol de placa e saiu na maior alegria. De repente estranhou que seus companheiros, ao invés de abraça-lo, estavam xingando-o veementemente. Foi quando percebeu que o jogo já estava no segundo tempo, e ele, distraidamente, não havia mudado de lado, marcando gol contra.

O vento estava terrivelmente forte, a favor do ataque do Esmaga Sapo. Aos 44 minutos do segundo tempo, Paulo Prancha atrasou violentamente uma bola para seu goleiro, que não conseguiu pegar; por sorte a bola bateu no travessão e voltou. Ajudada pelo vento forte, atravessou todo o campo, entrando no gol adversário e dando o título merecidamente ao Esmaga Sapo Futebol Clube.

Até hoje ninguém soube com quem o Esmaga Sapo disputou a final.

Será que foi com ele mesmo?...

## **Folha da Serra - Fevereiro de 1981**

Começou com força total o campeonato de futebol de salão em Paraibuna, com nove equipes divididas em duas chaves (quatro e meia em cada), disputando chave contra chave, e revelando grandes jogadores nesta modalidade esportiva.

Quero ressaltar (não é saltar novamente), que a quadra de futebol de salão da AEP é a única no Brasil, ou talvez até no mundo, com um sistema de drenagem (veja e comprove) e também um buraco no meio que, dizem as más línguas, ali já caiu um jogador de uma equipe infantil e até agora não conseguiram resgatar o garoto.

Fato curioso aconteceu num jogo em que o PizzaTric-Tric fez um lindo gol e um torcedor, vibrando intensamente com esse feito, engoliu as dentaduras (não pensem que foi Zé Borracha). Teve então que ser socorrido às pressas.

A violência também está presente em quase todos os jogos: destaque para ITAPEVA X MDEC, quando houve de tudo, capoeira, luta livre, rabo de arraia e pesco-tapa (é uma espécie de pescoção e tapa). Só não houve futebol.

O gol mais bonito até o momento foi sem dúvida o de Homero, que já está sendo chamado de Homeradona. Recebendo um cruzamento da linha de fundo, amorteceu a bola no peito e, ao ver o goleiro adiantado uns cinco centímetros, ele colocou por cobertura no ângulo superior esquerdo e saiu pulando e abraçando ele mesmo.

Agora, o técnico, jogador e dono do time em que Homero joga, o Sr. Carlão Asa Delta, vai entrar na justiça desportiva, pois quer ser reconhecido como o descobridor deste jovem atleta que surge.

Quero destacar o surgimento de uma poderosa equipe de futebol de campo em Paraibuna. É o "Águia Negra E.C.", que, em sua estreia no último dia 25 de janeiro, venceu o Natividade da Serra Futebol Clube pela contagem de 2x1. Gols de Nei e Robertinho. Os outros atletas com contrato exclusivo são: Zezinho, Mário Eugenio, Zé Borracha, Carlinho, Cuba, Bidito, Linão, Donizete, Arnaldo, Silvinho, Luciano, Roberto Pirilampo.

Queremos agradecer a maravilhosa acolhida que recebemos do povo de Natividade, o qual veio provar que o esporte é para fazer amigos, e esperamos muito em breve poder retribuir o carinho que foi dispensado. Parabéns, desportistas natividadeses, pelo magnífico estádio que possuem e pela demonstração de amizade e coleguismo.

## **Folha da Serra - Fevereiro de 1981**

Confirmado seu favoritismo, a equipe da CEESP (Caixa) sagrou-se bicampeã de futebol de salão do campeonato de férias da AEP.

Foi, sem dúvida, a melhor equipe do campeonato, pois manteve a mesma base do ano passado, a não ser no gol, onde Silvinho substituiu Boizão, e esteve muito bem. Méritos também para a equipe vice-campeã, o Apolo V, muito bem montada pelo técnico Zé Menotti. Não fosse o protesto de última hora com o goleiro Baratinha, que foi substituído por Capivara, a coisa poderia ser diferente. Mesmo não sendo goleiro, entrou para cooperar e merece elogios, pois esteve muito bem.

A decisão não foi emocionante como das vezes anteriores, pois os dois times estavam demais, e sem conseguir realizar grandes jogadas, a não ser em lances esporádicos com Dito Barata, que estava infernizando a defesa adversária, ou com Arnaldo e Bidito, de outro lado, que mesmo não estando em grande dia mereciam atenção especial do adversário. O resultado de 5 X 2 para a equipe da CEESP foi, também, um prêmio, pois mesmo jogando melhor não merecia um placar com mais de um gol de diferença.

A equipe do Apolo, se tivesse um bom goleiro e um jogador experiente como Zé Borracha, daí, sim, seria mais fácil ganhar o título que empurrar bêbado da escada (rolante).

A comemoração da vitória foi feita na lanchonete “Los Cubanos”, e só terminou quando Bidito e Zé Rubens conseguiram dar fim de todo o estoque de “mê” do Laurinho. Atacante pra enfrentar Linão e Êder, só mesmo jogando de trator de esteira, e olha lá, ainda...

Tonhão Capoeira e Lininho Capivara, ambos do Apolo, foram sem dúvida a alegria do time (adversário). Temendo que Pizza Tric-Tric aprontasse das suas, os dirigentes da CEESP telefonaram avisando que o jogo seria na quinta-feira, e na verdade foi na quarta. Quando ele chegou já era campeão (só assim mesmo).

Comenta-se que a AEP entrará com ação contra o jogador Laurinho para receber prejuízos ocasionados por ele. Ao errar um chute na bola acertou a quadra, deslocando-a cerca de 60 cm, trincando o pé em três lugares e partindo a ferradura que ainda estava nova.

Está sendo também apurada a tentativa de suborno feita por Zé Mandioca Menótti ao goleiro Silvinho, da CEESP. Ele precisa ser punido, como também precisa ser Silvinho, por não ter aceitado o dinheiro. Bidito e Zé Rubens só jogaram bem porque estavam motivados pelo bicho extra (10 caixas de cerveja e três de paulistinha). O bicho normal foi 15 de cerveja e uma de paulistinha.

## **Folha da Serra - Abril de 1981**

Em face das férias do nosso Marechal Humberto Castelo Branco, o estádio municipal, sou obrigado, mais uma vez, a buscar no meu caderno de anotações algum fato pitoresco acontecido no passado.

Por volta de 1971, realizava-se em São José dos campos a XX Olimpíada Estudantil, com a participação de várias cidades do Vale do Paraíba. E Paraibuna estava lá. Para representá-la, prepararam-se vários atletas, pois sabiam que seria a grande chance de serem conhecidos internacionalmente. Nossa equipe era, na maioria, composta por atletas jovens e ainda desconhecidos. Os poucos que tinham alguma fama e, conseqüentemente, eram conhecidos do grande público eram Betão, Bidito, Ivan Taborda e Geraldo Pararaca. Não conseguimos nenhuma medalha, mas fomos a equipe que marcou a melhor presença, pois sempre que alguém de nossa delegação se apresentava, acontecia algo hilariante.

Nosso primeiro atleta a se apresentar foi Bidito, nossa grande esperança nos 100 metros rasos. De fato ele correu espetacularmente, mas ao ultrapassar a linha de chegada, em vez de cortar a fita que assinalava a chegada, inexplicavelmente, ele passou por baixo. É lógico que esse fato causou sua desclassificação. Mais tarde, Bidito confessou que não sabia se era para cortar a fita. Além disso, culpou seus treinadores, que nunca o ensinaram a arrebentar a fita. Para ele aquilo era um simples arame, que poderia ter sido colocado para atrapalhar a sua liderança na corrida.

Depois, nossa atenção foi toda voltada para o jovem Betão, que iria participar do arremesso de disco. Mas, nova surpresa. Aguardávamos, pois, ele tomar bastante impulso, girou tanto o corpo que atrapalhou-se todo, derrubando o disco no pé... A sorte é que a segurança já estava de prontidão e foi atendido imediatamente.

Quando os alto-falantes anunciaram um novo representante de Paraibuna, o público todo ficou ouriçado. Todo mundo já esperando que algo inusitado fosse acontecer. Era a apresentação de Ivan Taborda, nossa grande e real esperança de conseguir ao menos uma medalha de ouro. Ao fazer a saudação, foi aplaudido

de pé, que a essas alturas, para descontentamento das outras delegações, só se importavam com representantes de Paraibuna. Todos esperavam que algo incrível acontecesse. Realmente aconteceu! Depois de calorosa recepção, com Ivan Taborda mais emocionado que pai em porta de maternidade, fez-se um silêncio sepulcral. Ivan Taborda deu uma carreira de mestre, encostou sua vara no chão e pulou com perfeição. Passados alguns segundos notou-se a explosão de alegria do público. A nossa esperança deu um pulo com tanto impulso que foi cair fora do estádio onde se realizavam as provas. Depois, já mais calmo, engessado da cabeça aos pés, Ivan declarou à imprensa que tinha recebido ordens para pular o mais alto possível e assim o fez.

## **Jornal Folha da Serra - Abril de 1981**

A nossa reportagem, apesar das grandes realizações esportivas na cidade, foi assistir ao já tradicional racha de todas as terças, quintas, sábados e domingo, no Estádio Pica-Pau (não é o amarelo). De lá voltei encantado com o que foi apresentado. Tanto pelo futebol, como pelos lances que aconteceram. Aliás, em face de essa beleza que vimos, já estamos até pensando em organizar uma excursão para os próximos jogos. Já estão acertadas as carroças do Zé Dito e do Zé Ricardo. Mas, voltando à famigerada peleja a que assisti, ressalto a atuação do atleta Lauro Vieira, que, mesmo jogando descalço, travou uma bola com Zé Juruna, mandando-o ao brejo. Foi preciso usar o guincho para tirá-lo de lá e ,ainda por cima, arrancou todas as travas da chuteira. Achamos algumas enfiadas no vão do dedo do pé. Interessante foi o azarado do Juca Cego tentando cabecear uma bola. Errou e acertou o barranco, torcendo o pescoço. Prova disso é que sua dentadura foi parar na nuca. E aconteceu só isso porque era seu dia de sorte. Tito, coitado, estava jogando sem óculos. Enfiou o pé em um pequeno buraco de tatu, localizado no centro do campo. Com isso, torceu o pé, e o mais incrível foi que ele mesmo não percebeu, tanta era a sua euforia em jogar. Mas eu, que estava mais calmo, notei, pois ele vinha andando em minha direção, mas, quanto mais andava, mais se afastava do local em que eu estava. Conclusão de tudo, estava com o calcanhar virado pra frente. Com a descoberta, a equipe médica entrou em ação. Pegaram o rapaz e fizeram-no enfiar o pé no buraco novamente, isso em plena corrida. Tudo bem, o rapaz ficou bom do pé, apesar de ficar meio traumatizado com essa história toda. Podia falar mais desse jogo, mas fica só nisso, porque, senão, a minha excursão vai ser um fracasso.

## **Folha da Serra – maio de 1981**

Finalmente volto com um assunto da atualidade. O racha nos “Walons” (ex-Pica-Pau) contou nesses dias de feriados com figuras variadas, algumas ilustres, outras simplesmente ilustradas, tais como: Ivair Pimpão e Arigatonês (primo do Aragonez). O primeiro veio diretamente do Palácio dos Bandeirantes e, o segundo, do Japão, especialmente para um estágio em nossos gramados. Atualmente, a maior preocupação dos japoneses é ensinar seus atletas a dar chute longo, pois eles têm a mania de chutar curto. O afilhado de Maluf estava em estado de “beleza pura”, proporcionando momentos inesquecíveis. Tão inesquecíveis que até as cabritas das redondezas morreram de “risanto” - mistura de risada com espanto. Com seu shortinho-helanca, dos tempos de menino, e camiseta herdada de Santinho Vitu, quando este era jogador do time

dos coroinhas de Paraibuna, Pimpão estava realmente a caráter. Por sua vez, Arigatonês, em sua estreia, decepcionou a grande torcida. Além de não mostrar nada de futebol, resolveu partir pra pancadaria, atacando de karatê, só para mostrar sua habilidade de faixa preta. O pior é que depois de um imenso carnaval, ele desconversou, fazendo as pazes com o oponente. É que o outro era preto inteiro.

Também no rol dessas figuras, estava o craque Santo Ró. Ele, que é de Paraibuna, mas que, há quase meio século, milita (joga) no futebol venezuelano. (Não se assustem. Ele é velho mesmo. Se não viu o Dilúvio, pelo menos na lama ele pisou. Sabe que o rapaz deu um verdadeiro show de bala, digo bola, que saiu carregado de campo, desmaiado é claro).

Outro que apareceu deveras foi o jovem Muquifa, que já está sendo chamado de minhoca de proveta.

Em tempo: Pizza Tric-Tric, afastado desta coluna, ofereceu um saboroso churrasco em sua residência para que seu nome saísse aqui. Como vê, seu golpe surtiu efeito. E tem mais, se a moda pega, teremos muita comida pela frente e uma coluna proibida aos vegetarianos.

## **Folha da Serra - Junho de 1981**

Aproveitando o aniversário da cidade, vou falar sobre os torcedores de nossas grandes equipes nacionais, sem dar destaque a nenhum deles, pois todos têm o seu real valor.

Comecemos então pelos companheiros

SÃO PAULO

Amarildo: quando o São Paulo perde, ele chora copiosamente (o que não é novidade). Mas o gozado mesmo é quando seu time está sendo atacado, desliga o rádio, para evitar que sofra um gol.

Márcio do Banco: vibra tanto com o seu time, que, no gol do Everton contra o Botafogo do Rio, o entusiasmo foi tanto que acabou engolindo a dentadura.

Tião Moreira e sua frase famosa: “o time do São Paulo é o miorzinho do mundo”.

Luiz Gambá: assistindo a um jogo do São Paulo, quis pular o alambrado para abraçar o Waldir Pires; foi seguro pela polícia, mas, ao se identificar, pediram-lhe desculpas e ainda se prenderam por terem lhe segurado. Vê se pode, um negócio desses!

Zê Flávio: este sim, leva um vidão. Se o São Paulo perde, ele fica uma semana sem trabalhar, afogado na derrota; se ganha, não trabalha uma semana, comemorando a vitória. O negócio é torcer para não haver empate, hein, Careca?

João Nicanor: não sabemos se ele torce, ou é torcido, pois, após o jogo São Paulo x Grêmio, sua dentadura foi parar na nuca.

Temos ainda outros são-paulinos, que vamos só citar os nomes, pois não podemos publicar seus lances engraçados. São eles: Otacílio, Bidito, Bódão, Bilu, seu Nilo, Mauro Neves, Sérgio Daher, Cidão, Pirata, Toninho Pirigoso, Edimilson, Tito, Paulo Prancha, Bernardo da CESP, Geraldo Pararaca, Paulo Rangel e seu Deia.

Corinthians

Zê Roberto: a cada gol perdido por Geraldão, ele arrancava um fio de cabelo. E, agora, vejam o resultado... Está pensando até em comprar uma peruca.

## Folha da Serra - Julho de 1981

Vejam o azar do Geraldinho do Rádio, também conhecido por Geraldo Pinguim ou Anjinho. Ele paga quatrocentas pratas a cada jogador de seu time, por jogo. Em seu último jogo no bairro do Bragança, além de pagar a taxa combinada, teve que pagar também a viagem do caminhão basculante. Mesmo assim, roubaram sua botina nova, comprada no Abel... e nem tinha pago a primeira prestação.

O professor Numa montou um time de futebol de salão, onde só jogam professores, entre outros, Evânio, Nelson Ortiz, Tiãozinho do Hotel e Tito. O esquadrão está invicto faz 37 partidas. O mistério é que eles só jogam contra os alunos até 11 anos, ameaçando que se perderem o jogo eles darão nota baixa pra todo mundo. É lógico que esta invencibilidade vai durar muitos anos.

Incrível aconteceu com o Robertinho da Caixa, santista fanático. Foi assistir ao jogo Santos x Corinthians no Morumbi. Chegou quando a partida já tinha começado e, qual não foi seu desespero, notou que não havia levado nenhum cruzeiro no bolso. Com o firme propósito de assistir ao jogo, bolou um plano fatídico e foi avante. Aproveitou que ainda era intenso o movimento no portão de entrada e começou a andar de ré. O porteiro vendo-o pelas costas, pensou que era alguém que não estava gostando do jogo e já ia embora. Robertinho só se sentiu aliviado quando se misturou à massa, dentro do Morumbi.

Fato quase idêntico aconteceu com meu amigo Vilsão, que foi assistir à mesma partida e, ao final, tomou um táxi para ir até a rodoviária. Só que quando o taxímetro estava marcando Cr\$ 200,00, é que ele percebeu que tinha somente Cr\$ 150,00 disponível.

No desespero, a solução foi mandar parar e dar Cr\$ 50,00 de marcha-a-ré. É lógico que o motorista perdeu as estribelas e atirou-o fora do carro, não recebendo nada. Se esta moda pega, coitado do Mané, do Barbudo, etc...

## Folha da Serra - Agosto de 1981

Um grupo de pessoas de Paraibuna, esportistas por excelência, não satisfeitos com as modalidades esportivas já existentes, resolveu partir para uma criação própria. Esse grupo realizará brevemente na cidade o I Torneio de Levantamento de Copo e Arremesso de Cuspe à Distância.

Como tudo precisa de uma organização, foi feita recentemente uma eleição com vistas a fundar um sindicato para defender seus direitos. Como juiz eleitoral, foi nomeado o Sr. Lauro Vieira. Vai daí que o nome oficial do sindicato ficou sendo Sindicato dos Alcoólatras “Quase” Anônimos de Paraibuna. No dia da eleição, houve muita confusão, pois o juiz não queria permitir a entrada de elementos embriagados. Depois de tudo resolvido, novo problema surge. Não havia “quórum” para a realização da eleição. Num consenso geral entre os elementos das duas chapas presentes, ficou decidida a posse da chapa da situação e de oposição. Portanto, os novos diretores da recém-fundada entidade são, pela Oposição: Presidente - Paulo Sérgio; Vice - Zé Rubens; 1º Secretário - Paulo Prancha; Tesoureiro - Dirceu Borboleta e, como sócio benemérito, José Maria Esteves. Pela situação ficaram: Pres. Tião Moreira; Vice - Bodinho; 1º Secretário - Zé Gan; Tes. - Pararaca, e como sócio benemérito, Pé na Cova.

As novas diretorias avisam que todos os “bebuns” interessados podem retirar sua carteirinha na sede do sindicato (em algum boteco da cidade), pois “bebum” que se preza é “bebum” sindicalizado.

Um esportista que está com a corda toda é o Prof. Carlinhos (ex-Bacalhau). O



rapaz, como sabem, de uma inteligência danada, resolveu parar de trabalhar com “marmanjos” e tá ensinando ginástica e danças só para a ala feminina. Imaginem o sucesso do rapaz, que já está sendo chamado carinhosamente pelas suas alunas de Prof. “Cacá”.

Como em toda situação existe a oposição, correm boatos de que a ala masculina está forçando o Prof. Carlinhos a abrir um curso para os homens (entre eles, estão Hugo, Silvar, Pizza e Ivan Taborda). Esperamos que o nosso querido prof. aceite com bons graus esta reivindicação.

Com grande sucesso se desenvolve o Campeonato de Futebol de Salão, que está sendo realizado na quadra do Ginásio. Das 22 equipes que iniciaram, dez passaram para a semifinal: Caixa, Ladeira, Vila II, Flamenguinho, Apolo A, Téca, Stilosos, Telecurso, Apolo B e Pé-de-Chinelo. É claro que eu não posso deixar de falar das loucuras que aconteceram no decorrer do campeonato.

No jogo Super-Mé X Nuncey, o jogador Santo Ró queria de toda maneira jogar de calça comprida (pensamos que era por causa do frio). Insistimos tanto que ele foi até o vestiário colocar o calção. Qual não foi nossa surpresa quando ele voltou e estava com o calção por cima da calça. Ele disse que tem vergonha de mostrar as pernas. Mané Baiano apitava Vila II X Sapo, e, “sem querer”, roubou um gol a favor do Sapo. A torcida do Vila II não deixou por menos, fez o rapaz engolir o apito. Por isso não estranhem a voz dele daqui pra frente.

Geraldo Anjinho, técnico do Grêmio, com apenas quatro elementos para entrar em campo, ficou desesperado. Começou o jogo e ele saiu às pressas à procura de um craque. Achou Donizete Sarnento, que, aproveitando a ocasião, pediu “um barão” pra entrar em campo, importância que foi paga por Geraldinho e Carlão Asa Delta. Quando chegou à quadra com o craque, qual não foi sua surpresa ao descobrir que seu time estava ganhando de 17 X 0. Tudo bem. Colocou mais um reforço pra aumentar o massacre. No final, o triste resultado. Seu time perdeu de 23 a 18. Como fica agora a situação do craque Donizete?

## **Folha da Serra - setembro 1981**

Nossa reportagem foi assistir a um Jogo no campo do São Rafael, entre as equipes do São Rafael EC e Kanebo FC, e ficamos abismados com o que vimos. Tanto no lado disciplinar como no lado hilariante do futebol. Aliás, recomendamos a quem queira passar horas alegres e rir à vontade: É só ir assistir ao segundo quadro do São Rafael jogar. Lá existe um jogadorzinho chamado Miltinho, o qual nós o apelidamos de Macurengo, jogador este que chega a dar azia em sorrisal. Só faz coisa de louco, chuta com os dois pés (de uma vez só), dá rasteira em touceira de grama e é superviolento. Quando joga, o Dr. Lauro Vieira fica de plantão com uma garrafa de “árcool”. Ele não atrapalha só no futebol. Contaram que foi despedido do Panela de Ferro, pois mandaram ele limpar uma caixa de isopor, e vocês não acreditam o que o rapaz foi usar: palha de aço. Esfarelou toda a caixa.

Lá existe também o Zé Cabeleira, que a cada chute ele para, tira o pente, o espelhinho e penteia o cabelo. Tem também o japonês, que ao disputar uma bola aproveitou e deu uma dentada na cabeça do adversário. Resultado: ficou com apenas um dente. Começou com grande sucesso o Campeonato de Futebol de Salão Infantil, e, a título de registro, destacamos alguns apelidos ou, como queiram, cognome: Catingó, Castroço, Perna de Moça, Sécco, Mukúfa, Cibalena, Zé Bonito, Timbé, Zorei, Coréka, Boiçucanga, Fumingó, Bão, Bitúia, Casmurro e Mulambo.

Interessante aconteceu comigo, ao acabar com a agitada carreira do Águia Negra, e recolher todo o material (meias, calção, bola, chuteira), já recebi convites de vários

times para jogar. Só que todos exigiram a mesma coisa: que eu entre com todo o material. Ainda estou estudando as propostas. Quero descobrir onde é que eu levo a vantagem nisso tudo.

Por último, um aviso às pessoas que fazem parte do Sindicato dos Bebuns de Paraibuna: Já se encontra à disposição dos sócios o selo “A Árcool”. Procurar na sede do seu sindicato.

## **Folha da Serra - Outubro de 1981**

Da participação da Caixa Econômica no Campeonato em São Jose dos Campos, é lógico que tivemos os tradicionais acontecimentos, quando uma equipe sai dessa terrinha para despontar para o vale.

Da equipe temos a ressaltar a brilhante participação do goleiro Vilson. Também pudera, agora que está trabalhando no litoral, não sai da praia, ficando, com isso, “lustroso” e escorregadio. Já a participação do Márcio do Banco provocou certa inquietação na equipe, pois todos estavam preocupados com alguma ação do banco, exigindo um alto pagamento pelo empréstimo do jogador. Mas até agora nada, a não ser que a ação tenha entrado via tribunal federal.

Também apareceram na equipe Carlinhos e Paulinho, que nunca os vi trabalhando na caixa. A não ser que eles trabalhem no subsolo da agência.

Não posso deixar de registrar a já famosa participação do Carlinhos Baila Conóis. Atualmente o rapaz já está com pinta de galã. Dizem as más línguas que cobrou uma nota da equipe só pra ter de aguentar os barbados, pois como todos sabem, agora ele só trabalha com ginástica feminina.

## **Folha da Serra - Dezembro 1981**

Estivemos fora do ar por alguns segundos, por motivo da falha técnica em nossos estúdios. Com o patrocínio do Biscoito 2L (que não enche a barriga, mas é bom pra pele), apresentamos a recente circular do StilososFuteshow Club: STILOSOS X SKYLAB - 14/10/79.

Aproxima-se o momento do sensacional tira-teima, já denominando Clássico Skyloso, quando se saberá de uma vez por todas qual é o time mais estiloso da cidade. Pelos botecos não se fala em outra coisa: Conseguirá o Stilos colocar o Skylab em órbita? Seja qual for o resultado, uma coisa é certa: Será um jogo de muitos gols. Vejamos algumas promessas: O ídolo do Skylab, José Borracheiro, promete marcar o gol Pneu-Furado; em contrapartida, o atleta vitalício do Stilos, Lauro, disse que marcará o gol Bola-Murcha. Tatá, do Skylab, promete o gol Druri'y. Benê, do Stilos, garante o gol Rainha da Pedra. (O Moura-Moura, embora torça para os Stilosos disse que vai comemorar os dois gols com o mesmo entusiasmo e a mesma sede.) Beija-Uva, do Skylab, diz que marcará o gol Beijinho-Doce. Pelo Stilos, João Carlos Pipoca assegura que fará o gol Pula-que-eu-vi-rã e Beijo no Asfalto, ambos dedicados ao Mário Eugênio. Pizza Tric-Tric disse que fará o gol Lencinho Branco, em homenagem às cocotas do Itapeva. Por último, Ruizão promete marcar o Gol do Bezerro, dedicado ao Vilson Boizão. O goleiro do Skylab é fã incondicional do Stilos, e diz que homenageará o Juca Cego, tomando o gol Passei-Batido.

# Folha da Serra – janeiro de 1982

OK! A minoria venceu!

No último dia 10, o esporte de nossa cidade viveu talvez o seu momento mais triste de toda a sua história. Alguns indivíduos sem escrúpulos e sem o mínimo equilíbrio emocional, agindo como um bando de selvagens, agredindo pessoas indefesas, caídas ao chão, sem a mínima chance de reagir, e colocando em risco a integridade física dessas pessoas. Com isso, estragando todo o trabalho e organização do campeonato.

Muitos saíram perdendo. Perdeu o grande público, que poderia ter assistido a uma grande final, perdeu o esporte de nossa cidade e perderam, principalmente, aqueles que tentaram organizar alguma coisa e, no momento culminante de encerrar seu trabalho, viram essa tremenda palhaçada, provocada por uma meia dúzia de pseudo-atletas.

Para um atleta provar que é macho, valente, não precisa sair agredindo todo mundo a esmo. É fácil ser valente quando a maioria absoluta está do nosso lado. Por culpa exclusivamente dessa meia dúzia de “atletinhas”, talvez não tenhamos nosso Campeonato de Férias e tenhamos uma final feita com as portas fechadas, privando o grande público de assistir quando ele é a principal razão do espetáculo.

Estava em jogo muito mais que os troféus e as medalhas, o sacrifício de quem sempre quis levar o nosso esporte avante. Em jogo estava o respeito que deveria ter com o grande público. Em jogo, ainda, estava o nome de Paraibuna, que sempre soube ser hospitaleira e que, infelizmente, depois disso, possa ser chamada de terra de índio. Achamos que “índio” existe, sim, mas a grande maioria de nossos habitantes sabe respeitar um ser humano e os desportistas que nos visitam.

Desta vez, a minoria venceu. Estragaram a nossa festa, mancharam o nome do nosso esporte e, principalmente, daquele que foi, talvez, a nossa maior glória no esporte, e que leva seu nome no Troféu de Campeão, como tem seu nome no Centro Comunitário. Deviam ao menos respeitar o nome do saudoso Tarcísio Faria Neder, o qual não tive a glória de conhecer, mas sei que ele merece o respeito de todos nós esportistas de hoje.

Foi um acontecimento vergonhoso e covarde e espero que nunca mais se repita. A todos que de uma maneira ou de outra procuraram ajudar, meus sinceros agradecimentos.

“Esportista é aquele que não somente deu vigor aos músculos e desenvolveu a resistência através do exercício de qualquer esporte, senão o que, na prática desse esporte, aprendeu a reprimir a raiva, respeitar seus companheiros e adversários, a não aproveitar-se da vil vantagem, a sentir profundamente como uma desonra a mera suspeita de uma trama e a elevar com altivez um semblante alegre sob o desencanto de uma revés”.

O Paraibunense, 30 de Abril de 1997

## “A Decisão do Destino...”

Pela 38ª vez, “Ribeirão Branco Esporte Club” e “Escaramuça Futebol Club”, decidiam o título do Campeonato Intermunicipal de Bairros, cujo campeão adquiria o direito de disputar a Recopa da U.E.F.A. O detalhe era que neste longos anos, jamais uma equipe conseguiu ser Tri-Campeão. Para este jogo o Ribeirão Branco tentava mais uma vez o Tri-Campeonato, pois tinha sido Campeão em 71, e em 72 Bi-Campeão.

A Campanha do Ribeirão Branco E. C., este ano era simplesmente fantástica, 16

jogos, 15 vitórias e 1 empate 176 gols marcados e apenas 4 gols sofridos. Por ter a melhor campanha, jogava a grande decisão no seu campo, e apenas o empate servia para o tão sonhado Tri-Campeonato. Mas o destino é caprichoso, nem tudo era alegria, a equipe dos Escaramuças F.C, tinha contratado junto a Camargo Corrêa o centro avante Tião Caxêta, que estreou no meio do segundo turno, e em apenas 5 jogos já tinha feito 47 gols.

A semana que aconteceu a grande decisão foi de grandes emoções, com fazendeiros de ambos os lados, doando bois para o churrasco da festa do vencedor. Houve tentativa de suborno ao Juiz da partida Sr. Pedrinho Ceará, como também o rumoroso caso de seqüestro do 4º zagueiro Santo Ró do Ribeirão Branco, seqüestro frustrado, graças à pronta intervenção da Polícia desmontada em conjunto com a Cavalaria Marítima e Aérea de Redenção da Serra que davam patrulhamento ostensivo na semana da grande decisão.

Já que valia tudo, resolvi entrar na dança, com muito papo, um cheque pré-datado e mais 10 caixas de cervejas, consegui subornar o centro avante Tião Caxêtao Escaramuças, que garantiu que mesmo que chovesse canivete, neste jogo ele não faria gol.

Na véspera do jogo, na concentração de nossa equipe era grande a apreensão e nervosismo, e ninguém entendia minha tranqüilidade e confiança de vitória, mas claro eles não sabiam que com o temível centro avante subornado, as chances de nosso adversário estavam reduzidas em pelo menos 80%.

Como homenagem cito as 8 equipes que disputaram o campeonato deste ano: Ribeirão Branco, Escaramuça, Piranchim, Estiva, Ponte Alta, Fazenda da Juta, Fazenda da Divisa e Morro da Pedra.

Chegou o grande momento, aproximadamente 37.000 pessoas compareceram para a grande decisão. Tinha torcedor em galho de árvore, no meio do bambuzal, em cima da cerca de arame, e as melhores acomodações da época, os cupins, estavam sendo vendidos a peso de ouro pelos cambistas, este mal que até hoje assola o futebol.

Dia 08 de julho de 1973 as 16 horas e 15 minutos entra em campo o Escaramuça com a seguinte escalação: Manguló, Célio, Espinafre, Zé Barbosa e Braço Curto, Mucurengo, Somongó e Pé Vermelho, Sucata, Tião Caxêta e Parafuso.

Delírio total com a entrada da equipe da casa, o Ribeirão Branco E.C., com: Dito Brás, Caduco, Zé Borracha, Santo Ró, Defunto, Hugo, Refugo e Sabugo, Pirulito, Limpa Trilho e Gato Morto.

A primeira etapa terminou em 0 x 0, muito disputada e super violenta, com o juiz Pedrinho Ceará expulsando dois jogadores, Gato Morto do Ribeirão Branco e Espinafre do Escaramuça. No intervalo, em nosso vestiário, que era uma moita de bambu, conversamos muito, só faltam 45 minutos para o grande momento, agora com 2 expulsos sobra mais espaço, isto levando em consideração que o campo era grande, exatamente 8 alqueires.

Parecia que o tempo não passava, nosso time sustentava um heróico empate que seria para nós a maior glória de toda a vida, parece absurdo, mas só quem viveu aqueles momentos que sabe explicar, para mim parecia que depois de dois anos, chegamos aos 44 minutos do 2º tempo, faltava só mais um minuto, mas para a tragédia era tempo de sobra.

Fomos para o ataque, só ficou nosso goleiro lá atrás, no circulo central eu conversava com o centroavante Tião Caxêta, foi quando o zagueiro Zé Barbosa deu uma bicuda na bola em direção ao nosso campo, quando vi aquilo tentei virar mais tropecei em uma toceira de caguatá e cai no chão, desesperado eu via a bola, aproveitando a descaída do campo, rolar rapidamente para nosso gol.

Pelo vício da profissão Tião Caxêta corria atrás da bola, para não avançar, pensei, meu Deus, porquê o goleiro não sai para praticar a defesa, já que o centro avante,

vendido como estava, não queria nada com a pelota. Levantei e sai correndo como um louco sabia que jamais alcançaria a bola e nem mesmo Tião Caxêta que estava quase parando. Cheguei desfalecendo na meia lua, e estarrecido escutei Tião Caxêta gritar para o goleiro: - Venha pegar a bola seu desgraçado, eu não posso chutar, eu tô vendido.

Nem que eu viva mais 300 anos jamais esquecerei a resposta do goleiro: - Eu não posso pegar, eu também tô.

A última esperança seria que a bola parasse em alguma toceira de grama, mas o destino não quis assim, parece que impulsionada pela força do destino, e ainda com ajuda da descaída do terreno, a “marvada” bola percorreu os últimos centímetros que faltavam para entrar no gol, e para mais uma vez, frustrar nossas esperanças do sonhado Tri-Campeonato.

O jogo acabou, nosso sonho mais uma vez foi destruído, e só voltei a realidade tempos depois, já exilado do bairro, por uma decisão brutal dos dirigentes, e também motivado pelo fato.

Ao ser procurado pelo Gerente do Banco para cobrir um cheque, o fatídico cheque do suborno ao centro-avante, daquela desastrada tarde de 08 de Julho de 1973.

O Paraibunense, Junho de 1997

## **Zé Borracha conta como foi o Grande Prêmio Brasil de Turfe**

A FAPAP deste ano de 1997 será sempre lembrada pelos grandes shows nela realizados.

O momento mais marcante e histórico foi, sem dúvida, a realização do grande prêmio Brasil de Turfe, que aconteceu em nossa cidade. A intenção dos organizadores, ao trazer este grande prêmio para Paraibuna, era certamente explorar a presença marcante da semana de festa em Paraibuna mas, o motivo principal era fazer uma justa homenagem ao grande jóquei paraibunense que acumulava títulos em todo lugar em que participava, inclusive havia chegado recentemente da Europa, trazendo nada mais nada menos que 15 troféus e prêmio em dinheiro no valor de 7.200.000,00 (Sete milhões e duzentos mil dólares), quantia nada desprezível para quem tinha ficado apenas 2 meses no continente Europeu.

Esta celebridade, este mito sagrado do turfe, orgulho para nós brasileiros, considerando como a maior revelação de todos os tempos, o melhor Jóquei do mundo em atividade, era ele, Paulo Prancha.

No dia do grande prêmio era grande o alvoroço. Toda atenção estava para o 4° páreo, pois seria neste que Paulo Prancha, montando seu cavalo Ribandunga, faria seu reaparecimento depois de longo tempo fora de nosso país.

Vale salientar que o sucesso não vem por acaso. Além das qualidades indiscutíveis de Paulo Prancha, ele tinha a felicidade de ter uma equipe de primeira, com pessoas do mais alto gabarito e profissionalismo. Sua equipe era (Sodocopo). Seu empresário era Chico Friage, ele que cuidava das finanças, de todo o dinheiro, dinheiro este que sempre sumia, inclusive o Chico Friage sumia junto. Só dava as caras depois de algum tempo.

O tratador de cavalo era Betão Ribeiro, competente trabalhador e, ainda por cima, grande puxa-saco de Paulo Prancha, por isso permanecia na equipe por tanto tempo.

Seu treinador era o Bijú Vilhena, que entendia de tudo, menos de cavalo, mas era quem custeava as viagens e todas as despesas, continuava firme na equipe, inclusive tinha renovado seu contrato por mais 12 anos.

Os dois anestesistas da equipe eram Luizinho Manguaça e Mainha.

Eram tão eficientes que certa vez um cavalo precisou ser sacrificado e só com o bafo dos dois o animal foi cortado em oito pedaços e nada sentiu.

Muito bem. Equipe pronta. Vamos para o quarto páreo, o mais esperado do século. As apostas feitas para cavalo Ribandunga montado pelo Paulo Prancha, tinha uma vantagem de 37 por 1, sobre o segundo mais votado e 247 por 1, sobre o menos votado, o cavalo Folingró. Coitado! Estava tão desacreditado que nem seu jóquei compareceu. Precisava de um voluntário para montá-lo. Paulo Prancha, mostrando seu caráter e esportividade, que sempre foi à base de seu sucesso, permitiu que o anestesista da equipe, o Mainha, montasse o desprezado cavalo Folingró. Bem, vamos à corrida que este papo está indo longe demais.

O percurso era de 1.700 metros, e a largada aconteceu às 16:15 h do dia 24 de maio de 1997, com catorze concorrentes a este ambicionado prêmio.

Alguns segundos depois da largada todas as previsões estavam se confirmando, quando Paulo Prancha, com seu cavalo Ribandunga já tinha percorrido 400 metros, o segundo colocado estava na linha de 92 metros e Folingró, com o jóquei Mainha, ultrapassava os 18,5 metros. O alarido era total, emissoras de TV do mundo todo mandavam imagens daquele momento inesquecível que culminaria, sem dúvida, com mais uma vitória de Paulo Prancha. Pelo telão, acompanhamos quando Ribandunga passou a faixa dos 1.400 metros. O segundo colocado estava na marca de 1.240 metros.

Parecia impossível a reação do segundo colocado. Jamais poderíamos imaginar aquilo, mas o absurdo mesmo foi quando notamos que o segundo colocado era nada mais nada menos que o cavalo Folingró, montado pelo Jóquei Mainha. No hipódromo, era um reboliço geral, como seria a chegada, e a chegada estava bem próxima. Ribandunga estava nos 30 metros finais e Folingró apenas 140 metros atrás. Faltavam alguns metros para cruzarem a linha de chegada, os dois cavalos emparelhados, foi quando Ribandunga parou em seco. Em seguida, caiu imóvel no chão. Com este movimento, o jóquei Paulo Prancha foi atirado violentamente. Passou voando pela linha de chegada, continuou sua trajetória agora começando uma distribuição total. Derrubou 4 barracas, atropelou um vendedor de cachorro-quente e, finalmente, caiu em cima de uma mesa onde várias pessoas tomavam lanche. Ele quebrou a mesa, 3 cadeiras, vários copos e garrafas. Logo foi socorrido, mas estava bem, apenas preocupado com o final da prova. Neste momento, na pista muita gente comemorava a vitória do cavalo Folingró e do jóquei Mainha. Continuou a algazarra e a discussão. Quem tinha apostado em Paulo Prancha achava que ele era o vencedor, baseado em um artigo de regulamento hípico que diz o seguinte:

- Depois de ultrapassadas 50% da corrida, caso o jóquei venha a cair e o cavalo continuar correndo,

vale a colocação a que ele chegar, ou se o cavalo desistir ou cair e o jóquei continuar correndo a pé, também vale a colocação que ele conquistar.

Mas aí que veio mais complicação, pois o cavalo Ribandunga foi examinado pela equipe de plantão, o veterinário e também coveiro Passanágua e o médico e capelão Dr. Roberto Mascarenhas, que constataram que o cavalo estava morto, aliás, morto há muito tempo, inclusive havia corrido os últimos 300 metros já sem vida e, embalado pelo galopeio inicial, havia chegado até quase a linha final.

Mais confusão pela frente, pois, nesse momento, um representante da Associação Protetora dos Animais estava na justiça querendo processar Paulo Prancha por correr e chicotear um animal que já estava sem vida.

Quem tinha apostado no Mainha achava que ele era o vencedor, enquanto a grande maioria que tinha apostado em Ribandunga queria receber o prêmio. O troféu para o vencedor, bem como o prêmio em dinheiro parecia coisa fácil de ser

resolvida, pois, qualquer que fosse o vencedor, o referido prêmio teria que ser entregue para a equipe Sodocópo, pois os dois jôqueis eram da mesma equipe. Eu disse que parecia fácil, pois previa mais confusão pela frente, pois foi de fato o que aconteceu: o empresário da equipe, quem cuidava da grana, o Chico Friage, aproveitando o alvoroço, havia sumido com o dinheiro da premiação e, aproveitando o embalo, levou também o dinheiro das apostas.

Os páreos restantes foram suspensos, e a decisão deste terrível 4º páreo, ainda está sob júdice, e Chico Friage tranquilo foi para as BAHAMAS, gastar tranquilo o dinheiro arrecadado naquele terrível e fatídico Grande Prêmio Brasil de Turfe realizado em Paraibuna.

Você que acaba de ler esta história, na sua opinião, quem foi o vencedor: Paulo Prancha, montando o cavalo Ribandunga, que no final cruzou em 1º a linha de chegada, voando, ou o Mainha montando o cavalo Folingrô que chegou em 2º lugar? Dê a sua opinião pessoalmente para mim, Zé Borracha, na barraca da Festa de Santo Antônio na Praça da Matriz até domingo dia 15. O resultado será divulgado após a cavalaria. Além de ajudar a chegarmos à decisão mais justa deste caso, você ainda estará concorrendo a prêmios, entre eles uma passagem de ida e volta a pé para o Litoral Norte, e ainda com direito de levar acompanhante, pois como diz a Rede Globo:

VOCÊ DECIDE.

O Paraibunense, Julho de 1997

## **O Que Fazer Com A Imensa Fortuna?**

Certa madrugada, alguém desesperado liga para o C.V.V. (Centro de Valorização da Vida) e conta seu terrível drama, ele estava a beira da loucura e prestes a cometer o suicídio.

A telefonista do C.V.V, ao tomar conhecimento da gravidade da situação, ligou para mim, pedindo minha ajuda para conseguir a intervenção neste caso, do Greatra (Grupo Especializado Anti-Tragédia).

Este grupo super especial, conhecido mundialmente, inclusive formou e dá treinamento para a SWAT Americana, é composta dos seguintes membros:

Dito Engenho: Engenheiro, estrategista, operador de sismógrafo, projetista e construtor de amortecedor para quebra-molas e ex comissário de bordo de navio fantasma.

João Bolha (Joãozinho Reis): Professor de Ufologia, grande pensador contemporâneo, considerado o empresário do século, projetista e piloto de carrinho de rolemã.

Tiãozinho Servino (Tião Tcharles): capelão, chefe de finanças, técnico por telefone de Mike Tyson (inclusive ele que deu a ordem para que fosse arrancada a orelha de Hollifield), e defensor de uma brilhante tese na Universidade da Califórnia, que com certeza vai desvendar a origem do Chupa-Cabra.

Tião Moreira: Perito em detector de metal, instrutor de teste em bafômetro, e ainda operador chefe de radar no centro aéreo de controle de vôo noturno de urubu.

Gastão da Cesp: faixa preta em capoeira, (alias preto inteiro), ex controlador da segurança do pentágono, mestre jubilado em artes marciais, perito em armas nucleares, projetista e construtor da míssil Scud, usado na Guerra do Golfo e ainda fez curso por correspondência para desviar de tiro.

Comandando esta super equipe estava o meu amigo Carlos Sampaio, que alem de Deputado Estadual, é formado em medicina nuclear pela faculdade federal de Jambeiro, fez pós-graduação sobre terraplanagem nas ilhas Maldivas, professor por correspondência para manequim de funilaria e galã de velório, torcedor da Ponte Preta e ex comandante em chefe da cavalaria marítima e aérea de Campinas.

Tão logo nossa equipe chegou em São Paulo, no aeroporto particular C.V.V, o avião charter turbinado estava preparado para o vôo emergencial, ASAP translado. O piloto deste vôo suicida era o Pedro Sabiá, co-piloto Geraldo Pararaca e analista de vôo com curso em densidade de serração, o meu amigo Vicente Xavier. Nossa rota seria de São Paulo a Londrina no Paraná, onde a eminente tragédia estava para acontecer.

A primeira grande confusão aconteceu no embarque, com Dito Engenho se recusando a subir no avião alegando que o mesmo não tinha hélices, João Bolha propôs a fazer uma adaptação, e só depois de muito tempo conseguimos convencer os dois que estava tudo normal, pois o avião era turbinado.

Muito bem, já estávamos no ar, havia transcorrido exatamente 37 minutos desde aquele telefonema desesperado pedindo ajuda.

Finalmente chegamos no Paraná, onde o grupo Geatra entraria em ação, estávamos em uma enorme fazenda de café, com exatamente 1.200 alqueires produzindo, estava avaliada em 2.400.000,00 (Dois milhões e quatrocentos mil reais) e foi seu dono Sr. Ciro Marastuque, a pessoa que pediu ajuda da C.V.V, que colocou-nos de frente com a terrível situação.

Acompanhem o relato dramático do infelizmente falecido fazendeiro:

Tudo começou quando decidi fazer meu testamento, depois de tantas complicações e movido pelo desespero, decidi me suicidar, mas em uma última cartada liguei para o C.V.V pedindo socorro.

Vejam bem, casei-me com uma viúva que tinha dois filhos e uma filha, se imaginasse as futuras complicações jamais teria feito isto.

As coisas começaram a complicar quando meu pai, que era viúvo, apaixonou-se e casou-se com a filha da minha mulher, de forma que minha mulher era nora de meu pai e ao mesmo tempo sua sogra, minha enteada tornou-se minha madrastra, e meu pai passou a ser meu genro.

Minha enteada, que era também minha madrastra, deu a luz a um menino, que era meu irmão, porém neto da minha mulher, de maneira que passei a ser avô de meu irmão.

Algum tempo depois minha mulher deu a Luz a um menino que como irmão de minha, era cunhado de meu pai e tio de seus filhos.

Assim, minha mulher era sogra de sua própria filha e eu em troca, pai de minha mãe.

Meu pai e sua mulher são meus filhos, meu pai e meus filhos são irmãos, minha mulher é sua própria avó, já que é mãe de meu pai, e além do mais acabo sendo meu próprio avô.

Portanto digam para mim, para quem deixo toda a minha fortuna?

Um pesado silêncio caiu sobre a sala, os treinados membros do Geatra estavam sem fala, o meu primeiro pensamento, que confirmando algum tempo depois foi o mesmo de João Bolha, se ele deixasse toda a fortuna para mim e o João, com certeza nós pagaríamos grande parte de nossa dívida acumulada durante anos.

Voltamos à realidade. Quando ouvimos Carlos Sampaio pedindo 15 minutos para uma reunião de emergência com os membros da equipe.

Fomos todos cabeça baixa para outra sala, mais parecia uma boiada a caminho do matadouro. Depois de algum tempo de discussão, sem chegarmos a algo concreto, Carlos Sampaio foi levar o nosso veredicto ao fazendeiro, talvez depois desta, ele ficasse ainda mais pirado.

A única conclusão que chegamos foi está:

“O melhor que você faz com a sua fortuna é deixar tudo para o pai de seu filho.”

Feito isto, embarcamos às pressas no avião, e só ficamos mais tranquilos quando sobrevoamos já de volta o imenso Estado do Paraná.

Este fato aconteceu á algum tempo, já havia caído no esquecimento se não fosse



pelo fato que recebi um telefonema do Sr. Ciro, agradecendo nossa ajuda e me confidenciando que agora ele é irmão gêmeo dele mesmo, só que não existe o outro, a não ser que seja clonagem.

O Paraibunense, Setembro de 1997.

## **A história do suspeito “Chupa Cabras” em Paraibuna**

De minha infância, no meu querido Ribeirão Branco, tenho belas recordações, fatos importantes que marcaram minha vida.

Existem também fatos engraçados que aconteceram, como este que agora eu vou contar.

Foi no ano de 1969, meu amigo João Batista resolveu ir embora para São Paulo, foi tentar a sorte como diziam, ele não percebia que a maior sorte, era morar em Paraibuna, e mais precisamente no querido Ribeirão Branco.

Muito bem, João foi embora, voltando somente um ano depois. Mas, não era mais o mesmo. Antes era quieto, ranhento, agora tinha se transformado.

Já não se vestia como nós, andava na moda, usava óculos escuro, calça boca de sino, jaqueta com gola de pele, rádio portátil, e ainda por cima só falava gíria.

Contava as façanhas vividas na cidade grande e sempre dizia que era formado em Ufologia.

Por várias vezes pensei em perguntar, o que era aquilo, mas achei melhor ficar quieto.

Depois de muito falar e ninguém perguntar ele resolveu dar explicações.

Ufologia, é um estudo avançado sobre ser extraterrena, criatura de outro planeta.

Eu, por exemplo, já terminei a parte teórica, agora falta a parte prática.

Preciso encontrar um ser extra-terrestre, para manter contato com ele, e saber como vivem, e qual a diferença de nós seres humanos.

Como quem procura encontra, um dia ele encontrou, ou pelo menos, pensou que tivesse encontrado.

Um domingo á tarde fomos jogar bola no bairro vizinho, estávamos em 15 pessoas no grupo, quando o João pressentiu algo estranho.

Na curva da estrada, a mais ou menos uns 100 metros, estava uma estranha criatura, media mais ou menos 1,20 m, bastante peludo, com grande cabeleira e duas orelhas de fazer inveja ao lobo.

Ficamos parados com medo daquilo, mas o João Batista, não podia perder a tão sonhada oportunidade, aproximou-se para tentar um diálogo, como sempre dizia, tentar manter um contato.

Ele estava a uns 20 metros, daquilo que também podia ser o chupa cabra, e então escutamos o João falando:

- João Batista, terráqueo, formado em Ufologia, querendo manter um contato.

Ele só obteve o silêncio como resposta. Vimos quando ele aproximou-se mais e repetiu a mesma papagaiada:

- João Batista, terráqueo, formado em Ufologia, querendo manter um contato.

A criatura continuava imóvel sem nada responder. Fomos criando coragem e se aproximando daquela cena inusitada.

O João já perdendo a linha com a estranha figura, colocou a boca bem perto da enorme orelha e repetiu quase aos berros:

- João Batista, terráqueo, formado em Ufologia, querendo manter um contato.

Desta vez ele obteve resposta:

-”Zé Severino, nordestino, motorista de caminhão, querendo cagá sossegado”.

O Paraibunense, Novembro de 1997.

# **Chororão e o Sonho de uma Olimpíada**

## **Parte 01**

Foi realizada recentemente em Caraguatatuba, a segunda seletiva Pré-olímpica, visando índices para Atletas Brasileiros, para defender o Brasil na Olimpíada de 2006 em Atenas, na Grécia. De todas as partes do Brasil, vieram exatamente 247 delegações, para a segunda e decisiva seletiva Pré-Olímpica. A delegação do Chororão, devido o grande desempenho na primeira fase, era cantada em “Prosa e Verso” como a grande favorita. De acordo como C.O.B (Comitê Olímpico Brasileiro), a equipe do Chororão precisava de apenas mais uma medalha de ouro, nas seis modalidades em disputa para que fosse a grande vencedora e automaticamente quem representaria o Brasil na Grécia. As modalidades em disputa eram: 1 - Basquetebol Feminino; 2 - Salto com Vara; 3 - 1500 Metros Rasos; 4 - Canoagem; 5 - Arremesso de Disco (em Dupla); 6 - Futebol. Para escolher a equipe do Chororão, houve um grande reboliço, atletas bem pontuados ficaram de fora, como outros sem ponto algum, acabaram fazendo parte da delegação. Unanimidade, só houve na escolha da dupla de Arremesso de Disco, foi escolhido Tenório e Tenórinho (claro), pois além de experiência com Disco (Gravaram, e venderam quase um), também são práticos nos arremessos, dizem que após seus shows, ficam um bom tempo arremessando disco para os fãs em delírio, e ainda por cima se dedicam 2 horas de autógrafos.

Finalmente a equipe estava composta, entre Atletas, Cartolas, Preparadores, Nutricionistas, Pessoal de Apoio, TY Líders, Massagistas e Veterinários, chegou-se a um total de 84 membros.

Foi fretado um ônibus da Viação Expresso Beijudo, já pensaram, somente um ônibus, mas o pior era que ele fazia escala no Campos dos Alemães, pegava a Delegação de lá e vinha completar com a nossa Delegação. Finalmente chegou o grande dia, nosso bairro estava em festa, aguardando o momento do embarque. Era um grande alvoroço, misturavam-se atletas, torcedores, empresários, imprensa falada e escrita, crianças com bandeirinhas, mães preocupadas com os filhos que partiam para o sonho da grande conquista. Finalmente chegou o ônibus da Delegação, era tão velho que acho que tinha sido usado durante a primeira guerra mundial, ao manobrar para chegar no local do embarque, acabou deixando a lateral na cerca de arame. Desceu o motorista, um negão de mais ou menos 2 metros de altura, sem camisa, descalço, com um garrafão de pinga pelo meio, entrou no bar ao lado e já mandou abrir 3Brahmas. Dentro do ônibus estava a Delegação do Campos dos Alemães, que com surdão, sanfona e pandeiro, faziam uma algazarra total. No embarque de nossa Delegação começou nosso sofrimento. Célio e Somongó, atletas da canoagem, tentavam entrar no ônibus ao mesmo tempo, e ficaram entalados na porta, por mais que forçássemos não saíam daquela incômoda situação. Sugeriram que com um maçarico dava para cortar um pedaço da lataria e tirar os dois, mas poderia alguém sair machucado. Até que surgiu a grande idéia, (se várias pessoas fossem do outro lado e balançassem o ônibus com certeza a porta seria desobstruída). Assim foi feito, e deu resultados, só que catastrófico, os dois saíram como foguete lançado ao espaço, no caminho derrubaram uma mulher grávida que passava, arrastaram uma mesa de bilhar e foram bater nas costas do motorista manguaceiro que já tinha esvaziado duas garrafas de cerveja. Com o impacto nas costas e com o deslocamento desordenado de ar, sua dentadura saiu voando como se fosse uma bala de canhão, bateu na parede do bar e veio cair na rua. Um cachorro que passava, quando viu aquilo sorrindo para ele, engoliu-a mais do que

depressa, só que tudo tem um limite, a dentadura ficou entalada na garganta do cachorro, que saiu correndo desesperado soltando uivos de dor. Finalmente depois de 40 minutos, nós embarcamos, quando estava tudo praticamente pronto, o pessoal que ficava desejando boa sorte, crianças agitando bandeirinhas, foi que o motorista falou:

-O bondão não tem partida, é melhor todo mundo descer para empurrar.

Demos um tranco de mais ou menos 3quilômetros, até que enfim o bondão pegou, mas para nosso azar, o acelerador enroscou, o ônibus saiu em alta velocidade e nós correndo atrás e xingando, só mais além, uns 4 quilômetros ele conseguiu dominar aquela máquina mortífera. Embarcamos novamente, então comecei a pensar, 3quilômetros empurrando, mais 4 quilômetros correndo atrás, e com certeza vem muito mais sofrimento pela frente, fiquei na dúvida se não seria melhor irmos a pé. Bem, já estávamos na Tamoios, a situação era insuportável, 83 pessoas sentadas e 78 em pé, um calor de mais ou menos 40 graus, as janelas da lateral não abriam, pessoas bebendo e fumando, aquilo mais parecia um comboio de prisioneiro de guerra a caminho do campo de concentração.

Depois de muito tempo, talvez uma eternidade, chegamos em Caraguá, só que tínhamos que ir para Vila Olímpica, sentido São Sebastião mas o motorista errou o trajeto e entrou pelo centro da cidade. Percebi que algo de anormal estava acontecendo quando o motorista pela segunda vez, passou o semáforo com o sinal vermelho, desviou de um cachorro mas acabou atropelando um vendedor de cachorro quente, dirigia em zigue-zague, entrou em uma esquina que era contra mão, subiu uma ladeira, o ônibus morreu, voltou de ré, derrubou um muro e a parede de uma casa, dando com a traseira do bondão dentro da sala de visitas. Foi aquele alvoroço, então o chefe da delegação, o Zé Grilo, foi falar com o motorista, e percebeu que ele estava morto, aliás morto há algum tempo, vítima de uma parada cardíaca violenta, foi examinado pelo veterinário da nossa equipe que constatou, tinha dirigido os últimos 400 metros, já sem vida. Foi uma correria para descer do ônibus, uns desciam pela frente, outros pulavam a janela lateral e caíam dentro da cozinha da casa daquela família, que assustada não estava entendendo nada. O motorista morto foi colocado no bagageiro, e agora precisava de alguém para tirar o ônibus daquele lugar, procuramos um voluntário, e apareceu o João Marcha Lenta, disse que tinha experiência em dirigir carreta, e aquilo para ele era uma moleza. Ele ocupou o lugar do motorista, deu a partida, o incrível foi que desta vez o motor pegou, deu vários repiques no acelerador, engatou uma marcha e saiu com tudo, isto é, com o resto da casa que estava em pé, pois havia engatado a marcha ré.

Veio a polícia, corpo de bombeiro, anjos do asfalto e até mesmo o pelotão de elite da escafandria aérea de São Sebastião. Transito impedido, aglomeração de curiosos, sirenes por todo lado, com este verdadeiro caos, a única solução foi que as duas delegações fariam o trajeto até a Vila Olímpica a pé.

A nossa entrada na Vila Olímpica foi uma verdadeira apoteose, misturando atletas, torcedores, curiosos e dirigentes nervosos. O enorme público presente aplaudiu em pé a entrada triunfal das duas delegações pela pista de atletismo, para muitos era motivo de riso, mas eu sentia como se fôssemos uma boiada a caminho do mata-douro. Foi neste momento, que o presidente do comitê organizador, declarou aberto a segunda e decisiva seletiva Pré-Olimpica, da qual sairia a representante do Brasil na Olimpíada de Atenas, na Grécia no ano de 2006.

Até a chegada na Vila Olímpica já foi difícil, mas tinha muito mais para acontecer até o final da classificação para a Olimpíada de 2006.

Mas tudo isso você só vai conferir na próxima edição do Jornal “O Paraibunense”, edição “Especial de Natal”.

O Paraibunense, Dezembro de 1997.

## **Chororão e o Sonho de uma Olimpíada**

### **Parte 02**

Depois de todo o sofrimento e incertezas começou nossa participação na segunda e decisiva seletiva Pré-Olímpica, visando a vaga para Grécia no ano de 2006. A primeira disputa era na canoagem, com nossos representantes Célio e Somongó aguardando o momento tão sonhado. Quando pelo placar eletrônico foram anunciados os dois atletas do Chororão foi uma ovação total, misturavam-se vaias, aplausos e tomate podre era atirado nos dois. Boquiabertos vi pelo telão os dois na preparação final, mas os juizes e fiscais da prova estavam conferenciando e optaram pela desclassificação da dupla, pois para a prova de canoagem eles levaram canoa, só que canoa de coqueiro. Além da vergonha e das gozações que sofremos vimos nossa primeira chance de medalha se evaporando. Mas nem tudo estava perdido, faltavam cinco modalidades, e precisávamos de apenas uma medalha de ouro para carimbar o nosso passaporte para a Olimpíada. Vamos para a segunda prova: Arremesso de Disco em duplas. Verdadeira festa quando é anunciado Tenório e Tenórinho, nossos representantes. Eles mesmos acostumados com enormes platéias em seus shows, ficaram assustados com tanta gente gritando e incentivando, e mais assustados ainda quando viram que o disco que seria arremessado era uma esfera de aço, pesando 8 quilos, e não disco de gravadora que eles imaginavam.

Como bom cabrito não berra, eles participaram fizeram o arremesso, e sem estar preparado para aquela circunstância o desempenho foi fraco, com marca não aceita pelo C.O.B, e lá se foi a nossa segunda chance de medalha. Zé Grilo, chefe da delegação, reuniu todos os componentes, pedindo o máximo de empenho de todos, e maior união entre todos que já participaram e os que ainda iriam participar. A próxima prova seria 1.500 metros rasos, com o grande corredor Setembrino de Moraes (também conhecido como Peninha) recentemente chegado da Europa, onde disputou vários Meteeng, sendo vencedor na maioria, inclusive havia derrotado Ben Jonhson e o Keniano Kurt Maguri. Disputou uma prova na Finlândia onde conseguiu a proeza de chegar na frente do 1º colocado. Portanto esta medalha parecia ser a coisa mais fácil do mundo. O esquema foi montado, Tenório e Tenórinho faziam show ao lado da pista de atletismo. As Ty-Liders do Chororão, 8 lindas garotas, que com certeza faziam inveja as bailarinas do programa Domingo do Faustão, faziam neste momento uma linda apresentação. Com coreografia da Marlene, e comandadas pela Valéria e Cristiane, as Ty-Liders do Chororão davam um espetáculo de rara beleza para enorme platéia e também milhões de telespectadores de todo o planeta. Finalmente tem início a terceira prova, 1.500 metros rasos. Nosso participante na raia 4, recebia instruções do técnico Bilú e demonstrava muito equilíbrio e confiança. Algum tempo depois da largada estava se confirmando a lógica, quando Peninha ultrapassou a barreira dos 1.200 metros, o segundo colocado estava na casa dos 700 metros, pelo enorme telão vimos Peninha partir firme para a medalha de ouro, faltavam pouco mais de 20 metros, e o segundo colocado não tinha completado a metade do percurso. Nossa delegação já comemorava a tão sonhada vaga para a Olimpíada da Grécia, quando vimos pelo telão a enorme desgraça que mais uma vez desabava sobre nós. Peninha, a um passo da linha da vitória, teria que cortar aquela fita, que significava a glória e também a diferença entre o vencedor e o vencido. Acontece que nosso atleta Setembrino de Moraes (Peninha) assustou-se com a fita, e pensando que fosse um fio de arame farpado, acabou passando por baixo. Além de ferir as tradições Olímpicas

cas, seu gesto foi interpretado como falta de respeito com os adversários e antiético aos olhos dos membros do C.O.B. A decisão foi automática, mais um representante do Choroão estava desclassificado e ainda sofreria punição dos organizadores, esta decisão aparecia no telão e causou a maior decepção em toda nossa delegação. Situação difícil a nossa, faltavam 3 provas e a tão sonhada medalha de ouro e também a vaga para a Olimpíada ainda não tínhamos conquistado.

Partimos para a quarta prova: Salto em vara, nosso treinado atleta Luciano (Jacaré de Plástico), trazia em seu currículo o grande feito de ter derrotado recentemente SergevBubka, o grande mito da Bulgária e ídolo no mundo inteiro. Chegou o momento, Luciano saltou, foi um salto espetacular, algo jamais imaginado pela mente humana. Mas como tudo tem limite, o salto de tão bom, trouxe um resultado catastrófico para nossa equipe, pois Luciano acabou caindo fora do estádio onde era disputada esta modalidade. Claro que se confirmou sua desclassificação, e cabisbaixo sofreremos mais uma derrota, e nossos sonhos estavam indo por água à baixo. Faltavam apenas duas provas: Basquetebol Feminino e Futebol Masculino. Com enorme ansiedade partimos para a quinta e penúltima disputa, nossa equipe de Basquete Feminino havia chegado ha pouco de uma vitoriosa excursão pela Ásia e recentemente tinha conquistado o Panamericano de Caracas, também trazia incrível marca de 97 partidas invicta. Nosso adversário era a equipe de Itajubá, que ainda estava com a fama de bicho papão. A partida estava nervosa e equilibrada, terminou o primeiro tempo com 1 ponto de vantagem para o Choroão. No segundo tempo continuou em um ritmo alucinante, alternando-se as vantagens, era um jogo indefinido, com certeza de emoções até o final. Faltavam 13 segundos para o jogo acabar, o placar era de 119 x 118 para o Choroão. Devido ao melhor desempenho na 1° seletiva e por ser o atual campeão Panamericano, ficou decidido que em caso de empate, no tempo normal, a medalha de ouro, e também a vaga para Olimpíada ficaria com o Choroão.

Depois de cinco anos de luta, preparação, espera ansiosa, parece que a recompensa por tanto esforço tinha sido recompensado. Com 1 ponto de vantagem, jogando pelo empate, com a bola dominada, partimos para o ataque, e por mais que nosso técnico Jordão gritasse para gastar o tempo, a jogadora Cristiane se precipitou, fez o arremesso, a bola girou no aro e não caiu, deu rebote as adversárias que em um ataque super rápido converteram 2 pontos. Cronometro parado, faltavam 4 segundos para o final da partida. No placar: Itajubá 120 x 119 Choroão. Nosso técnico pediu tempo, para tentar no desespero armar uma jogada mortal. Foi com certeza o minuto mais angustiante de nossa vida. Nossa equipe foi com tudo para cima do adversário, e na linha dos 3 pontos a jogadora Valéria fez o arremesso, e ainda recebeu falta da jogadora mineira. Situação da partida: cronômetro parado aos 19:59 segundos, 1 ponto de vantagem para Itajubá, 3 lances livres para o Choroão, se pelo menos 1 lance fosse convertido ganharíamos a medalha e estava carimbado nosso passaporte para Olimpíada. A torcida fazia a tradicional Ola, nossas Ty-Liders davam um show a parte e a jogadora Valéria estava pronta para os três arremessos livres e com certeza para sua consagração. Veio o 1° lance, a bola tocou no aro e saiu. O 2° lance também foi desperdiçado. Faltava o 3° e ultimo lance, parece que o mundo tinha parado, ninguém ousava respirar, Zé Grilo já tinha comido as unhas e agora tentava comer o dedão. Valéria, determinada arremessou a bola na cesta, a bola foi cair no Domingo. É bom que explique, Domingo era um torcedor que estava assistindo a partida. Desta forma tão trágica, lá se foi mais uma chance real de medalha. Agora só nos restava uma chance, na equipe de Futebol de Campo. E mais uma vez jogávamos pelo empate, nosso adversário era o temível XV de Novembro de Caraguatatuba. O técnico João Marcha Lenta escalou a segunda equipe: Luciano, Macarrão Assassino, Toninho Galo, Seu Eurico, Eliezer, Bilú, Wanderlei, Pelézinho, Contra Pino, Beto e Somongó. Com duas expulsões de cada lado, o primeiro tempo

terminou com o placar de 0 x 0. No segundo tempo o XV de Novembro veio desesperado para cima de nós, mas bravamente o Choroão defendia aquele heróico empate. Já nos acréscimo da partida, o centro avante Contra-Pino invadiu a área e foi derrubado, e imediatamente o juiz marcou penalty.

Neste momento toda nossa tensão nervosa e ansiedade foi extravasada, nossa torcida fazia um alarido ensurdecedor, as Ty-Liders, incansavelmente desempenharam seu papel, Tenório e Tenório na tribuna de honra faziam um show de estraçalhar os corações, o técnico João Marcha Lenta já dava entrevista como o melhor técnico da década; o chefe da delegação, Zé Grilo abraçava todo mundo, nosso goleiro Luciano dava autógrafo já na intermediária, quase no meio campo e, o camisa 10 Beto se preparava para cobrar o penalty. O momento era este, o Grito do Gol sufocando na garganta, cinco anos de sonhos seria decidido naquele momento. Beto tinha um chute considerado o mais forte de todo o estado, e o coitado do goleiro adversário tremia igual Toyota em ponto morto. O juiz autorizou, Beto correu e desferiu uma verdadeira patada, a bola bateu no travessão, e logicamente voltou para nosso campo, o Goleiro Luciano quando viu aquilo saiu correndo desesperado em direção ao gol, completou o percurso em tempo recorde, mas de nada adiantou, a bola morreu mansamente em nosso gol, e naquele momento acabava de morrer nosso sonho de representar o Brasil na Olimpíada de 2006 na Grécia. O sonho acabou mais o ideal não morre jamais, o ideal Olímpico continua vivo, e talvez, só Deus sabe, na Olimpíada de 2010 alguns destes heróis possam estar lá.

O Paraibunense, Janeiro / Fevereiro de 1998.

## **Dito Canjica, o Azarado**

Hoje em dia é comum ouvir falar em pé frio, azarado, pessoa que não tem sorte. Com certeza a pessoa mais azarada do mundo foi o meu tio, Dito Canjica. A vida toda jogou no bicho, comprava rifa e jogava na loteria esportiva e nunca ganhou nada.

Certa vez na loteria esportiva ele fez 13 pontos, mas como era final de ano o governo havia decidido pagar o prêmio para quem tivesse feito 12 pontos e mais uma vez Dito Canjica ficou sem ganhar nada. Mas como tudo na vida tem limites, ele resolveu que não gastaria nem um centavo com o jogo, a partir daquele momento. Um ano se passou, ele não jogou mais, por mais que insistíssemos com ele não adiantava, não voltava atrás de sua decisão.

A transformação dele era visível, não tinha mais alegria, sempre retraído, vivia isolado, com certeza pensando quanto já havia perdido no jogo, mais também quanto poderia ganhar se continuasse jogando.

Começamos a insistir com ele para jogar novamente, que seu dia de sorte poderia estar próximo.

Lembrei-me que em seu tempo de jogo e rifa, seu grande sonho era ter uma vitrola que eu tinha e ele sempre dizia, se um dia você colocar ela na rifa, eu quero comprar uns três números, para ver se ganho.

Portanto ali estava a isca. Falei para ele, Seu Dito, estou colocando a vitrola na rifa e você vai ser o primeiro a comprar e desta vez a sorte vai mudar para o seu lado. Ele pensou algum tempo e decidiu, vou comprar um número, mas se não ganhar daí eu paro definitivamente com esta pouca vergonha.

Jamais me esqueço daquele momento, ele comprou o número 32, e eu jurei para mim mesmo que ele seria o ganhador da vitrola. É bom esclarecer que naquele tempo, não tinha cartela de rifa, era vendido números de 1 à 100 e colocava 100 papezinhos numerados e dobrados em uma sacola, o número tirado, o ganhador será o Dito Canjica.

Finalmente chegou o momento do sorteio, o bairro estava em festa, a banda de música estava dando um belo espetáculo, criançadinhos ridentes chacoalhando bandeirinhas felizes da vida. A vitrola ligada em cima do cupim tocando um disco do Tônico e Tinoco, todo mundo ansioso, só o Dito Canjica quieto em um canto alheio a tudo isto.

No exato momento do sorteio a expectativa era enorme, como não achei uma sacola para colocar os papéis dobrados, eu emprestei um chapéu de uma pessoa presente. Chamei um garotinho para tirar o número premiado, a adrenalina foi a mil, ninguém ousava respirar, escutava o bater de asas de um mosquito a 10 metros de distância, todo mundo torcendo para que saísse seu número, só eu sabia que o número que iria sair, pois todos eram iguais. O garotinho tirou o papel, e gritou bem alto, número 48. Foi um alarido total, o ganhador virava pirueta e gritava de alegria, enquanto o resto do pessoal lamentava a falta de sorte.

Eu estava boquiaberto sem entender como aquilo podia ter acontecido, e ao confirmar o número da mão do garotinho, vi a ironia do destino, pois com o papéuzinho, todos com o número 32, o moleque foi tirar o selo do chapéu e dizer seu número 48. Não podia anular o sorteio, pois se o povo soubesse da maracutaia, com certeza eu seria linchado, e ao olhar para o Dito Canjica, eu vi uma pessoa completamente desiludida e arrasada.

Por tudo o que já tinha acontecido com ele, e mais ainda o que aconteceu naquele dia, ele podia ser considerado a pessoa mais azarada do mundo, mas o destino ainda reservava mais para ele, algum tempo depois o coitado morreu de sede com água no joelho.

O Paraibunense, Junho de 1998.

## **O Fusquinha Pé de Bode**

Na edição anterior o Jornal “O Paraibunense”, contei uma história do meu amigo João Batista, nesta história apareceu um Fusquinha 67, que ficou famoso, foram tantas pessoas que me procuraram para saber detalhes sobre ele, que eu também resolvi investigar mais sobre esta peça rara.

Muito bem, este Fusquinha em questão, o meu cunhado comprou aqui em Paraibuna, durante muitos anos ele pertenceu ao Sr Joãozinho Bento, e tem outras façanhas interessantes, como este que vou contar desta vez.

Muito bem o Fusquinha está com vocês de novo, vamos mudar um pouco o curso da história, mas depois ele aparece.

Já faz algum tempo eu fui na Prefeitura Municipal, carimbar uns papéis, e lá encontrei meu amigo Lí Fonseca, muito bravo, querendo quebrar tudo que encontrava. Fui saber o que estava acontecendo, e ele me contou seu drama:

- Prometeram bastante cascalho para minha estrada, e agora estão fazendo pouco caso e não dão o cascalho.

Pedi calma a ele e juntos fomos falar com o Prefeito. Ele alegava que tinha pouco cascalho, o que era mentira, pois antes o Lí Fonseca tinha passado na cascalheira. Derrubado este argumento ele alegou que se começasse a dar cascalho, daí pouco todo mundo queria, pois de graça até tirar dente da frente, sem anestesia, o pessoal quer.

Fizemos ver que ele havia prometido e portanto tinha que cumprir sua promessa. Ele concordou que daria 80 caminhões de cascalho, só que teria que retirar na cascalheira. Isto era moleza, pois eu contrataria o Pinto Loco isto por que eu tinha uma porcentagem de cada viagem feita. Já estávamos saindo da Prefeitura, no corredor que dá acesso a escadaria, quando o Prefeito abriu a porta do Gabinete e recomen-

dou: - Lí Fonseca, eu vou dar o cascalho, mas pelo amor de Deus, não esparrame, (não era para sair contando).

Contratei o Pinto Loco e seu ajudante o Wanderley do Chororão para fazer a entrega, ficou marcado que começariam na segunda-feira às 7:00 horas, e pediram que fosse junto na primeira viagem para mostrar o caminho.

Chegou a segunda feira, eu cansado de esperar pois já passava das 9:00 horas, fui procurar os dois, e encontrei no Bar do Toninho Galo, no Chororão, os dois mangüado, sentados na calçada conversando com um cachorro que não tava entendendo nada. Com muito sacrifício, entramos no caminhão para dar início aquela aventura.

Na cascalheira, o operador da carregadeira disse que ganhava por caminhão carregado, o Pinto Loco cobrava por viagem feita, eu tinha uma porcentagem em cada viagem, o Lí Fonseca pagaria o frete, então pensamos por que ao invés de 80 nós não levávamos 200 caminhões de cascalho? Decisão tomada, vamos para a primeira das duzentas viagens.

No Bar do Bela Vista, prepararam para beber mais um pouco.

Olha a situação minha, Pinto Loco no volante, eu no meio, e o Wanderley ao lado direito.

Era terrível o bafo de jibóia ali na cabine, abri o quebra vento mas foi pior pois o ar de fora para dentro trazia de volta o cheiro do bagaço fermentado.

As coisas se complicaram que os dois começaram uma discussão a troca de nada.

Pinto Loco, dirigindo com a mão esquerda e com a direita tentava com as costas da mão bater no Wanderley, só que com isto o agredido era eu que tomava cotovelada na cara.

No começo do morro do João Rodrigues, naquela algazarra total, ao tentar passar a marcha com a mão esquerda (pois com a direita batia em nós dois), a marcha não entrou, o caminhão morreu, e despinguelou de ré morro abaixo, nossa sorte foi que uns 50 metros depois caiu num buraco de Cajamar, plantou a traseira no buraco e agente ficou levantada, e acho que bastaria um empurrãozinho para que virasse uma pirueta.

Começou a operação descida do caminhão: Wanderley abriu a porta direita, (a esquerda tava prensada na beirada do buraco) piso no estribo, mudou o primeiro passo pensando que tinha degraus e foi com tudo, esborrachando-se no chão como se fosse uma melancia podre.

Eu com muito custo consegui chegar ao chão somente com algumas escoriações (o nariz tava quebrado, mas isto foi devido as cotoveladas que tomei).

Chegou a vez do Pinto Loco, ele com certeza não sabia nem onde estava, abriu a porta e soltou, igual Português quando pula de pára-quedas, só que pula com mochila, ela lógico não abre e ele se machuca todo.

Pinto Loco veio gritando, mais parecia um jumbo sem as duas asas, aterrissou com a cara em um cupim, que ficou todo despedaçado e ele mais parecia o Maguila quando foi nocauteado pelo Evander Holifyeld.

Pensei comigo, vou ter que buscar socorro, talvez uma carregadeira com um cabo de aço consiga tirar o caminhão desta situação.

De repente lá embaixo a mais ou menos uns 6 quilômetros avistamos um carro que vinha uivando, pensei: “ajeito o motorista para ir comigo buscar socorro”.

Quando foi chegando perto imaginei que era, isto mesmo era o Joãozinho Bento e já fomos no Fusquinha 67.

Expliquei a situação para ele e pedi que fosse comigo buscar socorro, ele com toda calma do mundo perguntou:

- Vocês tem um cabo de aço bem forte? Claro que tinha, mas faltava a carregadeira ou um guincho para arrastar o caminhão.

Rapidinho foi amarrado o cabo de aço no pára-choque do caminhão e na traseira



do fusquinha.

Graças a Deus que João Bento falou. Zé Borracha você vem comigo para fazer contra-peso. Para Wanderley e Pinto Loco subirem no caminhão, foi uma aventura, só isto dá uma história que qualquer dia vou contar.

João Bento funcionou o fusca, deu uma repicada no acelerador, pensei comigo vai arrancar a traseira do fusquinha ou com o balanço do caminhão vamos ficar suspenso, na realidade vamos ser pescado, suspenso no ar, e depois para descer vai ser outra mão de obra.

Para minha surpresa o fusquinha esticou o cabo de aço e foi convocando palmo a palmo e claro arrastando o caminhão com 12 toneladas de cascalho.

Devagar o morro que tem mais ou menos 4 quilômetros estava sendo vencido e para sacanear de vez em quando Pinto Loco pisava no freio para dificultar ainda mais, só que o fusquinha rasgava com tudo como se o caminhão fosse de isopor.

Chegamos lá em cima, tarefa cumprida, daí percebi a traseira do fusquinha envolvida em uma fumaça danada, foi quando Joãozinho Bento disse, ta vendo eu falei que o fusquinha aguentava.

Wanderley falou, tudo bem ele arrastou, mas em compensação o motor abriu o bico, olha só a fumaceira.

Foi quando João Bento falou, não tem nada a ver com o motor, a culpa é minha pois esqueci o freio de mão puxado e quase travou as rodas traseiras e arregaçou a lona de freio.

Problema resolvido, em 4 dias os 200 caminhões de cascalho foram entregues a Lí Fonseca.

Alguns dias depois eu ouvia o pessoal do Bairro reclamando que não dava pra passar carro por causa do cascalho, pensei comigo: mas não é possível se antes a estrada era de média para boa, então porque agora com o cascalho ficou ruim?

Fui ver o que estava acontecendo, e qual não foi meu espanto ao ver aquele montão de cascalho impedindo a passagem, aquilo mais parecia o morro do Pão de Açúcar do Rio de Janeiro, só faltava a estátua em cima.

Fui saber com Lí Fonseca o motivo daquilo tudo, mas zureta fiquei quando ouvi sua resposta. Me admiro muito você Zé Borracha, vir aqui fazer esta pergunta, pois estava comigo e ouviu muito bem quando o Prefeito pediu para não esparramar.

O Paraibunense, Agosto / Setembro de 1998.

## **Será o mesmo fusquinha?!**

Dias destes meu amigo Luiz Carlos da Cedrap foi em São José resolver alguns problemas.

Na ida ao passa em frente a Cooper, viu o Rodolfo, também conhecido por Salame, no ponto do ônibus, ele parou seu Chevette, deu carona para o “Salame”, e lá se foram nossos heróis para a inesperada aventura.

Acontece que o Luiz Carlos precisava buscar uns documentos na Avenida José Longo, e o “Salame” ia fazer exame de sangue na Avenida Ademar de Barros, portanto tudo pertinho.

Pararam na Avenida José Longo, e tanto a Clínica como o escritório onde eles iriam estavam no horário de almoço, então eles ficaram conversando e admirando o movimento, inclusive contando os carros que passavam.

Como não tinha nada para fazer começaram a andar sem rumo, e distraídos encontraram em um fusquinha ali estacionado, e ficaram admirado o estado e conservação daquele carro, só não prestaram atenção que o fusquinha estava muito mal estacionado, tomava boa parte da avenida, e era sem dúvida um convite a uma batida. Estavam os dois ali, Luiz Carlos coçava o queixo, junto ao fusquinha, quando

chegaram os curiosos, tendo um baixinho á frente:

- Enguiçou, colega?

Um sujeitão gordo de bigode ralo nem deixou Luiz Carlos falar:

- Deixa que com um empurrãozinho esta porcaria pega. Vamos nessa rapaziada!

Com o Luiz Carlos e o Salame nem se mexeram, um careca, perfumado e a desm-nhecar desandou a dar pulinhos:

- Tem que entrar no carro! Tem que.

Parou de falar por causa do cascudo que levou do gordão:

- Chega caramba! Quem tem que ficar nervoso é a pobre criatura aí e apontou o Luiz Carlos.

Daí nosso amigo Luiz Carlos tentou falar:

- Calma, acontece que...

Um magrinho, arregaçando as mangas, não deixou Luiz Carlos continuar dizendo:

- Não explica nada! Tem é que entrar no carro, pra gente poder empurrar!

Agora falou o cara do bigodinho:

- Principalmente, porque é proibido estacionar aqui nesta rua! Já pensou se o reboque chega?

Um sujeito alto, barrigudo, com capacete de Jim das Selvas lembrou:

- Noutro dia, um amigo meu teve o carro rebocado e pagou não sei quantos mil-hões de dólares de multa! Esse código novo aí não é mole não.

Luiz Carlos tentava falar, mas só conseguia gaguejar, o Salame então coitado, nem respirava. Foi quando um negão, até então calado sentenciou:

- A pessoa do carburador deve estar entupida e esse trôço só pega no tranco!

Luiz Carlos abriu os braços:

- Mas...

Uma magrinha ficou tiririca da vida:

- Nem mais, nem menos, seu coisa! Entra logo nesse carro pra gente poder empurrar!

Luiz Carlos, preocupado:

- Mas eu não posso!

O magricela ficou uma arara:

- O quê? Pronto, além de enguiçar a porcaria, ainda esqueceu a chave lá dentro e fechou a porta!

Luiz Carlos, finalmente disse o que deveria ter dito logo no começo:

- O carro não é meu! Eu só tava admirando esta raridade!

Ah, pra quê? O cara do bigodinho tomou a frente dos demais:

- Fazendo a gente de palhaço?

Dizendo isto deu o primeiro murro no Salame, que no reflexo rebateu com o nariz, no ato o sangue jorrava que nem fonte luminosa.

Coitados dos nossos heróis, levaram uma tremenda surra, chegaram ao hospital desmaiados, e no outro dia ao recobrar os sentidos e ver a enfermaria, a primeira coisa que Luiz Carlos Falou foi:

- Fusquinha, foi um fusquinha!

Ao sair do pronto socorro cruzaram com o Joel da Cedrap e seus filhos o Tiago e a Tássia, Joel preocupado perguntou:

- Quem agrediu vocês?

E obteve a resposta:

- Fusquinha, foi um fusquinha!

O Paraibunense, Outubro / Novembro de 1998.

## **Zé Guarda e sua vaquinha Mimosa**

A pacata cidade de Natividade da Serra, viveu a algum tempo um fato curioso e que causou uma certa inquietação em seus habitantes.

O que originou tudo isto, começou na realidade a mais ou menos dois anos atrás.

Três grandes amigos: Seu Amaral, João Carvalho e Seu Nonô, resolveram fazer uma sociedade.

Eles compravam novilhas, soltavam no ponto e depois de um certo tempo, com certeza a produção leiteira seria aumentada.

Tudo transcorria à mil maravilhas, a sociedade já contava com 31 vacas produzindo consideravelmente quantidade de leite, dando a entender que em pouco tempo eles seriam três promissores pecuaristas.

Mas de repente as coisas começaram a se complicar, os três já não se entendiam, discutiam a troca de nada e a situação tornou-se insuportável, a única solução seria desmanchar a sociedade, mas depois de uma semana de reuniões e tentativas chegaram a conclusão que isto era praticamente impossível. O que complicava tudo era o seguinte:

De acordo com montante gasto até o momento na aquisição de todo o rebanho, e pelo valor aplicado por seu Amaral, ele era dono de 50% do gado, portanto 15,5 (quinze vacas e meia).

Pelo que tinha investido, Seu Nonô era o legítimo dono de  $1/4$  (um quarto) do rebanho, portanto =  $7,3/4$  (sete vacas e três quartos).

O menos complicado era o meu amigo João Carvalho que de acordo com o montante aplicado tinha direito a 7 vacas.

A situação constrangedora era esta, pois todas era vacas leiteiras e ninguém concordava que algumas fossem cortadas em pedaços para fazer a divisão.

Caso isto fosse aceito, mas já existia outro problema, somando a parte do Seu Amaral, quinze vacas e meia, mas a parte do Seu Nonô, sete vacas e três quartos e mais as sete vacas do João Carvalho, o total seria igual a  $30,1/4$ , portanto, sobriariam  $3/4$  (três quartos de vaca).

Poderia até ser feito um churrasco deste pedaço que sobrava, mas depois de uma semana de discussões e ofensas, com as vacas presas no curral, a amizade entre eles praticamente não existia, e todos moradores de Natividade da Serra e região esperavam com grande angústia o desfecho daquele impasse que parecia não ter fim. O caso teve repercussão mundial, e até observadores da ONU, voltaram de cabeça baixa, sem encontrar nada que pudesse ajudar naquela “sinuca de bico”.

Soube de tudo isto contado nos mínimos detalhes pelo meu amigo João Batista, que no final mostrou-se bastante preocupado, pois também achava que aquele caso não tinha solução.

Quando ele me perguntou o que eu achava, eu disse que tinha solução e ela estava bem ali, na própria cidade de Natividade da Serra.

Lembrei-me de meu grande amigo de Natividade, o Zé guarda, ele que durante muito tempo foi instrutor chefe da esquadrilha aérea da OTAN, e tinha curso nível superior de metafísica algébrica, com tese defendida em Massachutes e Salesópolis. Conversei com ele no domingo a tarde e ele me garantiu que no outro dia às 9:00hs, ele iria resolver aquele impasse.

A notícia correu o mundo como um rastilho de pólvora, devido à enorme quantidade de correspondentes internacionais que atentos acompanhavam aquela pendenga internacional.

No outro dia por volta das 8:30 hs, quando cheguei no local levei um tremendo susto com a quantidade de curiosos que havia no local. Tinha gente trepada em

árvores, cercas de arame, e os milhares de cupins que tinham em volta do curral, era vendido pelos cambistas, a peso de ouro.

Chegada para dar segurança estava a cavalaria marítima e aérea de Redenção da Serra, comandada pelo meu amigo tenente Reinaldo, e também uma divisão de elite da guarda operacional controladora de vôo noturno de urubu, vindo especialmente do Bairro do Rio Branco. Faltava um minuto para as 9:00hs, quando aconteceu o grande alvoroço, era a chegada triunfal do Zé Guarda e sua comitiva, e trazia junto sua vaquinha Mimosa.

Ele deu uma ordem, a porteira foi aberta, colocaram lá dentro sua vaquinha, então agora o total passou a ser 32 vacas.

Imediatamente chamou Seu Amaral e disse:

- Você é dono de 50%, de 31 vacas, portanto 15,5 (quinze vacas e meia) mas agora o total é de 32, então você leva 16 vacas que é metade do rebanho.

Seu Amaral mais que depressa abriu a porteira do curral e foi embora assobiando Feliz da vida.

Em seguida veio Seu Nonô, que nem acreditava que também iria levar 7, 3/4 (sete vacas e três quartos) iria levar oito vacas que era exatamente 1/4 (um quarto) do rebanho de 32 cabeças.

Por ultimo veio o João Carvalho, que se não foi beneficiado, também não teve prejuízo, pois levou exatamente as 7 vacas que tinha direito.

Vamos recapitular: Seu Amaral levou 16 vacas, Seu Nonô 8 vacas, e finalmente João Carvalho ficou com 7, dá um total de 31 vacas, claro que sobrou uma e não era outra senão a Mimosa, pois cada vez que era para sair um lote de curral, com muita habilidade o Zé Guarda evitava que sua Mimosa fosse embora.

Assunto resolvido, ele voltou feliz para a casa com sua vaquinha, e a multidão emocionada não cansava de aplaudir aquele que com habilidade conseguiu evitar uma tragédia ou quem sabe até mesmo uma terceira “Guerra Mundial”.

Agora tudo voltou ao normal, Seu Amaral, João Carvalho e Seu Nonô são grandes amigos, e meu grande amigo Zé Guarda continua fazendo duas suas, como por exemplo sua vaquinha Mimosa está ainda mais famosa, pois talvez seja a única no mundo que dá leite em pó, e caso o freguês queira leite batido, o Zé Guarda bate na vaca antes de tirar o leite, e portanto, o freguês sai feliz e bem atendido.

“Zé Guarda, você é coisa de lôco”

O Paraibunense, Janeiro de 2001.

## **A Cobra banguela do Pico dos Marins**

Ano de 1993, Cidade de Piquete, Estado de São Paulo. Foi designado para aquela cidade um novo delegado, Seu Flávio Pedroso, que na sua primeira decisão já causou muita polêmica e alvoroço.

Por determinação do Dr. Flávio Pedroso ficava expressamente proibido comprar ou consumir bebida alcoólica aos feriados e finais de semana.

Foi um tremendo rebuliço, proibir a venda de pinga, mesmo que só nos finais de semana, era comprar briga com a turma da mangueça e arriscar a uma epidemia da “garganta ressecada”.

A lei em questão estava sendo obedecida, mas havia descontentamento geral e a qualquer momento poderia haver algo desastroso. Foi tanta a pressão, que o Edson Berranteiro (o lutador de Kung Fu) o então presidente do Sindicato dos Mangaceiros Anônimos, procurou Seu Sinésio, Fazendeiro do Pico dos Marins, pessoa muito bem quista e respeitada na Região, para que fosse conversar com Dr. Flávio Pedroso para ver se conseguia contornar tal situação que se tornava insustentável. Tomados pela ansiedade, os filiados do Sindicato aguardavam apreensivos a volta

do Seu Sinésio que na Delegacia já estava a mais de três horas a conversar com Dr. Delegado.

Seu Sinésio voltou, e se o resultado não era animador pelo menos não era tão desastroso. Depois de muita conversa e ponderação, o Dr. Delegado concordou que pinga aos finais de semana, só mesmo em ultimo caso, exemplo: “como remédio para alguém picado por cobra”.

Em uma votação que durou apenas quatro segundos, organizado pelo meu amigo Dr. Flávio Dentista (que extrai dente, inclusive por correspondência), tivemos o seguinte resultado: dos 197 membros do sindicato, 194 decidiram que imediatamente iriam procurar uma cobra, de preferência bem venenosa, para que fossem picados por ela.

Orientado pelos mais antigos, souberam que lá no Pico dos Marins, perto de um desfiladeiro, vivia uma urutu cruzeiro, com mais de quarenta anos e mais ou menos oito metros.

A comitiva, encabeçada por Edson Berranteiro, Maradona, Ademir, Dr. Flávio Dentista, Araguacy e Lord, saiu com o dentista ao Pico dos Marins, e a comitiva que já era numerosa aumentava incrivelmente, devido ao comentário que corria de boca a boca, e com isto ao chegar ao local era uma verdadeira multidão de adeptos da manguaça.

Ao Chegar ao local determinado perceberam que um grande número de pessoas já se encontrava no local, e Seu Sinésio veio conversar com Dr. Flávio Dentista chefe da nossa delegação. Dizendo o seguinte: - Se vocês querem ser picados pela cobra terão que entrar na fila, pois aqui já tem gente que espera a mais de quatro horas pela tal urutu.

A cena era impressionante, havia fila para entrar na fila, havia guardadores de lugar, até cambistas de fila, e a maioria com calça arregaçada e para facilitar, sinalizava o local para ser picado.

Havia organização, ao chegar quase no local havia um posto avançado de atendimento, três secretárias, a Deise, filha do meu amigo Sinésio, a Cíndia e a Celina, que cadastrava as pessoas, cujos números, iam diretamente para os computadores do Instituto Butantã em São Paulo. E de posse do comprovante se apresentavam em qualquer boteco e podiam beber tranquilos a marvadamanguaça sem infringirem a lei.

Ao chegar a vez de meu amigo Dr. Flávio Dentista, fiquei de queixo caído, pois a coitada da cobra nem dente tinha mais, veneno então, nem pensar, mas o que vale é a intenção, a cobra, coitada, dava uma lambida e a pessoa saía feliz com o comprovante na mão, escolher o boteco de sua preferência.

Resumindo: A ordem do Dr. Flávio Poderoso, não foi desrespeitada, os amigos da marvada pinga ficaram contentes, os donos de botecos tiveram um faturamento extra e todo mundo ficou feliz, e até hoje meu amigo Dr. Flávio Dentista procura um jeito de fazer a dentadura para a marvada cobra banguela.

O Paraibunense, Fevereiro / Março de 2001

## **“Seria o Fim do Mundo ou Apenas um Eclipse”**

Quase na virada do século, momentos de grande apreensão viveram os moradores da parte mais baixa da rua Monsenhor Dutra, Juvenal Malheiros, Rua Jacareí, 10 de julho e início da rua Humaitá.

Tudo começou numa certa manhã ensolarada, isto é, para o restante da cidade, pois a região acima citada estava numa penumbra total. A princípio pensou-se que fosse

alguma nuvem que encobria o sol, mas depois do meio dia como persistia aquela situação, as pessoas começaram a ficar alarmadas, pois continuava o eclipse parcial do sol.

A situação era inusitada, pessoas que vinham de outra região da cidade, com um sol de 30 graus, ao entrar nesta faixa misteriosa, tinham um choque térmico, pois a temperatura variava entre 11 e 14 graus. Passado 24 horas, persistindo a situação, a preocupação era visível, a ponto da associação dos moradores em reunião extraordinária tomarem várias decisões. Seria convocada a Tropa de Paz da Otan, que em caráter emergencial deveria tentar resolver este mistério, com a supervisão do João da Égua e Zé do Treze.

Foi chamado também a Cavalaria Aérea e Marítima de Piquete comandada pelo Dr. Flávio Dentista, para dar segurança e fazer a demarcação da área isolada pelo eclipse parcial do sol e da lua. Foram convocados ainda Barretinho, Carlinhos Maia e Dedê do Taliba, eles que são instrutores do Instituto de Sismografia de Natividade da Serra, com curso de pós-graduação de controle de vôo noturno de urubu e com mestrado em Paleontologia, estudo de animais e vegetais pré-históricos. Também convocado Seu Zé Toledo da Defesa Civil que acompanhado do Capelão João Nicanor e Zé Julio do Fazendão, chegaram com a missão de desvendar o mistério que já durava mais de 48 horas.

Por ultimo, veio a equipe de plantão da CEDRAP, comandada pelo Dito Cueca, assessorado pelo puxa-saco Paquera e o Tarzan do Pé-de-Couve Edinho.

A cidade estava em polvoroso, (nada a ver com pólvora), tinha correspondentes de vários Jornais, inclusive do exterior para cobrir este que seria sem dúvida o acontecimento do século.

A situação já durava 70 horas, inclusive já tinham chamado o Padre Penedo (é primo daquele), pois a situação já se tornava crítica, com muitas pessoas querendo abandonar a cidade achando que era o fim do mundo.

Já no quarto dia do tal fenômeno, a tropa da Otan já tinha desistido da missão, a equipe da defesa civil comandada por Zé Toledo estava exausta e mantinham-se em alerta e já haviam acompanhado o Capelão João Nicanor e seu ajudante coroinha, Zé Julho em pelo menos 19 terços. O que alegrava um pouco o ambiente era a presença do Didiei Gordinho da Gisele Móveis e seus paquitos que dançavam os clássicos: “Lago dos Cisnes” e “Penumbra Fictícia de Tchaykóvsk e Marcos Ganso”.

De repente tremendo alvoroço, com um diz que diz que ninguém entendia nada, mas o importante que foi descoberta a causa do eclipse parcial do sol que já durava quase 90 horas.

Quem conseguiu tal proeza, foi a equipe que a princípio era menos credenciada, ela mesmo, a equipe plantão da CEDRAP, comandada por Dito Cueca e assessorada por Paquera e o Tarzan do Pé-de-Cove Edinho. Eles examinaram a temperatura do solo e direcionaram a temperatura em declínio e nesta projeção chegaram ao mistério que por quase quatro dias assustou tanta gente.

Tudo começou quando a empregada do Ailton do Mercado, lavou sua roupa e distraída pendurou a cueca do Ailton em uma posição estratégica no varal, que num raio de aproximadamente 13.000 m<sup>2</sup>, os raios do sol e muito menos a claridade da lua conseguiam penetrar, formando assim o grande vale das sombras. Depois de tudo, este fato virou motivo de piada e gozação, menos para o Ailton que esta sendo processado pela associação das lavadeiras daquela região, que ficaram alguns dias sem conseguir secar as roupas e é claro, o faturamento no final do mês caiu sensivelmente, e então entraram na justiça pedindo ressarcimento por perdas e danos.

O Paraibunense, Abril de 2001.

## “A Grande Chance de Dito Engenho”

Ano de 1983. Nessa época arrumar emprego era moleza, quem tinha profissão ou curso técnico era assediado pelas grandes empregadoras. Foi quando começaram a se proliferar em nosso país, as multinacionais, oferecendo empregos e salários jamais sonhados até o momento.

Uma multinacional do ramo do Petróleo, tinha uma vaga a ser preenchida no Vale do Paraíba, com salário equivalente a 10 vezes mais o que era normal para esta função, e ainda com muitas mordomias: auxílio moradia, carro com motorista, três seguranças, duas secretárias, duas passagens por ano para a Europa e mais uma infinidade de vantagens.

Claro que com todas as vantagens o número de pretendentes a esta vaga foi uma verdadeira multidão. Encerrado o prazo para preencher o formulário para candidato ao tal emprego, veio à grande surpresa, 74.367 candidatos iriam disputar este emprego.

De todas as cidades do Estado de São Paulo candidatos disputariam a cobiçada vaga de executivo desta multinacional. De Paraibuna várias pessoas se inscreveram e na opinião de todos, quem tinha alguma chance de ser o grande felizardo era o Dito Engenho.

Eis o motivo: recém-formado em Engenharia, falava quase um idioma, com pós-graduação na faculdade Federal de “Ventriloquia” de Natividade da Serra, dava aula de “grunhido” por correspondência, conseguia até ler letra de médico, era especialista em fazer moto-serra pegar no tranco e como diziam os mais antigos, ele era “crenciado” e ativo.

Com grande expectativa a apreensão chegou o momento para começar a escolha do candidato para tão sonhado emprego. No primeiro teste psicotécnico, 16.312 candidatos foram eliminados, ficando na disputa 58.055 pretendentes. Na seqüência, teste de português, física, conhecimentos gerais e coordenação motora, o número que disputava o emprego caiu para 317 pessoas, e claro o Dito Engenho estava entre eles.

Daí começou nossa torcida pelo representante de Paraibuna, foi formada até uma torcida desorganizada, com a criançada com bandeirinhas e chôque-chôque, marcando presença e dando incentivo.

Com mais uma semana sendo bombardeado com todo tipo de testes e complicações, sobraram apenas três candidatos: um mineiro de Conceição do Rio Verde, sobrinho do Mirtão Barbosa, um carioca, e um paulista: - claro, ele mesmo, Dito Engenho. Vejamos que situação: começamos com 74.367 pessoas e agora sobraram apenas três. Com certeza qualquer um dos três merecia a tal, vaga, mas acontece que apenas um seria escolhido.

Foi marcado para o dia 17 de Setembro às 8:00 horas, a entrevista decisiva com os três candidatos para saber quem ficaria com o emprego. O entrevistador e quem daria a palavra final sobre o escolhido, era uma pessoa ranzinza, de mal com a vida, sempre irritado e distribuindo coices pra todo lado e para culminar, tinha sofrido um acidente: a porta do carro abriu, ele foi arrastado quase um quilômetro com a cara no chão e desapareceu uma orelha, ficando somente uma cicatriz estranha no lugar.

Claro que se alguém ficasse olhando este detalhe o mundo acabaria para ele e para quem teve tal ousadia. Vamos à entrevista. Primeiro o mineiro, foi bombardeado com todo o tipo de perguntas, acertou tudo, mostrou ser extremamente inteligente, inclusive tinha uma equipe que com sucesso havia feito o primeiro transplante da América Latina. Foi quando veio a pergunta final: -Você é bom observador? Veio a

resposta: -Muito bom. Novamente a pergunta: -Vê algo estranho em mim? -Sim, você perdeu uma orelha. - Certo, e você acaba de perder sua chance, seu abusado e malcriado.

Foi chamado o carioca, respondeu sobre tudo, inclusive sobre o Fla-Flu de 1981, quantos torcedores no maracanã sabiam o CIC e RG de todos, mas na pergunta final, também quebrou a cara, falou da orelha perdida e claro além do ponta-pé na bunda, também perdeu a chance do emprego.

Finalmente o Dito Engenho, de 74.367 no início, só sobrou ele e tinha a nossa torcida e a certeza que a vaga era dele. Com frieza e tranqüilidade o Dito respondia sobre qualquer assunto. Eis um trecho interessante: -Quantas pessoas morreram na primeira guerra mundial? -162.438 pessoas.

-Quantos homens, mulheres e crianças? -63.413 homens, 48.516 mulheres e 50.510 crianças.

-CIC, RG e endereço de todos? O Dito deu a resposta exata, inclusive com documento provando tudo.

Pergunta final: Você é um bom observador?

-Claro que sou.

-Olha bem para mim, vê algo estranho?

Dito respondeu: -Claro que eu vejo.

com a resposta o entrevistador já ficou com um pé atrás, pronto para explodir. -O que você vê de estranho?

Ai vem a resposta: -Você usa lente de contato.

Na verdade ele usava, mas como o Dito percebeu isto, o entrevistador pensou: Este rapaz é formidável e ainda tem raio-X nos olhos. Continuo u a conversa: -Porque que eu uso lente de contato?

Veio a resposta destruidora de tudo:

-O Senhor usa lente de contato por que não tem uma orelha para enroscar as pernas dos óculos, por isso que é mais fácil usar lentes.

Claro que foi expulso da sala a ponta-pé, perdeu o rumo de Paraibuna e o que é pior, perdeu a chance de ser um executivo da Multinacional, com salário e independência garantida pelo resto da vida.

“ - Dito, você é coisa de Loco”.

O Paraibunense, Junho de 2001.

## **“As Curiosidades do Motão do Bragança”**

Ano de 1994, Motão do Bragança, Diretor da Cooper, porta bandeira do grupo de Moçambique de Paraibuna e Presidente do E.C. Bragança. Ele vinha a Paraibuna, quando de repente seu carro deu um problema mecânico, ele esperou mais ou menos meia hora e como não passou ninguém para mandar buscar socorro, resolveu que iria a pé até o Bairro do Itapeva e lá arrumaria um portador para ir a Paraibuna buscar um mecânico.

Quarenta minutos depois, já tinha andado quase um quilômetro, resfolegava igual uma locomotiva, o suor misturado com poeira descia perna a fora e ao chegar no calcanhar rachado ardia pra caramba, e lá ia nosso personagem na sua missão quase suicida. De repente foi ultrapassado por um carrão em alta velocidade, quase foi atropelado e ficou envolto naquela nuvem de poeira, claro que o Motão xingou bastante, mandando o motorista e o carro para mais ou menos 300 quilômetros adiante do inferno. A poeira foi baixando e para sua surpresa o carrão estava parado a mais ou menos 200 metros adiante: O Motão ficou preocupado:



-Se o motorista estiver armado e atirar em mim? Levou um grande susto quando o motorista começou a gritar: -Compadre venha aqui que vou te dar uma carona. Ao chegar mais perto ele reconheceu o motorista, era alguém que há muitos anos tinha morado no bairro, indo embora para São Paulo, tinha dado sorte na vida, foi bem sucedido no comércio de automóveis tornando-se dono de uma imensa frota de carrões, igual a esta mercedinha parada frente ao atordoado Motão do Bragança. Foi difícil convencer o Motão entrar no carro, pois estava sujo e suado, e só depois de muita insistência o bacana conseguiu que o Motão aceitasse a carona para buscar socorro.

Nosso personagem, ficou curioso com a quantia de botões no painel do carro, e claro, para matar sua curiosidade começou a fazer perguntas: -Compadre precisa de todos estes botões que tem no painel do carro? -Claro compadre, se não precisasse a Fábrica não colocaria. -Compadre, pra que serve aquele botão azul e grande? -Para regular os faróis. -E aquele branco do lado? -É para jogar água no vidro traseiro. -E os três em carreira? - O primeiro é para regular o som a cores, o segundo é do ar quente e o terceiro regula o ar grosso nos pneus, pois em caso de furo de prego o ar não sai do pneu. Cada vez mais admirado nosso personagem Motão, resolveu parar de fazer perguntas, arriscou a última para matar mais uma curiosidade: -Compadre o que é aquilo em cima do capô?

Aquilo era o emblema da Mercedes, acontece que o granfino resolveu tirar uma com o Motão, e falou: -Compadre aquilo é mira. -Mira, você falou mira compadre? -Isso mesmo, você ouviu bem, é mira. -Compadre, é o fim do mundo, quer dizer que o carro atira? -Não compadre, não atira, esta mira simplesmente divide o centro exato do capô, e quando eu quero atropelar alguém, por exemplo aquele cara de bicicleta que está vindo, eu miro bem no meio do umbigo dele e claro ele é partido ao meio. De fato vinha alguém de bicicleta à mais ou menos 200 metros, e o carrão parecendo um foguete ia com tudo para cima, dando a impressão que o ciclista seria es-traçalhado. Acontece que ele era excelente motorista e por mais de 10 anos fazendo estas maluquices sem nunca acontecer um acidente por pequeno que fosse. Mas tudo na vida tem a primeira vez, ao sair com tudo fora da rota de colisão, ele teve a impressão de ter ouvido uma pancada, e ao olhar pelo retrovisor ele teve confirmação, a bicicleta toda destruída e o ciclista encostado do barranco a quase 10 metros de distância. Ele ficou assustado quando percebeu que realmente havia acertado o ciclista, quando ouviu seu compadre o Motão do Bragança, que com toda tranqüilidade do mundo falou: -Compadre, é melhor o senhor mandar regular a mira, pois quando eu vi que ele ia escapar, eu fui obrigado a abrir a porta do carro e socar na cabeça dele.

O Paraibunense, Junho de 2001.

## **“A grande promoção do Zé Roberto”**

Zé Roberto Miranda, comerciante bem sucedido de Paraibuna. Certa vez ele fez uma promoção no mínimo interessante, iria sortear entre seus fregueses uma excursão para Caraguatatuba. Todo dia, no final do expediente, ele juntava todos os canhotos de comprovante venda, e dois ou três eram sorteados. Durante o mês da grande promoção, exatamente 89 pessoas foram sorteadas, adquirindo o direito de ir ao Litoral com todas as despesas pagas pela Casa Rural, empreendimento do nosso personagem acima.

Finalmente chegou o grande dia da excursão, o local de concentração para embarque era na Praça do Mercado Municipal, com saída prevista para as 9:00 horas. Por volta das 8:00 horas já era grande o movimento de pessoas que chegavam para o embarque no bondão do Expresso Beçudo de Jambeiro, que iria levar o pessoal

para a tão aguardada excursão. A chegada do pessoal era uma verdadeira festa, de todos os bairros vinham gente, com os mais variados apetrechos como: esteira, colchão, bucha, sabonete e fogueira a gás.

Foi grande o rebuliço quando chegou a Izabel do Espírito Santo, junto com Dona Zumira e Dona Ercília e toda família, trazia entre outras coisas um panelão de pato assado com virado de feijão fava. Do bairro do São Geraldo chegava o Marçal e toda família, e com Dona Célia mostrando orgulhosamente o caldeirão de quireira quente com costelinha de porco.

Enquanto aguardavam a condução, a turma da mangaça marcava presença no Bar do Marquinho Lapa no Mercado Municipal, e para alegria dele, em pouco tempo esvaziaram seis garrafas de pinga, só que para tristeza, na hora de pagar não apareceu ninguém (é como diz o ditado, tem gente que bebe para esquecer). Finalmente chegou a hora do embarque, foi grande o alvoroço quando o motorista Ronaldo do Fazendão, o pé inchado, tornozelo de elefante (ele que hoje dirige Kombi escolar), depois de várias manobras conseguiu parar no local exato, isto depois de derrubar grande parte da parede da cozinha caipira.

Desce o motorista e imediatamente se dirigiu para o bar do Marquinho Lapa para molhar a goela ressecada.

Enquanto isso, o Zé Roberto tentava organizar o embarque, mas quase foi esmagado pelo pelotão de frente que queria entrar primeiro para pegar um lugar perto da janela. Começou a complicação, quando tentando entrar ao mesmo tempo, Sassá do Geraldo Alvarenga, e o Elizeu, o Pezão do São Guido, forçaram a passagem e ficaram entaladas na porta. Com a pressão caindo e com asfixia parcial, era crítica a situação dos dois. Foi tentando de tudo, inclusive jateamento de graxa líquida, mas lá estavam os dois entalados na porta do bondão.

Desta vez, com muito esforço foi feito o embarque e exatamente 97 pessoas se acotovellavam dentro do ônibus quando veio o motorista. Vejam que loucura, para ele chegar até o volante, 14 pessoas tiveram que descer de cima do motor e dos degraus da entrada e depois que ele se posicionou, os 83 restantes tiveram que descer para dar um tranco no bondão, pois não tinha partida.

Em tempo, a tripulação era composta pelas seguintes pessoas: motorista, Ronaldo do Fazendão, auxiliar, Moacir da Vila Amélia, mecânicos, João da Égua e Barretinho e como guia turístico, Seu Jak Ananias, e coreografia, Márcia de Sá do Cruzeiro, controlador de tráfego, Baiano da Prefeitura e como capelão da equipe, o Molina da Vidraçaria.

Bem, vamos seguir viagem, o bondão foi empurrado até o Caracol, quando pegou foi novamente, aquela correria, mas felizmente todos embarcaram, e finalmente, Caraguá lá vamos nós. O calor dentro do bondão era insuportável, depois de 10 minutos de viagem, quem estava em pé já não sentia mais as pernas, a Gláucia do São Guido e a Cristilene filha da Dona Célia, mascavam chicletes, fazendo bola e estourando para deixar o ambiente ainda mais carregado. Às vezes a bola, antes de estourar, enroscava na cabeça do passageiro da frente, e ao ser puxada, tanto vinha com fios de cabelo como parte do chiclete ficava no couro cabeludo, mas de repente, quando a Cristilene puxou, para sua surpresa, junto com o chiclete veio a peruca do passageiro.

Para quem estava em pé era um verdadeiro martírio, nessa altura do campeonato o cheiro de sovaco já transcendia a capacidade olfativa de qualquer nariz e ninguém conseguia distinguir se a catanga era desodorante vencido, se era um filhote de gambá morto debaixo do banco, ou se era de um carregamento de sacos de cebola em estado de deterioração.

Já em Caraguá, em um cruzamento que a preferencial era nossa, o motorista vira violentamente para a direita e para a esquerda, nesse momento a traseira do bondão passa na frente da dianteira. E dá uma freada brusca, causando um ver-

dadeiro terremoto.

Dona Célia esposa do Marçal, se desequilibrou e derramou o caldeirão de quirera em cima do capelão Molina, da Márcia de Sá do Cruzeiro e de um casal de namorados. Dentaduras voavam das bocas abertas, pirulitos eram engolidos com palito e tudo e crianças e perucas rolavam na descaída do corredor do bondão. Novamente uma marcha é engatada, e fomos como um bólido com destino ignorado passou o sinal vermelho, e depois por cima de um fusquinha e só foi parar na pilastra de um viaduto que teimosamente não saiu do caminho.

Todos falavam e gesticulavam ao mesmo tempo e quando fomos tirar satisfação com o motorista, percebemos que ele teve um ataque epilético e estava grudado e babando no volante, tinha inclusive dirigido mais ou menos 3 quilômetros desmaiado. Foi chamado o motorista auxiliar Moacir, que ocupou o lugar, e cheio de pose engrenou uma marcha, só que errada, ao invés da ré ele colocou primeira, e saiu com tudo derrubando o viaduto como uma arapuca.

O alvoroço chamou tanta atenção, inclusive do pessoal das comitivas que participavam do 1º encontro de cavaleiros do Litoral Norte, e por sugestão do meu filho Alessandro e do Shesman da comitiva Brasil, o Zé Roberto contratou a Dona Benedita Charreteira para transportar o pessoal de volta para nossa cidade, em inúmeras viagens, menos alguns que ganharam passagem a pé de volta a Paraibuna.

Hoje quando recordamos deste fato achamos graça, mas na ocasião vivemos momentos de grande apreensão. Ainda hoje conversando com Zé Roberto, fica a pergunta, por que nada deu certo, já que tudo foi planejado, inclusive com contrato feito com a agência de viagens Plano Mútuo Nova Vida do amigo Ednaldo Guimarães, que destacou a Fernanda do São Guido para dar toda assistência para a nossa delegação. Vale dizer que a Agência de viagem contratada só tem viagem de ida, não tem volta, eu heim... Sai que é rolo! Até a próxima.

O Paraibunense, Julho / Agosto de 2001.

## **“Barretinho e Pinto Loco nas Olimpíadas?”**

Disputa acirrada do turfe brasileiro buscando classificação para as Olimpíadas de 1993.

Paraibuna, ano de 1992. Os aficionados de corrida de cavalos aguardavam com muita ansiedade a decisão do comitê organizador do Turfe Brasileiro, que iria se pronunciar sobre o local a ser disputada a corrida com índices olímpicos, a qual daria uma vaga para a próxima Olimpíada de 1993 na Bélgica. Foi grande o alvoroço quando nosso representante Rubinho Navajas que, além de ser membro vitalício da turma da Maria Mole, era membro consultor pró-turfe da cidade de Paraibuna, trouxe a grande notícia: Paraibuna foi escolhida como cidade sede para a disputa da última vaga olímpica. Foram quase seis meses de preparativos, e finalmente chegou o grande dia. Recinto de Exposições (FAPAP), dia 12 de setembro de 1992, esse era o momento tão aguardado, pois exatamente no 5º páreo iria sair o nosso representante que tentaria uma medalha para nossa cidade.

O jóquei com maior chance de ficar com a vaga era o Pinto Loco, a maior revelação no turfe brasileiro nos últimos 100 anos. Ele que, com 13 anos, tinha sido medalha de prata na Olimpíada de 1989 em SpahFranpochant na França, agora, quatro anos mais experiente, tinha chegado recentemente de uma excursão pela Europa onde tinha ganhado 30 grandes prêmios dos 31 disputados. Era, portanto um fenômeno, e, como todo bom profissional, tinha uma equipe singular. Ele montava a égua Baby Stryke, do haras Andrade, do criador João Andrade e de Da. Ercília. Tinha

como treinador o renomado e experiente IloEmboava; tratador da equipe: Gaspar, o Louro José Africano; e seus empresários: João Bolha e Dito Ligeirinho da Caixa d'Água. Claro que tinha um forte patrocínio, era a casa Agromoura, do empresário João Luiz, com contrato em vigência de dez anos, e com opção de renovar por mais dez.

Finalmente chega o grande dia. O Recinto da Fapap registra um público de mais de 17.000 pessoas, isso de acordo com as catracas eletrônicas controladas pelo Bispo da Vila de Fátima. A cada páreo, crescia a ansiedade e tensão nervosa. Chega o momento do 5º páreo, 16 horas e 15 minutos, com grande emoção ouvimos o Hino Nacional. Crianças com bandeirinhas e choque-choque faziam grande alarido. A cronometrista e operadora de sismógrafo, Silmara do Depósito Martelo, estava apreensiva, com medo de que não fosse cumprido o horário para nossa entrada no sinal do satélite que levaria as imagens para 196 países, cinco continentes, chegando inclusive a Natividade da Serra. As apostas oficiais estavam na base de 179 por 1 a favor de Baby Stryke e do jóquei Pinto Loco.

No alinhamento dos jóqueis para a largada, surgiu o primeiro problema sério. Apenas nove se alinharam, um tinha passado mal e sido levado às pressas para a funerária Plano Mútuo Nova Vida pelo veterinário e auxiliar de coeiro Catatau, do Bad-Boys. O jóquei com problemas iria montar a égua Ribandunga, puro-sangue (sangue de carrapato), que tranquilamente aguardava comendo guanxuma. Ribandunga era propriedade do haras Patizal, do criador Ruy Jorge, chefe da equipe: Zé Maria de Jambeiro; e os seguranças da equipe: Carmo da Fazenda da Divisa e o Fuscão (eles eram segurança mínima).

A solução seria convencer o tratador da equipe, o Barretinho, a ocupar o lugar do jóquei doente, para que finalmente tivesse início o famigerado 5º páreo. Sem muito esforço, Barretinho foi convencido a participar, e já se achava no lombo da Ribandunga, claro que com as pernas amarradas por baixo da barriga da égua para que não caísse. E lá vamos nós que aí vem o sinal do satélite! A tropa de elite da Escafandria Aérea e Marítima de Jambeiro deu o sinal positivo, o cronômetro com a Silmara é zerado e finalmente foi dada a largada.

O total do percurso era de 1.800 metros, quatro voltas, com saída em frente ao restaurante, passando em frente às baías, por baixo da figueira grande ainda em frente à portaria principal, depois era só desviar da casa do Tião Preto, pegar a reta dos boxes e entrar pela reta da chegada.

Cada volta correspondia a 450 metros. Ao completar a primeira volta, o jóquei Pinto Loco, montando Baby Stryke, levava uma vantagem de 160 metros do 2º colocado e exatamente 390 metros do último colocado, claro, o Barretinho e a égua Ribandunga. Para delírio do povão, ao completar a 2ª volta, a vantagem de Baby Stryke sobre os demais participantes tinha aumentado ainda mais. Quando, na 3ª volta, Pinto Loco entrou pela reta da figueira grande, ele avistou Barretinho e a égua Ribandunga, que ainda estavam na 1ª volta. Ele já se preparava para ultrapassar pela 2ª vez o jóquei Barretinho e a égua Ribandunga, que iam no famoso ritmo “lesma manca”.

Com o alarido do povão, que vaiava e incentivava ao mesmo tempo, e para não ser ultrapassado novamente, o que seria a extrema humilhação, Barretinho pensou: Algo tem que ser feito e tem que ser agora. Eles estavam embaixo da figueira, e nosso jóquei resolveu dar umas chicoteadas para ver se Ribandunga acordava. Na primeira tentativa, o chicote enroscou em uma casa de marimbondo e trouxe junto milhões de marimbondos desalojados e ferozes, que entraram por baixo do arreio, do rabo da égua, e em tudo quanto era lugar. E com milhões de ferroadas simultâneas, a pobre Ribandunga deu três piruetas, depois se ajustou na pista, e como se estivesse sendo perseguida por mil demônios, ela saiu a 600 mil quilômetros por hora, fazendo com que uma enorme nuvem de poeira cobrisse toda área da Fapap.

Quando a poeira abaixou, a cronometrista Silmara, consultando os computadores, verificou que Baby Stryke estava a mais ou menos 90 metros para completar o percurso. Foi grande o alvoroço, com a confirmação no telão, que o jóquei Barretinho e a égua Ribandunga já estavam na curva que dá acesso às baías, estava abrindo a quarta e última volta da prova. O enorme público estava mudo e estarecido, acompanhando também no telão a projeção de cada metro corrido por Baby Stryke. A égua Ribandunga corria entre quatro e cinco metros. Seria impossível apontar a provável vencedora. Mas acontece que o destino queria nos pregar uma peça, quando o jóquei Pinto Loco estava a mais ou menos 40 metros da chegada, a diferença entre Baby Stryke e Ribandunga era equivalente ao beico de uma pulga. Foi quando a égua Baby Stryke deu uma parada brusca e o jóquei, sem esperar, foi arremessado igual a um avião Antonov des governado e sem piloto. E lá vai nosso jóquei deixando uma trilha de destruição por onde passa. Derrubou três barracas, uma torre de telefone celular, destruiu vários carrinhos de ambulante e só parou alguns metros após a fita de chegada. Quase quatro segundos depois chega o jóquei Barretinho com a égua Ribandunga, e com verdadeiro delírio da multidão cruza a linha de chegada.

Foi um terremoto, correspondentes de jornais do mundo todo queriam a notícia de primeira mão, queriam um furo jornalístico, quem seria o vencedor e quem iria garantir a vaga para a próxima Olimpíada: Pinto Loco, que chegou em primeiro, mas sem a montaria e ainda por cima deixando um rastro de destruição por onde passava, ou o jóquei Barretinho, que chegou em segundo lugar, mas montado na égua Ribandunga? Novo alvoroço quando o veterinário e auxiliar de coveiro, o Catatau do Bad-Boys, examinando a égua Baby Stryke, chegou à conclusão (sem a mínima margem de erro) que a égua estava morta. Inclusive, para agravar mais a situação, ela tinha corrido os últimos 400 metros já sem vida, e isto é contra o regulamento. No artigo 4º, adendo 2º, diz que, para disputar um grande prêmio, o animal e o jóquei devem estar vivos (Falta caracterizar que precisa chegar vivo). Até hoje não tem uma definição oficial, ninguém foi à Olimpíada, não foi declarado o vencedor e os apostadores continuam com apostas e prêmios retidos, aguardando uma decisão que deve sair até o final do século.

Obs.: Quem foi o vencedor? Ligue 39741143, às terças-feiras das 20 às 22 horas, ou aos sábados das 14 às 16 horas, para Rádio Difusora do Vale, durante o programa do Zé, Borracha e dê a sua opinião.

O Paraibunense, Setembro de 2001.

## **“Uma aventura em território mineiro”**

Nosso amigo Luiz Carlos resolve levar a família para um passeio...

Há alguns meses, o nosso personagem, o Luiz Carlos da Chamboucy, grande palmeirense, ia ser padrinho de casamento em Soledade, cidade do Sul de Minas. Com grande entusiasmo, a família se preparava para seguir viagem. A comitiva estava completa: Luiz Carlos, sua esposa Dona Iolanda, seu filho Karl e sua filha Paola e o marido Vitão com a filhinha do casal, a garotinha Vitória. Depois de mais de três horas de preparativos, chegaram a um acordo do que iriam levar. Fizeram o controle da distância, 413 km. Na média de 80 km por hora, gastariam mais ou menos cinco horas. Como o casamento seria às 18 horas, e estavam saindo um pouco antes das dez, teriam tempo de sobra.

A viagem estava tranquila, pelo menos, era o que parecia. Haviam percorrido apenas três quilômetros quando surgiu o primeiro problema, o pneu dianteiro esquerdo estava furado. Luiz Carlos para o carro, desce Vitão com a equipe de apoio, e ao procurar o macaco, a primeira surpresa, tinham tirado para lavar o carro e esque-

cido de colocar novamente no lugar. Rapidinho Vitão foi buscar o macaco, e logo o problema tinha sido resolvido, perderam apenas 35 minutos, nada que pudesse complicar a viagem e a chegada em tempo para a cerimônia do casamento. Lógico que iriam ter de parar para consertar o pneu furado, mas nada preocupante. Só que também este começo de viagem poderia muito bem ser um aviso de que a bruxa poderia muito bem estar à solta, e no caminho do nosso amigo Luiz Carlos. Começou a preocupação quando já estavam em território mineiro, isso às 13h30, e faltando exatamente 272 km para chegar a Soledade. Dali pra frente, teriam de fazer uma média de 60 km por hora para chegar no horário. Eles desenvolviam uma média de 70 km por hora, portanto estava tudo bem, mas de repente Vitão falou: Compadre é melhor reduzir a velocidade, o senhor viu a placa: Reduza 60 km? Luiz Carlos respondeu: Claro que eu vi, vamos reduzir para 60, que vai dar tempo tranquilo e ainda não estaremos irregulares.

Alguns minutos depois, uma surpresa que começava a preocupar, uma placa indicava: Reduza 50 km. Luiz Carlos dialogava com a família: A 50 km por hora correremos o risco de chegar atrasado para o casamento. Nisso, sua esposa Dona Iolanda ponderou: É melhor chegarmos um pouco atrasado a cometer uma infração arriscando ser multado, e além do prejuízo, da dor de cabeça, e também da perda de tempo. Houve um acordo: Então vamos nós a cinquentinha por hora. Já haviam até esquecido do relógio, quando avistaram aquela placa fatal: Reduza 40 km. Agora teriam de decidir: desrespeitar a orientação e ter a chance de chegar a tempo de assistir ao casamento ou seguiam a orientação da placa e, com certeza, chegariam atrasados, só para a festa. Isso é bão também! Por decisão da maioria, iriam a 40 km por hora, e seja o que Deus quiser.

Preocupados com os comes e bebes, lá iam nossos personagens, mas para espanto geral novamente uma placa indicando: Reduza 30 km. Decisão rápida para quem já perdeu a cerimônia do casamento, pois já eram 18h15, estava arriscado perder a festa. É melhor obedecer à sinalização para não perder dinheiro pagando multa. Ficaram todos boquiabertos quando no acostamento, meio encoberto pelo capim, estava lá mais uma placa de sinalização: Reduza 20 km. Ninguém disse nada, não tinham coragem de olhar para o Luiz Carlos e enfrentar a fúria dele. Vitão ficou tentado a comentar que estavam sendo ultrapassados por algumas tartarugas que irregularmente trafegavam pelo acostamento.

Um longo tempo depois, com o dia já começando a clarear, avistaram mais uma placa com os dizeres: Reduza 10 km. Luiz Carlos explodiu: - Reduzir o quê?! Só se formos a pé daqui pra frente! Mas, como tinham perdido a cerimônia na igreja e a festa do casamento, o que importava perder alguns dias ou semanas pelas estradas de Minas?

Lá vai a comitiva da família do amigão Luiz Carlos, que, devido à lentidão, mais tarde seria conhecida como “Comitiva Lesma Manca”. Como diz o ditado: “para quem está perdido, qualquer vereda é caminho”. Eles continuaram a 10 km por hora para ver no que iria dar.

Já quase ao meio dia, cansados, com fome, pois o caldeirão de virado com frango já tinha acabado tudo, eles avistam na curva há uns 300 metros mais uma daquelas placas, e Luiz Carlos comenta, mais para extravasar a fúria: Pela sequência lógica, agora teremos de dar ré devagar, ou perco a linha e picoto a placa na bala. Pertinho da placa, todos desceram, e, na maior expectativa, a contornaram. Ao encará-la de frente, sentiram uma mistura de alegria e raiva ao mesmo tempo, pois com toda simplicidade, ali estava escrito: “Bem vindo a Reduza”.

Reduza era uma cidadezinha típica do interior de Minas, encravada em um grotão, e que hospitaleira aguardava a visita daquela família cansada de viagem. Ficaram encantados com a hospitalidade daquele povo e com a beleza da cidade. Depois de dois dias seguiram viagem, em velocidade normal, e graças a isso chegaram a

Soledade a tempo do batizado da criança, filha daqueles que seriam seus afilhados de casamento. Participaram da festa maravilhosa e tudo terminou bem. Claro que com uma preocupação constante: “Meu Deus, tomara que o Zé Borracha não venha saber disso nunca”.

Por um acaso do destino eu fiquei sabendo, e, neste momento, milhares de pessoas também já sabem. Isso graças à grande circulação deste jornal. Todos com certeza serão unânimes em afirmar que, se fosse uma corrida de carro, o Luiz Carlos teria chegado depois do último colocado.

Por ironia, algum tempo depois, o Luiz Carlos vendeu o carro em Caraguatatuba, e dias destes encontrei com o novo dono e vi o “possante” com uma frase esquisita: “Nóis capota, mas não bréka”. Isso é coisa de loco, até a próxima!

O Paraibunense, Outubro de 2001.

## **“Nikinha de Jambeiro, Gilmar e Bozó da Panasonic”.**

Uma aventura de outro planeta. Nossos personagens da estória de hoje, Bozó e José Gilmar, moravam no Bairro do Itapeva quando esse fato aconteceu. Início de 1993. Essa dupla fatal, cansada da luta na roça, foi a São Paulo tentar a sorte na cidade grande. Mais ou menos um ano depois, eles estavam de volta, só que muito diferentes daqueles com quem tínhamos convivido tantos anos, nossos amigos do futebol, da trucada e das pescarias malucas daquela época.

Voltaram com certa arrogância, a todo instante esnobavam a nossa turminha, que continuava igual, os mesmos matutos de sempre. Agora eles falavam na giria, usavam rádio portátil, cortavam cabelo pé quadrado e ainda por cima tinham estudado, ambos concluíram um curso por correspondência e se achavam os reis da cocada preta.

Dizia Gilmar: Vocês não se interessam pelo estudo, não se preocupam com o futuro e certamente nunca irão progredir na vida. Quando não era o Gilmar, vinha o Bozó com aquela ladainha: Vocês não estão nem aí com estudo. Com certeza vão ser burros pro resto da vida. Até isso a gente tinha que ouvir.

Certa vez, o Gilmar se vangloriava: Eu e o Bozó fizemos um curso teórico sobre ufologia. Como ninguém deu atenção, comentou novamente que eles concluíram a parte teórica para desenvolvimento de seus estudos. Como ninguém dava bola, eles resolveram novamente ridicularizar a gente. Dizia Bozó: Vocês sabem o que é ufologia? Como ninguém respondeu, ele dirigiu a pergunta diretamente a mim: E, então, Zé Borracha, você sabe o que é o estudo sobre ufologia? Minha resposta foi curta e grossa: Não sei e não estou nem um pouco preocupado em saber, ou melhor, prefiro que nem dê explicação sobre isso.

Mas a dupla não aceitava perder ponto, e imediatamente o Gilmar veio em socorro do Bozó, dizendo: Vocês estão louquinhos para saber o que é ufologia, só que não querem dar o braço a torcer. Pois, muito bem, vou explicar nos mínimos detalhes o que significa ser um ufólogo. Dizia um dos dois, sempre com a concordância do outro ou vice-versa: Ufologia é um estudo minucioso sobre ser extraterrestre, ser de outro planeta, e nós já temos a parte teórica, só está faltando encontrarmos um extraterrestre para mantermos um contato, para sabermos como eles vivem e o que fazem. Daí, sim, com essa parte prática poderemos ser chamados e respeitados como dois ufólogos. Depois de tudo explicado, perguntaram o que a gente achava. Como porta voz do grupo, respondi que para nós tanto fazia se encontrassem ou não os extraterrestres, ou até mesmo que se tornassem um deles. Alguns meses haviam se passado, e parecia que aquele assunto seria esquecido

para sempre. Bem, pelo menos essa era a minha impressão. Chegamos ao final do primeiro semestre de 1994, recebemos um convite do Nikinha de Jambeiro, que trabalha na Embraer, para comemorarmos, na casa dele, o seu aniversário e, também, a conquista do tetracampeonato mundial pela seleção brasileira. Lá se foi nossa turma e, claro que também junto, Gilmar e Bozó.

Depois de inúmeras caixas de cervejas, várias garrafas de pinga, eis que, de repente, o assunto é aquele mesmo: ufologia. Agora com grande vantagem para o Gilmar e o Bozó, pois muitos se interessaram pelo assunto, entre eles, o Nikinha, que inclusive afirmava já ter visto várias vezes seres extraterrestre naquela região, entre Jambeiro e Caçapava Velha, e já tinha até conversado com alguns. “Olha o que a marvada pinga faz”.

Tinha um jogo marcado para aquela tarde, entre solteiros e casados. Jogo este que seria no clube de campo da GM, entre Jambeiro e Caçapava, o trajeto preferido dos extraterrestres, isso de acordo com o Nikinha.

Vamos nós pela estrada, sempre orientados por Bozó e Gilmar e pelo domador de ET, o Nikinha, para aquela missão quase impossível, que era um contato com um ET, e, se sobrasse tempo, ainda iríamos jogar bola. De repente, na beira do caminho, a mais ou menos uns 100 metros, vimos algo que poderia ser qualquer coisa até mesmo um extraterrestre. Por que não? A tal coisa na beira da estrada media, mais ou menos, 1,20 metros, orelha bem grande, pé esparramado, cabeludo e cabeça meio chata. Foi grande a emoção do Bozó e do Gilmar, que diziam: É a nossa grande chance! Ali está um ET, e nós vamos manter um contato. Isso mesmo, nós vamos, retrucou o Nikinha, que se auto-intituiu domador mirim de ser extraterrestre. Eu achei aquilo meio perigoso, mas como fui voto vencido, disse: Tudo bem. Vão em frente e façam bom proveito.

Foi interessante a chegada dos três entendidos perto daquela criatura. O Bozó não conseguia falar, o Nikinha tremia igual Toyota em ponto morto. Coube ao Gilmar ser o porta-voz do grupo. Ele chegou a mais ou menos uns 10 metros e se apresentou: Gilmar, terráqueo, chefe do grupo de ufologistas, tentando manter um contato. A criatura continuava quieta, deixando o silêncio como resposta.

O grupo criou coragem e chegou a uns 3 metros, e novamente a mesma frescura: Gilmar, terráqueo, chefe do grupo de ufologistas, querendo manter um contato. Mais uma vez, o silêncio como resposta. Mas como o grupo tinha força de vontade (só não tinha vontade de fazer força), não desistiam nunca, e, num gesto de tremenda ousadia e coragem, o Bozó chegou bem na orelha da criatura e falou: Bozó, terráqueo, estudante e porta voz do grupo de ufologistas, querendo manter um contato.

Dessa vez funcionou, ficamos boquiabertos com a resposta: Zé Severino, nordestino, motorista de caminhão, querendo cagásussegado! Era um cearense entubando o barro e nosso grupo de ufólogos querendo manter contato!

Por hoje é só, mas eu volto. Até o próximo mês...

O Paraibunense, Novembro de 2001

## **O jogo do Século ou seria o Jogo do Cego?**

Ano de 1969. Várias seleções se preparavam para a próxima Copa do Mundo, que seria disputada no México em 1970. Entre tantas seleções, estavam a brasileira e a temível seleção inglesa.

Era comum naquela época a realização de partidas amistosas entre as seleções,



que, além de servir de preparação, era também um meio de conhecer o possível adversário da próxima competição. Por diversas vezes, houve a tentativa dos ingleses de marcar uma partida amistosa com a seleção brasileira, o convite era sempre recusado pela direção da CBD (o então órgão máximo do futebol brasileiro), pois achavam melhor esconder o jogo de futuros adversários.

Por ironia do destino, anos antes, mais precisamente em 1967 e 1968, quando da minha curta passagem pela S.E. Palmeiras, eu tinha ficado amigo do inglês Sir Alfred Ramsey, ele que era o atual técnico da seleção inglesa. Fui procurado por ele, que tinha o seguinte raciocínio, se não era possível jogar contra a seleção brasileira, então pelo menos devemos jogar contra brasileiros, que seja uma equipe ou uma seleção regional.

Depois de alguns contatos, ficou decidido que seria realizada uma partida amistosa entre os ingleses e uma seleção rural envolvendo jogadores dos seguintes bairros: Ribeirão Branco, Escaramuças, Paraitinga, Fazenda da Divisa, Ponte Alta e Morro da Pedra. A partida foi marcada para o dia 8 de julho de 1969, com horário previsto para as 16 horas, no estádio principal do Ribeirão Branco, o “Anacleto OronzioGoffúXibamba”, com capacidade para mais de 28 mil pessoas.

O técnico, Miro Cassiano, convidado para dirigir a seleção dos bairros, teve muito trabalho e dor de cabeça, pois a todo o momento era procurado por dirigentes pedindo a convocação deste ou daquele jogador.

Vamos então à comissão técnica da seleção dos bairros. Técnico: Miro Cassiano; auxiliar técnico: Luizinho Félix; roupeiro: Abílio do Ribeirão Branco; massagista: Antonio Grande; supervisor: Laurindo Correia; tesoureiro: Zé Castilho da Fazenda Divisa; bafejador anestesiologista e coveiro da seleção: Carmo da Fazenda Divisa; capelão da delegação: Zé Prudente; chefe da FIFA: Zé Paixão de Carvalho; presidente de honra: Zé Barros da Fazenda Divisa.

O alvoroço começou com a convocação dos jogadores. Quando a lista foi divulgada, percebemos dois “estrangeiros” que, com documentos adulterados, foram convocados como sendo filiados à Federação Escaramucense de Futebol. Portanto, como diz na gíria, “eram gatos”. Taí o motivo que até hoje tem gente que diz cheio de orgulho que “os escaramuças” foram a base daquela seleção.

Eis a relação dos 20 atletas convocados pelo técnico Miro Cassiano. Do Paraitinga, Dito Bento e Zé Moura; da Ponte Alta, Carlão e Paulinho Faria; do Morro da Pedra, Jack Cascarde, Miguel e Noel do Dito Pedro; da Fazenda da Divisa, Dito Dérfino, João Correia, Robertinho e Céle Barbosa; do Ribeirão Branco, Dito Bráis, Zé Borracha, Toninho do Prado e Vicente Pão; do Escaramuças/Redencense, Chico Soares, Pedro Fôsta, João do Girimí, Juvenal (Guerrinha) e João Nicanor.

Até na apresentação dos jogadores, mais um fato causou mal estar, pois os dois estrangeiros de Redenção, devidamente autorizados, iriam se apresentar momentos antes do início do grande jogo.

Finalmente chegou o grande dia, 8 de julho de 1969. O Estádio “Anacleto OronzioGoffúXibamba” recebe um público espetacular, calculado em 31 mil pessoas, lembrando que os ingressos haviam se esgotado 15 dias antes, e as melhores acomodações, os cupins, na lateral e faixa central superior, só eram encontrados com os cambistas com os preços majorados em até 300%.

Somente às 16h04min, o nervoso técnico Miro Cassiano escalou a Seleção dos Bairros. Isso porque aguardava a chegada do Expresso Beijudo, que saiu de Redenção da Serra, fez conexão na Ponte dos Mineiros e chegou, finalmente, com grande alvoroço no local do jogo, trazendo os dois craques do Redencense, mas que, de acordo com os documentos, eram filiados à Federação Escaramucense de Futebol.

Foi um tremendo foguetório no momento em que entrou em campo a seleção inglesa, pois além de fleumáticos, eles jogavam no ataque, no saudoso 4-2-4. Seleção

inglesa: seu Flávio Pedroso (havia se naturalizado inglês), Newton, Labone, Bobby Moore e Cooper, Stee Lee e Ball, Frances Lee, Bobby Charlton, Hust e Peter Xilton. O Estádio quase veio abaixo quando surgiu, na boca do túnel (capão de sapé e guanxuma), a Seleção dos Bairros: Dito Bráis, Chico Soares, Zé Borracha, Toninho do Prado e Céle Barbosa, Juvenal, Dito Derfino e João Nicanor, Vicente Pão, João do Girimia e Paulinho Faria.

O jogo valia um lindo troféu e uma vaga para a próxima Eurocopa, que seria disputada em 1971 em Kuala Lumpur na Zâmbia.

O intérprete e tradutor convidado pela FIFA, Sr. Juquinha Rodrigues, tinha muito trabalho em atender a imprensa do mundo inteiro, que precisava enviar matéria urgente, as quais seriam manchetes no outro dia em todos os jornais da Europa. Quase tudo pronto para o grande jogo. O árbitro da partida conferia os últimos detalhes. Já estava presente o 5º Regimento Aerotransplantedados Boínas Verdes de Natividade da Serra, comandado pelo Dito Vela. Também presente a cavalaria aérea e marítima de Jambreiro, sob o comando do Tenente Aviador Zé Edson. Portanto, no aspecto segurança tudo iria correr bem.

O observador da Confederação Sul Americana, Sr. Tião Lúcio, estava preocupado com o atraso do jogo, com medo de que não fosse recebido a tempo o sinal do satélite. O juiz Sr. Paulino Ramos de Amâncio consultou os dois auxiliares: Dito Pires e Paulo Lucrécio; e os gandulas: João Prudente, Santo Ro, Laurindo Correia e João Batista, e imediatamente deu início ao esperado e fatídico jogo.

Vale registrar que o placar eletrônico foi uma gentileza da Renovadora de Pneus Bahia de São José dos Campos e do Depósito do Martelo, e que, programado pelo Barretinho e com a supervisão do Bispo da Vila de Fátima, orientava e incentivava o povão a fazer a ôla (e depois dizem que a ôla surgiu na copa do México em 1970). O jogo estava sonolento, com as duas equipes apanhando da bola, terminando a primeira etapa debaixo de uma estrondosa vaia, tanto que os controladores do placar como que para cutucar os jogadores, anotavam a seguinte informação: Seleção Inglesa e Seleção dos Bairros 0 x 2 Vento e descaída do campo.

Para a segunda etapa, o técnico Miro Cassiano trocou três jogadores: Paulinho Faria, João Nicanor e Vicente Pão, entrando Miguel do Dito Pedro, Pedro Fôsta e Jack Cascardé. Com as alterações e a pressão da torcida, a nossa seleção passou a sufocar os ingleses, marcando a saída de bola e seguindo instruções do nosso técnico, era para atacar em bloco e defender em corrupio. Aos 19 minutos, o juiz deu um pênalti duvidoso a favor da nossa equipe. O lateral Chico Soares se preparou para a cobrança, ele que em 14 anos como cobrador oficial de pênalti havia marcado 342 e errado apenas um. Ele cobrou com a violência e precisão de sempre, foi um barulho ensurdecedor da nossa torcida ao ver a rede balançando, mas só quando vimos o goleiro seu Flávio Pedroso repondo a bola em jogo é que percebemos que o que balançou a rede foi o kichute do Chico Soares.

Alguns minutos depois, para aumentar nosso desespero, o juiz, sr. Paulinho Ramos de Amâncio, arrumou outro pênalti, só que desta vez era contra a nossa seleção. O zagueiro Bobby Moore se prepara para a cobrança. Dito Bráis no gol aguarda aquele que seria sem dúvida o momento mais importante da sua carreira. A torcida nem piscava, dava até para ouvir a respiração dos grilos na capitiva atrás do gol. O pênalti foi cobrado com extrema violência, mas o que aconteceu na sequência deixou muita gente de boca aberta, pois, com o impacto da bola no peito do goleiro, ela se descosturou e, enquanto o goleiro segurava firme o capotão, a câmara de ar estava enganchada na rede. Só quando baixou a poeira e o placar eletrônico anunciava a decisão da arbitragem, é que vimos que por decisão do trio foi validado como meio gol, portanto estávamos perdendo de meio a zero.

A partir daquele momento, a partida começou a descambar para a violência, com a torcida enfurecida tentando destruir tudo. Só se acalmaram com a chegada do

reforço policial, e com seu Lino Soldado comandando o 3º Grupamento de Elite dos Paraquedistas Anfíbios de Paraibuna.

O tempo passava rapidamente. O placar eletrônico marcava 41 minutos da 2ª etapa, com um lateral a ser batido por nossa equipe. Todos os jogadores foram para a área. Estava escurecendo e os refletores a vaga-lume ainda não tinham o aquecimento total, por isso o campo mais parecia uma boate. Para complicar a situação, a bola tinha parado em um capão de guanxuma. Na pressa de cobrar o lateral, o jogador Dito Derfino, distraído, ao invés de pegar a bola, acabou pegando um leitãozinho que tinha escapado do chiqueiro. Sem querer, arremessou-o com toda força para a grande área. Na corrida, entrou o jogador Jack Cascarde, que, com um pulo espetacular, acabou fazendo um golaço (só que era um gol de porco, como ficou anotado na súmula do árbitro da partida, Sr. Paulinho Ramos de Amâncio). Em um contra-ataque de seleção inglesa, o jogador Bobby Charlton foi lançado na velocidade, e, como um raio, o Juvenal partiu pra cima do inglês. A mais ou menos uns 43 metros, ele deu uma tesoura voadora, e lá se foi o Juvenal e o jogador da Inglaterra aterrissar no meio da braquiara, isso depois de arrancar uma cerca de arame farpado e levar junto três carrinhos de vendedor de cachorro quente. Quando socorremos os dois jogadores, a surpresa foi geral, pois, com a violência e a falta de jeito, o Juvenal acabou arrancando o nariz do jogador da Inglaterra. A situação era incrível, enquanto uns procuravam o nariz, alguns tentavam estancar o sangue do inglês. O tempo passava, o desespero aumentava, pois nada de achar o nariz. Foi aí que tive a ideia, corri no armazém e comprei um quilo de pimenta do reino e chapisquei em uma área de mais ou menos um alqueire. Deu certo, pois o nariz espirrou em uma touceira de rabo de burro. Às pressas, o nariz foi arrumado com ajuda de durepox e barro de telha. Só quando o coitado foi tomar banho e quase morre afogado, que percebemos que com a pressa, e o desespero, colocamos o nariz com o buraco para cima, quase matando o inglês pela segunda vez em poucos minutos. Dessa vez, ele foi transportado às pressas pela viação Carro de Boi até Paraibuna, onde uma completa equipe estava de plantão e preparada para tudo. Comandada pelo Dr. Roberto Mascarenhas, a equipe tinha como assistente médico, e veterinário nas horas vagas, Dr. André Gagliote e a Marilda Barreto da Labopac de SJCampos, especializada em fazer exame de sangue em morcego e transplante de memória do gafanhoto. Somente depois de uma complicada transfusão de sangue de jegue no paciente e uma bem sucedida cirurgia narizal, o coitado teve alta e voltou com a delegação rumo a Inglaterra, esquecendo pra sempre aquela trágica tarde e seu terrível marcador, Juvenal do Açougue, o Guerrinha. Até a próxima, fica esperando, que vem mais.

O Paraibunense, Dezembro de 2001.

## **Adilson Cracatoa, um Craque Quase Perfeito**

Década de 70. Começava a despontar no futebol brasileiro um craque fora de série. Tinha tudo para ser a maior revelação do nosso futebol depois da era Pelé. Tratava-se de Adilson Cracatoa, um zagueiro versátil, com técnica refinada, com enorme ascendência sobre o grupo. Era um líder nato, e aos 16 anos, despertou a cobiça do Tchaki Petroleiro do Afeganistão, que mandou um emissário com um caminhão cheio de dólares e uma proposta tentadora para contratar a nossa maior revelação. O negócio só não foi concretizado porque seu técnico e empresário, Marzé, achou que ainda era muito cedo para uma transferência do atleta para o exterior. O que tornava Adilson Cracatoa um craque singular, um jogador diferenciado dos

demais, era que além de ser um excelente zagueiro, era também um goleiro magnífico. Ele havia se destacado em todas as categorias de base do Gandaia F.C. do Capelinha da cidade de Lorena. Em pouco tempo, seria a sensação de uma grande equipe do futebol brasileiro. Com certeza, seria destaque na Seleção Brasileira. Certo dia, fui procurado por seu técnico e empresário, seu Marzê, pois ele sabia a grande amizade que eu tinha com Nicola Racciópi. Na época, presidente da S.E. Palmeiras, usando da amizade e influência que tinha, poderia conseguir um contrato experimental ao jovem Adilson Cracatoa, que com muito orgulho iria vestir a gloriosa camisa do Verdão do Parque Antártica. Claro que me prontifiquei em ajudar, falei com o Presidente e consegui um contrato de seis meses, pelo qual ele iria reforçar os juniores e, aos poucos, entraria na equipe profissional. Esta era sem dúvida a grande chance do nosso personagem Adilson Cracatoa. Teria que ser agarrada com unhas e dentes.

A apresentação para assinatura do contrato foi marcada para o dia 17 de setembro de 1979, às 16 horas, no Parque Antártica, onde o craque iria manter o primeiro contato com o famoso técnico Palmeirense: Oswaldo Brandão. Combinamos que o Adilson e seu empresário sairiam de Lorena e eu iria de Paraibuna para se encontrar na rodoviária e dali seguir para o estádio Palestra Itália.

Até ao nosso encontro na rodoviária tudo correu como previsto. Eu embarquei em Paraibuna no Expresso Rodoviário “Atranco” (cada vez que parava, tinha que dar um tranco), e mais ou menos 8 horas depois eu desembarcava em São Paulo. O problema começou quando saímos da rodoviária em São Paulo, teríamos que ir no sentido Água Branca na Rua Turiassú, onde fica o campo do Palmeiras, mas, orientados pelo empresário Marzê, pegamos o caminho errado e logo desembocamos no Vale do Anhangabaú.

O que chamou nossa atenção foi uma enorme multidão aglomerada no vale, eram mais ou menos quatro mil pessoas que estranhamente olhavam fixamente para o último andar de um prédio, o 37°. Acontece que uma mulher queria se matar jogando-se lá de cima e o povão desesperado rezava para que isto não acontecesse, e torcia para que o corpo de bombeiro chegasse a tempo.

A mulher em cima do prédio ameaçava e gritava: Eu vou pular! Eu quero morrer... E as pessoas estarecidas respondiam: Não faça isso, pelo amor de Deus... Novamente mais ameaça, e o desespero do povão aumentando. No vale, mais parecia o movimento pelas “Diretas Já”, pois, nesse momento, mais de seis mil pessoas aguardavam afitas o desfecho daquele momento crítico e desesperador.

A mulher em desespero estava com uma criança no braço, um garotinho de mais ou menos um ano e meio. Ficamos estarecidos quando ela ameaçou jogar a criança lá de cima. O povão emudeceu. Ninguém conseguia nem respirar. Ficamos mais assustados ainda quando ouvimos o craque Adilson gritando com sua voz de trovão: Pode jogar a criança que eu pego. Sou o goleiro titular do Gandaia E.C. de Lorena e estou indo me apresentar na S.E. Palmeiras.

O que aconteceu na sequência foi algo jamais imaginado. A criança foi jogada lá de cima, e o nosso herói Adilson deu um voo espetacular, algo de causar inveja ao grande Gilmar dos Santos Neves, o melhor goleiro brasileiro de todos os tempos. Com uma agilidade felina, segurou a criança no ar, com a mão esquerda na cabeça do garotinho e com a direita na polpinha da bunda. Desceu calmamente, apoiando suas costas no chão. Ele fez tudo sem dar o menor tranco no garoto. Prova disso é que, na mamadeira que o garotinho trazia consigo, o leite nem balançou. Mas o pior ainda estava por vir, ao jogar a criança, a mulher perdeu o equilíbrio e logo em seguida ela caiu lá de cima.

Nosso herói Adilson, ainda deitado, acabou amortecendo a queda daquela mulher, que caiu sentada em cima de sua barriga. É cientificamente comprovado que no corpo humano existe grande concentração de ar e gases, o nosso herói não era

diferente. Ao receber aquele impacto brutal em sua barriga, acabou liberando um grande deslocamento de ar. Foi um deslocamento de grande porte que acusou 3,9 na escala Richter. Esse deslocamento, na sua trajetória, acabou arrancando um pivô que, igual a uma bala de fuzil, foi esfaquear o para-brisa de um “bondão” parado a mais ou menos 300 metros de distância.

Passado o susto, veio a emoção. A multidão, vendo que nosso herói salvou duas vidas, a do garotinho, com habilidade e reflexo rápido, e da mãe do garoto, mesmo que por acaso, aplaudiu de pé (também, não tinha onde sentar...). Foi tanta emoção que contagiou nosso herói, o qual pensou estar disputando uma partida de final do campeonato municipal de Lorena, entre sua equipe e o temível Hepacaré. Na pressa de repor a bola em jogo, de armar um contra-ataque, ele bateu o garotinho três vezes no chão e, jogando para o alto, deu uma tremenda bicuda na bola (quer dizer na criança).

A pancada foi tão violenta que só foram encontrar a criança a quase 500 metros do local, chorando por ter perdido sua mamadeira. E mesmo não havendo vítima fatal, fomos todos para julgamento, devido à violência e falta de disciplina: eu, o Adilson e seu técnico e empresário, Marzé.

Claro que, por precaução, contratei um advogado, meu vizinho, e no final deu tudo certo - pra nós, é claro -, pois fomos absolvidos, mas o coitado do nosso advogado acabou caindo em contradição e ficou preso por um bom tempo.

Alguns anos depois, para continuar aquilo que tinha começado, levei nosso craque para o Palmeiras, e ele acabou fazendo sua estreia em um jogo do campeonato paulista de 1983 contra o Guarani de Campinas. O jogo foi num domingo à tarde no Palestra Itália. O nosso craque estava disputando uma partida impecável, mas, de repente, se entusiasmou (sempre esse maravilhado entusiasmo), e ao tentar defender uma bola que com certeza iria entrar no ângulo esquerdo de sua meta, ele deu um voo sensacional, atravessando o gramado, derrubando parte do alambrado, batendo violentamente na coluna de sustentação da tribuna de honra. Continuando sua trajetória de destruição, derrubou parte da tribuna palmeirense, entre eles o presidente, na época era Jordão Bruno Sacomani, com seus diretores, seguranças e toda equipe de puxa-saco.

Foi uma zorra total. O pessoal tava mais atrapalhado que coelho em tempestade de areia. O nosso personagem só parou definitivamente quando se chocou com a armação de concreto que dá início à arquibancada superior. Claro que, depois dessa lambança toda, ele não foi aprovado como jogador do Palmeiras. Ainda se fosse para comandar equipe de implosão de prédios ou ainda treinar os pilotos suicidas do Osama Bin Laden, com certeza seria aprovado imediatamente.

Hoje, muitos anos se passaram. Seu antigo técnico e empresário é chefe do setor de compras da Faenquil, conceituada faculdade da cidade de Lorena – tranquilo, na vida que pediu a Deus. O nosso personagem central da história, Adilson Cracatoa, leva a vida numa boa como integrante da gloriosa corporação da Polícia Militar Rodoviária do Estado de São Paulo. É ele mesmo, nosso amigo Cabo Adilson, que, nas horas vagas, bate uma sinuca e faz dupla sertaneja com seu xará e clone, Adilson do Padre (Rosa Música). E, segundo compadre Alberto (motorista da Transvip) e a comadre Cida, seus novos e simpáticos empresários, já houve sondagem da Central Globo de Televisão para que os dois Adilsons comecem as gravações da série de grande sucesso da emissora: O Clone II.

Adilson Cracatoa, você é coisa de lóco!

O Paraibunense, Janeiro de 2002.

## **“Zé Caveira e Sua Equipe na Missão de Paz da Onu”**

Ano de 1989. Os moradores do Bairro do Espírito Santo passaram momentos de angústia e apreensão, pois um fato tirava o sono das pessoas daquele bairro, e se não fosse resolvido a tempo, poderia provocar uma tragédia ou até mesmo a 3ª Guerra Mundial. Tudo começou anos antes, quando três amigos: Edmilson Fonseca, Dimas - O Cristo e Messias Camarão fizeram uma sociedade. Eles compravam vacas, produziam e vendiam queijos, requeijão, manteiga e leite (leite que eles entregavam e já vinha com guaru e sapinho, e, claro, com bastante água).

Durante alguns anos, tudo transcorreu a mil maravilhas, com o negócio prosperando e o gado se multiplicando, contando com 71 vacas produzindo. As coisas começaram a complicar foi num domingo, quando um freguês que comprava o leite diariamente e que, amparado pelo Código de Defesa do Consumidor, foi devolver alguns guarus e sapinhos que tinha encontrado. Aproveitando a ocasião, ele queria que sua dívida, resultado de seis meses de leite que foi entregue, fosse perdoada. Até aí, tudo bem. Os três concordavam com a proposta do reclamante, pois é melhor um péssimo acordo do que uma boa briga. A complicação começou com a troca de acusações de quem era a culpa, quem falhou ao esquecer-se de coar o leite, ou quem tinha pegado água do tanque de criar peixes, ou, ainda, antes de distribuir o leite poderia alguém ter dado umas tarrafadas e teriam evitado esse transtorno. Naquele mesmo domingo, à tarde, em um jogo de futebol, entre rasteiras e entrada violenta, trocaram empurrão e safanões. A partir daquele momento estava aceso o estopim que iniciaria o conflito, e com certeza a sociedade entre os três não teria como prosseguir.

No outro dia, segunda-feira, com as vacas no curral, eles tentaram desmanchar a sociedade, mas as coisas se complicavam a cada minuto. Por mais que tentassem, não chegavam a um acordo, pois na verdade a repartição era mesmo complicada. Vamos explicar direitinho, eles tinham 71 vacas, e pelo custo do gado o Edmilson era dono de 50%, portanto  $35 \frac{1}{2}$  (trinta e cinco vacas e meia), pelo total investido o Dimas tinha direito a  $\frac{1}{4}$  do gado, portanto  $17 \frac{3}{4}$  (dezesete vacas e três quartos). Baseado em documento firmado na formação da sociedade e, ainda por cima, reforçada por uma dessas armadilhas da matemática moderna, coisa que quase ninguém consegue entender, o Messias era dono do restante do gado.

Nenhum deles concordava que vacas fossem serradas para fazer repartição, ainda mais sendo gado leiteiro. Três dias se passaram e a situação estava insustentável; o gado preso no curral, os três não se falavam, todos andando armados. Portanto, a qualquer momento poderia ser deflagrada a 3ª Guerra Mundial.

Já no final da semana, no sábado, fui procurado pelo meu amigo seu Antônio Ribeiro, que estava muito preocupado com o possível desfecho, e que, sem dúvida alguma, poderia ter um final trágico. Ele queria saber se eu conhecia alguém capaz de resolver essa pendenga, que fizesse de forma que ninguém se sentisse prejudicado, e, claro, com isso evitaria um possível confronto armado com resultados imprevisíveis.

Por sorte eu sabia de uma equipe que resolveria este caso. Tratava-se do meu amigo Zé Caveira e seus dois auxiliares, Luiz Antônio Neder e o Shesman da Comitiva Brasil. Eles formavam o grupamento de elite dos Paraquedistas Anfíbios e Blindados que agiam em missão da Força de Paz da ONU. Eles tinham chegado recentemente de uma missão na área de conflito entre Irã e Iraque, e tiveram êxito na missão, evitando assim mais uma contenda entre os dois países.

Procurei o Zé Caveira e sua equipe, pois além de ele gostar de ajudar as pessoas, tinha muita experiência em ser mediador entre partes em litígios em iminente conflito. Expliquei tudo o que estava acontecendo. Ele conversou com seus dois auxiliares e já tomou uma decisão. Ele disse para tranquilizar todo mundo que na manhã seguinte estaria no curral para resolver da melhor maneira possível. Deu certeza de que todos sairiam satisfeitos. Mandeí um emissário ir até o bairro do Espírito Santo avisar a quem pudesse interessar que no outro dia o pesadelo chegaria ao fim.

Bem cedo, fiquei surpreso quando o Zé Caveira e seus auxiliares me chamaram para irmos resolver a questão. Fiquei mais surpreso pelo fato de irmos num caminhão boiadeiro, do meu amigo Zé Crente, mas preferi ficar em silêncio e não perguntar o porquê. A surpresa aumentou quando ele mandou o Zé Crente parar na fazenda do seu Joãozinho Bento e, descendo com sua equipe, disse que iriam emprestar uma vaca, pois esta era a parte principal do que eles haviam planejado. Em menos de cinco minutos já voltaram com uma vaca, e em menos tempo ainda a vaca já estava acomodada para seguir seu destino, a área do conflito.

Ao chegarmos ao local, ficamos boquiabertos com a quantidade de gente, aproximadamente quatro mil pessoas nos aguardavam. Tinha gente em cima da cerca, gente pendurada em galhos de árvores, e os melhores lugares, os cupins em volta do curral, eram vendidos pelos cambistas que estavam faturando uma grana extra. Estava presente a banda de música que foi contratada pelo João Andrade e D. Ercília. De meia em meia hora a D. Zulmira rezava um terço e anotava as pessoas que iriam comungar mais tarde. Meu amigo Gilberto (GilberSullivan) e sua esposa D. Marli tinham contratado a dupla Cleyton e Denys e sua banda, que vieram de Caraguatatuba, e tiveram a participação especial da Vanessa Wilians, a Garota Verão Litoral Norte para o biênio 2002/2003. Ela, que é ex-crooner do grupo Commodors do Canadá, teve uma participação marcante cantando com Cleyton e Denys. Eles aproveitaram para, neste dia, fazerem o lançamento do CD especial da banda pelo selo MEM, com o trabalho de capa “Amor Proibido”, Marcos Roberto. Tigrão comandou as bailarinas: Janderneide da Vila Amélia e as irmãs Jú, Sueli e Celina do Morro Azul, que dançaram três clássicos de Tchaikovsky: Lago dos Cisnes, Penumbra Fictícia e Graça Esvoaçante, com coreografia de Marcos Ganso, Rui Brucutu e Pinto Loco.

Enquanto isso, o Zé Caveira teve uma reunião de emergência com seus auxiliares e deu início à operação triunvirato da paz, missão esta designada pela ONU. Plano em andamento: foi aberta a porteira e colocaram curral adentro a vaca emprestada do Seu Joãozinho Bento. Portanto, a partir de agora eram 72 vacas para serem divididas entre as partes em litígio.

A equipe sempre se posicionava em um ângulo melhor para que fossem focalizados pelas câmeras, pois lá se encontrava a imprensa falada, escrita, televisada e radiada (emissora de rádio) do Brasil e grande parte da Europa. Depois de ter certeza que tava dando ibope, o Zé Caveira cochichou alguma coisa com seus auxiliares e iniciou de vez a operação. Primeiro, foi chamado o Edmilson, que era o dono da metade do gado, ele deixou claro que não aceitaria menos que suas 35 vacas e meia, nem que para isto tivesse que dar início a um quebra-quebra. Zé Caveira respondeu: Você vai levar a metade, mas não de 71, e, sim, de 72 vacas. Você está de acordo? Claro, respondeu o Edmilson, sou bobo, mas não louco. Se é para levar vantagem é comigo mesmo. A porteira foi aberta e lá se foram 36 vacas.

Neste momento, o Dimas quis protestar, mas o Zé Caveira pediu calma e disse: Com certeza você também vais sair ganhando no final. O Dimas foi chamado, ele veio meio cabreiro, mas ficou feliz ao saber que ao invés de receber  $17\frac{3}{4}$ , ele receberia 25% de 72 vacas, portanto, 18 vacas inteiras. Ficou feliz. A porteira foi aberta e Luiz Antônio e Shesman colocaram para fora as 18 vacas.

Chegou finalmente a vez do Messias. Este, o mais fácil de ser resolvido. Seguindo as instruções do contrato de formação da sociedade, Zé Caveira e equipe propuseram o seguinte: Sendo o total real de gado 71 vacas, o Edmilson levou 36, ficando 35; daí, o Dimas ficou com 18 vacas, sobrando da boiada 17 vacas, que por força do contrato pertence a você. Claro que alguém ou até mesmo você pode observar que a porcentagem para o Edmilson e para o Dimas foi baseada em 72 vacas, mas esta vaca que trouxemos foi uma estratégia a ser usada, era nosso apoio logístico, e acho que deu certo. O Messias se emocionou e plenamente de acordo foi embora feliz com suas 17 vacas.

Agora temos certeza de que aquela conversa antes do início da divisão do gado era uma orientação para Luiz Antônio e o Shesman de que, toda vez que fosse aberta a porteira para algumas vacas saírem, era para evitar a saída da vaca do Seu Joãozinho Bento, pois ela seria devolvida.

Com muita emoção o povão aplaudiu a equipe do Zé Caveira, que havia cumprido mais uma missão de paz pelo mundo.

Ficamos sabendo depois que o show de Cleyton e Denys e sua banda, com a participação especial da Vanessa Wilians, continuou por mais três dias e três noites, agora com café com biscoito oferecido pelo Zé Índio do Ovomaltine, doces e pé-de-moleque da Amélia e ainda com a pinga distribuída de graça pela Dona Neide.

O tempo passou. Hoje, os três são amigos novamente. A tranquilidade voltou àquele bairro amigo e hospitaleiro, graças à equipe de Paz da ONU e os terços e mais terços rezados pela D. Zulmira e pela Izabel.

Até o próximo mês, se Deus quiser!

O Paraibunense, Fevereiro de 2002.

## **Festa de Aniversário com Direito a Show com Eduardo e Donizetti**

Ano de 1997. D. Maria Helena Navajas, esposa do meu amigo Rubinho, resolveu fazer uma grande festa para comemorar o aniversário do seu neto Cloviquinho. De comum acordo, ficou decidido que seria realizada na Fazenda do Seu Clóvis Barbosa, avô paterno do aniversariante. A lista de convidados ultrapassou 500 pessoas, e a encomenda do bolo ficou a cargo da Da. Deia, mãe do Lelinho. Era época de Natal, e Da. Deia decidiu que as 120 formas seriam distribuídas de tal forma que o bolo ficasse com o formato exato de um presépio. Seria uma obra de arte.

D. Maria Helena, não medindo esforços e nem se preocupando com os gastos, acabou contratando a famosa dupla sertaneja Eduardo e Donizetti, que viria com sua banda, para abrilhantar o aniversário do Cloviquinho. Seria um show de mais ou menos três horas, conforme acordo assinado entre a contratante e os empresários dos artistas, Roberto e Jussara.

Durante toda a semana, a D. Deia passou superatarefada nos preparativos para o bolo. No sábado, véspera da grande festa, recebeu a visita das netas, Vitória e Ana Flávia. Quando elas viram a avó toda atarefada, resolveram ajudar. Claro que mais brincavam, fazendo guerrinha com a massa do bolo e os apetrechos da cobertura, mas, tudo bem, estava em família.

D. Deia, feliz da vida, ainda se dava ao luxo de colocar o rádio ao lado da batedeira industrial, com capacidade para até 70 quilos de massa por vez. O rádio era um Transcap bem antigo, pesava mais ou menos seis quilos, estava sintonizado na Difusora do Vale, 93,1, no programa Sábado 10 do Zé Borracha e Enéas Sodré, no volume máximo, e era ouvido do Bairro do Caracol até a vila Camargo.

A batedeira estava ligada na máxima rotação, mais parecia uma britadeira vibran-



do todo o quarteirão, e o rádio, recebendo tanta vibração, acabou se deslocando e caindo na massa do bolo. E era uma vez um rádio que tinha sobrevivido ao dilúvio, mas com certeza não iria resistir à violência da bateadeira industrial.

Quando percebeu o sumiço do rádio, D. Deia ficou intrigada. Perguntou para as netas, mas como as duas disseram não saber do paradeiro, teve que se resignar. De vez em quando, tinha um pressentimento estranho, mas torcia para que isto não se confirmasse.

No domingo, após o almoço, quando o enorme bolo foi transportado até o local da festa, houve até carreata. Inúmeros carros acompanharam a carreta prancha da Cedrap, que fez o percurso levando o bolo até a fazenda do Seu Clóvis, onde a festa seria realizada. O Clovinho, pai do aniversariante, distribuiu quase uma tonelada de fogos Caramuru, e uma equipe bem treinada realizou um show pirotécnico. A chegada à fazenda foi apoteótica. Lá se encontravam centenas de convidados. O som de Eduardo e Donizetti com sua banda já arrepiava um bailão, com a poeira levantando e guanxumas sendo arrancadas pelos dançarinos entusiasmados. Alguém entregou para o Clovinho um pistolão de 12 tiros, que aparentemente estava com defeito. O Clovinho, distraído, jogou em um canto qualquer, sem imaginar que aquilo poderia ser tremendamente perigoso.

O bolo foi colocado na enorme sala na entrada da sede da fazenda. O pessoal se dirigia para os fundos, onde, em um terreirão enorme, de quase um alqueire, acontecia o animado bailão. A criançada estava feliz da vida, havia vários pontos de distribuição de balas, doces, bexigas, tudo que a criançada tinha direito. Os convidados chegavam aos borbotões.

O clima propício para a grande festa só começou a se alterar com a chegada do Seu Zé Vilhena e a esposa, D. Celina, e também do Zé Júlio e a D. Neuza. Eles vinham conversando distraídos, e, ao se depararem com o bolo, pensaram que fosse um presépio, se ajoelharam e começaram a rezar um terço. Logo veio o Laurinho e a Márcia e, claro, também se ajoelharam e participaram fervorosamente do terço. A situação era a seguinte: quem chegava, ajoelhava e participava da reza, e quem vinha de dentro pra fora não via alternativa a não ser participar daquele grupo. Nesse momento, a Márcia Zalote e a Cassiara Neder, seguindo orientação não sei de quem, anotavam o nome das pessoas que queriam comungar.

Eram 19h45, o bailão tinha parado, pois a maioria dos convidados se aglomerava em volta do bolo e das pessoas que rezavam, e ninguém tinha coragem de interromper a reza para explicar que não era um presépio e sim um bolo de aniversário do Cloviquinho. De repente, teve início o que parecia ser um terremoto. Acabou a energia. Começou uma enorme briga de cachorros que vinha de fora para dentro, e distribuíam dentadas pra todos e por todo lado. Para complicar a situação, estourou um cano de água de seis polegadas. A água, com toda violência, batia no forro da casa e trazia de volta pedaços de madeiras e picumã, na trajetória arrancava parte do bolo e da cobertura e chapiscava o povão desesperado, que não sabia o que fazer e pra que lado correr.

Alguns minutos depois a luz começou a voltar. Primeiro uma parcial de 30% da capacidade total. Naquela penumbra, a situação era desoladora. Tinha gente desmaiada, crianças lambuzadas com cobertura de bolo, tinha perucas no chão com cobertura de chantilly, que mais pareciam ninho de passarinho arrancado com a força da chuva e semicoberto de granizo, tinha também dentaduras pelo chão e, em uma dança tétrica, parece que caminhavam para o que tinha sobrado do bolo de aniversário. O mais engraçado aconteceu com a Márcia Zalote, com várias mordidas na barriga da perna. Tinha sangue já meio seco e também sangue ainda ver-tendo e misturado com a cobertura do bolo mais parecida com uma floresta negra. Chegamos a pensar que o Bin Laden tinha mandado sua equipe acabar com a festa. Ainda bem que o amigão Cláudio Pantera, assessor e tradutor da dupla, teve

a feliz ideia, e ligou para as agentes de saúde, que ao receberem o SOS, imediatamente uma equipe de elite foi deslocada ao local determinado. Em tempo recorde, fizeram uma lotação a pé, em 8 minutos e 14 segundos chegaram até o local da chamada.

A luz tinha voltado totalmente, e, com a chegada das agentes de saúde, a situação já não era tão crítica. Em poucos minutos todos tinham sido atendidos e o bailão iria ter prosseguimento. Eduardo e Donizetti, com a sua superbanda, começaram novamente um show-baile. Enquanto muitos casais dançavam, muita gente comia o que tinha sobrado do bolo. Entre os convidados, tinha uma velha que dizia ser fã de carteirinha da dupla. Ela escondia a idade, mas confirmou que tinha sido garçoneiro na Santa Ceia, e, depois da morte dos apóstolos, passou a torcer e acompanhar a carreira da famosa dupla em todas as apresentações. Acontece que ela sofria de catarata e, para piorar a situação, fumava charuto. Era uma verdadeira chaminé ambulante.

Você se lembra do pistolão de 12 tiros que, aparentemente danificado, foi jogado em um canto qualquer, mais precisamente foi cair dentro de um pilão? Neste momento a animação era total, o incidente já tinha sido esquecido, e a marvada velha procurando um lugar para sentar, não achou nenhuma cadeira vazia e acabou sentando no pilão. Ao sentir algo duro cutucando seu bumbum, tateou e, pegando aquele objeto esquisito, pensando que fosse um charuto, colocou entre os dentes e tacou fogo.

Quando começou a sequência de tiros, o povão apavorado pensava que fosse a volta do Bin Laden e sua equipe destruidora. Mas correr pra que lado? Ao contínuo: no sétimo ou oitavo tiro do pistolão, a velha foi impulsionada a vácuo, e, na trajetória destruidora, arrancou a janela, levando também um varal cheio de roupas. Enganchado na barra da saia, levou o violão do Donizetti. Não satisfeita, também levou consigo a metade de uma antena parabólica. Em segundos, sumiu nas galáxias.

O povão, atordoado, sem saber o que fazer, achou que o melhor era continuar com a festa e seja o que Deus quiser. Mesmo com tantas preocupações, a D. Deia não parava de pensar no que tinha acontecido com seu rádio de estimação. Ela tinha uma suspeita, mas torcia para que não se confirmasse. De repente, aconteceu o que mais temia! Alguém, tirando algo da boca, falou bem alto: Tã vendo? Bolo de aniversário de rico tem até patrocinador. Este que estamos comendo foi patrocinado pela Rayovac! Disse, mostrando um pedaço de plástico com a tal marca, o qual estava parcialmente mastigado e com vestígios de resto de bolo. Agora não tinha mais o que fazer, o rádio tinha sido batido junto com a massa do bolo.

Por incrível que possa aparecer, a festa continuava superanimada. As pessoas pareciam ter esquecido tantos transtornos em um só dia.

Desta vez foi apenas um pequeno susto, quando o Laurinho falou bem alto: Será que bebi demais ou estou vendo um fantasma? Pois eu tenho certeza absoluta que uma árvore queimada está andando e vem na nossa direção. Logo tiveram a confirmação: realmente ela caminhava em direção à festa, só que não era uma árvore queimada, e, sim, a marvada velha da catarata, toda chamuscada. Ela trazia algo brilhando no pescoço, que mais parecia ser uma gargantilha, mas não era. Na realidade, eram algumas cordas de violão do Donizetti, que tinham ficado enroscadas em seu pescoço no trajeto feito, destruindo tudo. Agora ela voltava, pois ainda tinha pique para participar do show da dupla e prestigiar o aniversário do Cloviquinho. Essa velha é coisa de lóco!

Até a próxima. Voltarei se Deus Quiser!

## **Betinho e a Fonte do Imposto de Renda**

Betinho Camargo, quando vereador em Paraibuna, foi um caso atípico. Às vezes, distraído, vinha à sessão de câmara em dia errado. Às vezes, vinha um dia antes, e, claro, esperava até a sessão. Mas quando vinha depois, sempre tinha desculpas, era a ferradura do cavalo que tinha soltado e atrasado sua viagem ou em alguns casos chegava a culpar o horário de verão, pois ao invés de atrasar ele tinha adiantado o relógio – diferença do fuso horário ou o horário confuso tinha provocado aquela situação.

O tempo passava e já estava na metade de seu mandato. Não tinha apresentado nenhum projeto. Já tinha gente apostando, ou participando de bolão, cada um dando seu palpite se até o final do mandato ele iria ou não enviar um projeto à Câmara.

Certa vez, teve uma sessão extraordinária que varou a madrugada, e, dias depois, reunido com amigos, eu fiz o seguinte comentário: A vida é cheia de surpresas, pois na última sessão de Câmara o Betinho Camargo falou quase duas horas. Com isso quase fui agredido pela turma, achavam que era uma heresia. Se o Betinho Camargo, em mais de metade do mandato, não tinha apresentado nenhum projeto, e também não falava quase nada, como que teria falado quase duas horas?

De posse da fita gravada da tal sessão, e cercado pelos apostadores e curiosos, coloquei o toca-fitas em funcionamento. Quando alguém na sessão de Câmara perguntou: Betinho, que horas são? Ele, tranquilo, olha para o relógio e responde: Quase duas horas. No momento, levei safanões e cascudos, mas o importante é que provei o que tinha apostado e ainda ganhei uma graninha, graças ao amigo Betinho Camargo.

Tempos depois, um rebuliço na cidade. O povo não acreditava no que ouvia, pois o Betinho Camargo anunciava, para quem quisesse ouvir, que na próxima sessão iria apresentar um projeto, que com certeza iria revolucionar Paraibuna.

No dia da sessão, praticamente todo o povo estava lá para assistir. Chegou o momento tão esperado. Betinho Camargo levantou-se, estava nervoso, tremia igual a uma Toyota em ponto morto. Ele ainda estava começando a sua brilhante carreira política. De repente, tomou coragem e lascou o tal projeto: Construir em Paraibuna uma fonte. Foi uma decepção geral, pois todos esperavam um projeto maluco, espalhafatoso, o que seria normal.

Colocado em votação, alguns vereadores foram contra ao tal projeto, alegando que uma fonte não traria nenhum benefício e somente despesas. Betinho defendendo o projeto dizia: O que nós paraibunenses faremos então com o dinheiro do “imposto de renda”? Eu na minha santa ignorância fiquei pensando que o dinheiro do imposto de renda pudesse ser gasto em fontes ou parques, talvez. Mas a discussão continuou até que o Betinho, já nervoso, falou: Vocês vejam bem, na declaração de imposto de renda existem no formulário alguns itens como “imposto retido na fonte”, “imposto pago na fonte”, e como não temos fonte, temos que ir até São José dos Campos para fazermos a nossa declaração!

Os vereadores, pouco confusos, acabaram aprovando em respeito à atitude do vereador Betinho Camargo, que finalmente havia apresentado um projeto. A fonte foi construída perto da bomba do Agenor, e como vocês sabem, ficou muito tempo sem funcionar. Pelo que fiquei sabendo, o projeto foi aprovado, mas com a condição de não encherem de água, com receio que alguém menos avisado, ou o próprio Betinho, ao declarar ou pagar o imposto na fonte, acabasse se afogando. Hoje, com um pouco mais de esclarecimento, já foi possível reformá-la e, quando funciona, é uma linda atração de nossa cidade.

## O Show do Gastão da CESP e Seu Maverick Envenenado

Década de 90. O Gastão da Cesp e seu grupo lírico faziam grande sucesso animando festas, eventos importantes e velórios de toda região. Era formado pelo Gastão, novo ex-poente musical, e era acompanhado pelas vocais: Paulinha da Padaria Mimosa, Sandra de Sá do Cruzeiro, Soninha da Cesp, Patrícia da Cooper e o Barretinho. Em alguns momentos do show, ele cantava em italiano para delírio dos fãs. Mas, sem dúvida, o grande momento era no encerramento, quando invariavelmente ele apresentava o clássico: Graças Esvoaçante de Tchaikovsky, com a coreografia de Marcos Ganso, Pinto Loco e o Cuêio, o galã do velório. Esse grupo promissor era patrocinado e empresariado por seu Jack Ananias e pelo Rui Brucutu, os quais divulgavam e vendiam shows por todo Vale do Paraíba. Certa vez, eles foram contratados pelo Dr. Wilson de Almeida Costa, que iria comemorar em uma de suas fazendas o aniversário de seu casamento. E finalmente chega o dia. Dos mais de dois mil convidados, a maioria já se achava presente na grande festa.

Horas antes do show, surge o primeiro contratempo, pois alguns componentes do grupo não tinham sido avisados do show e tinham ido passear em São José dos Campos. Um dos empresários, o Rui Brucutu, tinha um Maverick vermelho, ano 93 (acho que era 93 anos de uso), que era um verdadeiro furor. Acontece que, dias antes, ele tinha encomendado com o mecânico Boneca, da oficina Andorinha, que deixasse seu carro envenenado. Claro que ele fez o serviço, conforme combinado, mas o incrível é que sobraram 14 peças do motor e, não se sabe como, o motor continuou funcionando, só que o carro já não era mais o mesmo. O Maverick, além de envenenado, agora também estava maluco, pois quando pisava no freio, o capô levantava, ao acelerar, as portas se abriam, e as marchas ficaram invertidas, a 1ª no lugar da 3ª, a 2ª no lugar da 4ª e vice-versa, e, geralmente, quando engatava a ré, o carro ia pra frente. O sucesso do serviço do Boneca repercutiu tanto que, a convite da Ford, o Boneca foi para os Estados Unidos, mostrar aos engenheiros da multinacional onde estava o excesso de peças que no final acabava encarecendo o valor do carro. Já apresentamos o Maverick do Rui Brucutu. Vamos em frente. Ele foi buscar os componentes do grupo em São José. Claro que foi com seu Maverick vermelho do capô preto. Quando estava voltando, foi parado pela Polícia Rodoviária. Vamos ao incrível diálogo entre o guarda rodoviário e nosso personagem Rui Brucutu. O guarda pediu os documentos, o Rui respondeu: Seu Guarda, eu perdi e tá muito caro pra tirar a 2ª via. Diz o Guarda: Tem extintor? Responde o Rui: Tem, mas está descarregado e calçando o banco por causa de um buraco no assoalho. Limpador de para-brisa?, continua o policial a questionar. Rapidamente o Brucutu responde: Tem, mas não funciona. Também eu não dirijo com chuva. Buzina? Não tem, mas com o barulho que faz, não preciso buzinar nunca. O Guarda perguntou por perguntar, pois tinha certeza que não tinha: Tem cinto de segurança? E veio a resposta afirmativa. O Guarda se assustou e perguntou novamente: Tem? E novamente a resposta: Claro que tem. Onde está? Tá perto do motor, amarrando o botijão de gás. O guarda ficou estarecido, e falou meio na gíria: Olha... Sou obrigado a tirar (tomar) a sua carteira de habilitação! O Rui respondeu feliz: Se o senhor tirar, é um favor, pois faz dois anos que eu tento tirar e não consigo. Quando passo no escrito, reprovado no psicotécnico. Às vezes eu passo no psicotécnico, mas reprovado na baliza. O guarda, sem saber o que fazer, resolveu deixar o dito pelo não dito, e disse: Você tá liberado, pode ir embora. E ouviu a

resposta: Seu guarda, tem um probleminha. O carro não tem partida. Por favor, dá um tranco para nós seguirmos viagem. Depois de empurrado, mais ou menos uns quatro quilômetros, o carro pegou e seguiu seu destino à fazenda do Dr. Wilson, onde o povão esperava ansioso pelo grande show do Gastão da Cesp e seu grupo fantástico.

O show estava superanimado, com os assistentes de palco: o Bacaiu do Seu Tito e o Rony, marido da Professora Helô, tendo que se desdobrar para que tudo transcorresse bem e ainda por cima anotar os pedidos dos fãs enlouquecidos. De repente, alguém procura o empresário Rui Brucutu e pergunta: Eu posso fazer um pedido? Claro!, responde o Rui, feliz com o sucesso do conjunto. Diz novamente aquele fã: O pedido vem por escrito e assinado por mais de 50 pessoas. Responde o Rui: Manda ver, quem manda é a galera. E finalmente é feito o pedido: Nós pedimos para que pare o show, pois tá ruim demais!!!

O Paraibunense, Junho de 2002.

## **O Defunto que não tinha morrido**

Por volta de 1990, este fato aconteceu no meu bairro do Ribeirão Branco. Era mês de junho, comemorava-se o aniversário de nossa cidade. Muita gente do bairro aproveitava aquele dia de domingo, o dia de encerramento da tão esperada festa, para ficar até o último minuto e, depois, marchar a pé os 25 km que separavam nosso bairro da cidade. Pouquíssimas pessoas iam a cavalo. De carro, nem pensar. Acontece que tinha falecido uma pessoa no bairro. Alguém foi incumbido de vir até a cidade comprar o caixão e providenciar uma condução que o levasse para o dito cujo que tinha desistido da vida. O emissário, sem muita dificuldade, comprou o caixão e contratou o Tião Moreira, que, de vez em quando, fazia alguns carretos com um caminhãozinho Fordinho 29 que seu saudoso pai tinha usado a vida toda e deixado como relíquia para a família. O Tião pensou, vai eu e este capiau, mas na volta tem que ter alguém para abrir as porteiças, portanto convidou seu amigo Cevinha para, juntos, partirem para aquela simples viagem, sem imaginar que o final poderia ser trágico. Lá ia o caminhão pelas estradas do Ribeirão Branco, levando em cima da carroceria um caixão de defunto, sem nada dentro (é claro, pois o dito difunto ainda estava quente, esperando a viagem para última morada). Eis que, ao passar por uma pessoa que caminhava na mesma direção, Tião resolveu dar uma carona, economizando para o coitado umas boas léguas a pé.

Diálogo do caroneiro com o Tião Moreira: Oh, moço! Será que o sinhô pode me dar um bera até o Ribeirão Branco? Pode trepá lá em cima, amigo, e, olha, lá na carroceria tem um caixão de defunto, mas não se preocupe porque ele está vazio. Tô levando para um morto que morreu de madrugada.

O novo passageiro sobe na carroceria e o caminhão segue viagem. De repente, começa a choviscar uma chuvinha que parecia estar sendo peneirada. O nosso novo personagem tinha tomado remédio quente e, portanto, não poderia levar todo aquele chuveiro na cachola. Sem pensar duas vezes, abriu a tampa do caixão e se agasalhou dentro dele, de um jeito até bem gostoso. Fechou o caixão com a tampa, sem medo de nada, pois se tratava de um caso de extremado cuidado com sua saúde. Acontece que, conforme o caminhão ia rodando, outras pessoas que caminhavam também pediam carona, e o Tião Moreira pensava: aonde vai um, vai um punhado. Nesse momento já se formava um grupo de mais ou menos 20 pessoas encarrapitado em cima da carroceria do caminhãozinho. E a chuva engrossando de vez em quando. Uma daquelas pessoas comentava, olhando para o caixão: Coitado desse aí, heim? Foi desta para melhor, né? Todos achavam que ali

tinha um defunto fresco, pois o motorista ia avisando: Olha, pode subir, mas não liga para aquele de cima, não.

Eis que, de repente, a chuva dá uma parada boa, aparecendo até uma fresta de sol. Foi nessa hora, dessa estiada, que o capiau que ia dentro do caixão de defunto abre num impacto a tampa, e sentando-se num gesto brusco, pergunta a todos:

Cumé que é, moçada? Já parô de chovê no mundo?

Nem é preciso dizer o que aconteceu. Foi gente pulando para tudo quanto era lado, isso no pior trecho da viagem, quando o caminhão descia em alta velocidade uma enorme descida pedregosa às margens da represa.

Claro que o enterro foi realizado, só que ainda não se sabe oficialmente, de quantos...



# INSTITUTO ChãoCaipira

“Malvina Borges de Faria”

Ao mesmo tempo, a cultura caipira vive dois momentos. Enquanto alguns ainda teimam em ignorar seu valor, muitos estão procurando conhecer a importância desse comportamento. E isso está levando nossos caboclos a saírem de suas tocas e nos mostrarem toda a originalidade que guardaram durante anos. Tempo em que o preconceito era geral.

Pensando nisso, é que desde novembro de 2010, Paraibuna conta uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, devidamente aprovada pelo Ministério da Justiça.

A entidade criada pela família Faria e amigos, está preparando vários projetos visando o registro,

resgate e fortalecimento da cultura Caipira em todo o Vale do Paraíba.

Está qualificada para receber da sociedade civil, jurídica ou pública, incentivos financeiros destinados a realização de projetos.

Dentre os projetos, um já está no ar:

é a TV Chão Caipira, que surge com uma proposta inovadora na comunicação regional.

Em princípio a TV, que está no ar desde 1 de abril de 2010, está apresentando reportagens de vários temas, do arquivo pessoal de João Rural.

A perspectiva é de que, conforme os projetos em andamento, passe a produzir novidades da cultura regional.



